José Ozilso
Natal - RN

23-09-2002

SÉCULO

Ano - 02 - Nº 02
Dezembro/97
Natal/RN

Fundação Cultural
Padre João Maria

Fundador: Ulisses Celestino de Góis
Presidente: Carlos Rosalvo de O. Serrano
Vice-presidente: Flávio Cláudio Siminéa
Secretário-geral: Vivaldo de Lima
1º Tesoureiro: Rosaldo Moreira de Aguiar
2º Tesoureiro: Paulo Pereira dos Santos
Consultor Doutrinário: João Wilson Mendes de Melo
Consultor Jurídico: Enélio Lima Petrovich

Conselho Editorial
Itamar de Souza
Paulo Pereira dos Santos
Auricéia Antunes de Lima
Jurandyr Navarro da Costa
Luiz G. M. Bezerra
Rosaldo Moreira de Aguiar
Editor :Arlindo Melo Freire - 86/DRT-RN

Arte-final: Edenildo Simões - 614/DRT-RN
Digitação: José Maria F. de Lima
Impressão: Departamento Estadual de Imprensa

Esta edição - R$ 5,00
Rua Açu, 384 - Telefone - (084) 222.1529
Natal/RN - 59020/310

Sumário

A seca, o Vale do Assu 05
Padre Antônio Vieira 13
Operários fazem mudanças 18
Desertificação secular 39
Erudição 42
O cavalo na literatura 46
Relembrando o sertanista 52
Doenças procedem de águas 56
Os leigos na Igreja primitiva 58
O educador militante 61
Cirurgia no Brasil 65
O planeta Marte 69
Mestre da Ciência 74
O pioneiro da macroeconomia 78
Retrato de Academia 83
A arte fácil 87
O Sagüí é nosso vizinho 90
Governo de Mário Câmara 92
Seridó e sua gente 97
Cultivo do camarão 100
O primeiro avião em Natal 103
Em defesa do Rouxinol 105
Abecedado a Veríssimo de Melo 108
Remo Potiguar - centenário 111

Trabalho Solidário

No mundo atual, o conhecimento continua sendo a base fundamental para que o ser humano tenha o princípio elementar da vida normal, digna e útil dentro da sociedade.

Por este motivo, permanecemos com o esforço e trabalho concentrados, visando à edição desta revista ***Século****, sem considerarmos o retorno lucrativo e, tão pouco, os resultados oportunistas.*

Estamos cientes de que temos um lugar no espaço e no tempo em que vivemos - para ser ocupado de forma integrada e participativa na complexa dimensão da humanidade.

O nosso propósito, nada mais é, do que colocarmos na vitrine da Comunicação Social, este pequeno modo de ver, sentir e pensar os fatos reais e virtuais.

Na esquina do nosso universo, observamos silenciosamente, o revigoramento do sistema capitalista de 500 anos que vem caminhando inconseqüente e cruelmente - fazendo a miséria dos seres humanos.

Na linha infinita do tempo - temos a convicção de que o projeto da revista ***Século****, jamais será um dos veículos ou meios da globalização neoliberal que vem sendo im-*

plantada para conduzir o homem e a sociedade aos desertos que se manifestam.

Na perspectiva dos séculos, apesar de tudo, acreditamos que a sobrevivência humana é a conseqüência da solidariedade, justiça, trabalho, cooperação e dignidade que garantem a espécie humana.

No infinito da vida, a história e a fé revelam que temos um Deus semelhante ao ser humano, para ser respeitado e amado em qualquer circunstância e lugar.

Este é o princípio e fim dos séculos em que iniciamos esta revista, dando prosseguimento aos propósitos recebidos e que esperamos repassa-los para outros homens e mulheres da cidade/universo em que estamos.

Em qualquer época e local - o ser humano é uma semente do fruto produzido pela árvore que desaparece, mas permanece com vida.

O Editor

Pesquisa

A seca o Vale do Assu e a Universidade

Terezinha de Queiroz Aranha*

Como um dos mecanismos eleitos para identificação de contradições equívocos e erros, que vêm sendo cometidos na interpretação de fenômeno seca, e na gestão da política de combate aos efeitos, o CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO - CEDISA, transformado em uma das Bases de Pesquisa do Núcleo Temático da Seca e do Sertão semi-árido (NUT-SECA), se caracteriza com uma fonte de informação especializada em assuntos e situação vivenciadas pelas populações, no contexto do semi-árido norte-rio-grandense.

Reconhecendo que o tempo passado se não puder dar uma direção, pode contribuir para evitar algumas distorções partimos para organização de um Acervo Informacional, capaz de demonstrar o agravamento de situações críticas que não vêm sendo corrigidas pelas seculares políticas anti-seca e outras políticas correlatas.

Como exemplo, assinalamos antigas problemáticas que tipificam uma política cuja orientação não foi capaz de eliminar:

- a fome e a falta d'água, assinaladas desde 1583.
- as "invasões" e "saques" - em busca de alimentos - que apesar de iniciados pelos índios, se constitui no ritual, repetido até os dias atuais, a cada estiagem reconhecida como "calamidade pública", pelo Governo Estadual.
- os Programas de "SOCORROS PÚBLICOS", intitulados hoje de Programas de Emergência, já reconhecidos em 1890, pelo Governador interino do Rio Grande do Norte, Dr. Adolfo da Silva Gordo - como "uma calamidade". Isto porque, explicou ele, "fez-se dos Socorros Públicos um meio de arranjos eleitorais, estabelecendo-se comissões em todos os pontos do Estado, formadas com amigos particulares do governo aos quais eram entregues grandes somas de dinheiro e grandes quantidades de fari-

nha de mandioca para distribuírem a seu bel prazer".

Afora a documentação levantada nos Arquivos, denominados também de "lugares topográficos" por Jacques Le Golf, em seu livro História e Memória, destacam-se também, as **fontes de pesquisa bibliográfica**, decorrentes de trabalhos de campo, realizados por pesquisadores, que "buscam entendimento para questões pontuais, formuladas a partir de matrizes teóricas.

Com essas duas fontes de pesquisa - arquivística e bibliográfica - o CEDISA vem procurando construir um serviço, cujo o potencial informativo possa ser avaliado não só pela quantidade e qualidade, mas também pela possibilidade de fácil acesso:

- **pela comunidade acadêmica do Rio Grande do Norte**, por considerarmos que o primeiro compromisso da pesquisa universitária é com a geração de conhecimentos novos e com a transmissão desse conhecimento ás salas de aulas, o que só é possível com a detenção de um saber próprio e a qualificação progressiva de seus professores.

- **pelos gestores das políticas públicas**, interessados em transformar situações de progressiva pobreza, não só das populações, mais do próprio ambiente físico e cultural, em que vive essas populações, pela visível e rápida degradação/destruição de suas riquezas naturais e infra-estruturas físicas.

- **pela Rede de Informações da UFRN**, conectada com Banco de Dados, "Servidores" e Centros de Informações, nacionais e internacionais.

Para que o acesso a esse acervo seja tão rápido quanto necessário, resolvemos estruturar o CEDISA, a partir de um **Programa de Desenvolvimento de Coleções.**

O que deve ser entendido como Programa de Desenvolvimento de Coleções

Embora se saiba que a história se faz independente **das fontes**, não podemos deixar de reconhecer que a **organização bibliográfica** facilita enormemente o trabalho dos historiadores, professores e pessoas que necessitam de informações com maior frequência, seja nas suas atividades de docência e estudos ou na gestão de tarefas públicas e privadas.

Com a preocupação de enfrentar de forma adequada, o ritmo crescente dos materiais informacionais, existentes no contexto estudado, o "Programa de Desenvolvimento de Coleções", implementado pelo Núcleo da Seca, tem como diretriz **organizar o conhecimento registrado**, a partir do que foi pensado em 1980 pelo Grupo do então Programa de Estudo "A Problemática da Seca no RN", que no início de suas atividades, **refletiu sobre o que seria estudar a seca, dentro de uma Instituição Universitária**, face ao considerável acervo de informações já existentes, sobre o fenômeno seca, a sua política e as formas de seu enfrentamento, utilizadas

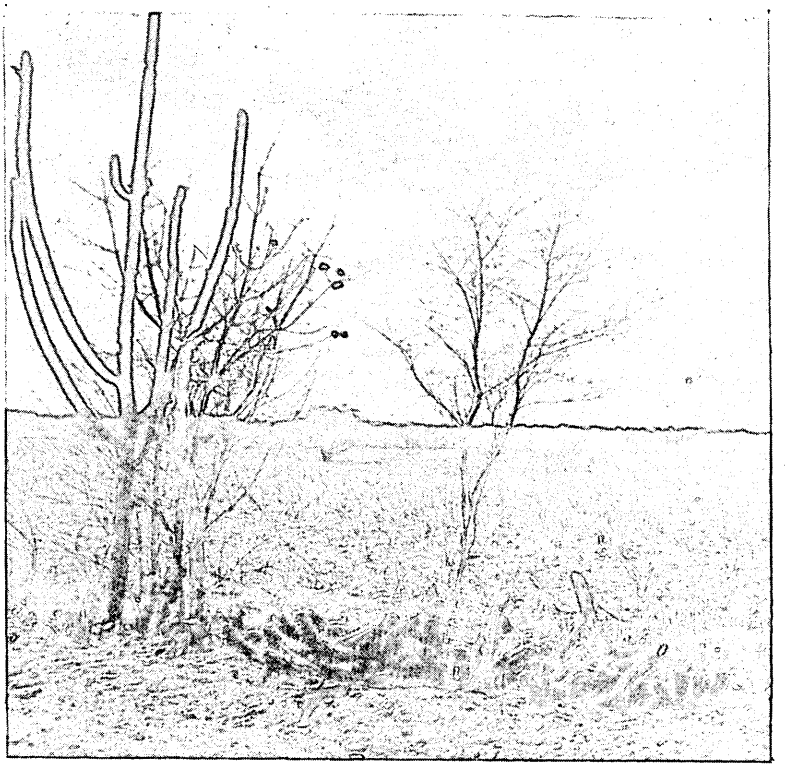
pelas populações, e que merece ser conhecido e analisado.

O entendimento sobre **a função da universidade no ato de repensar a seca**, se deu em duas direções: **ao nível de governo**, responsável pela definição e execução de políticas e **ao nível da própria universidade**, como unidade de ensino, responsável pela formação curricular dos recursos humanos, engajados nessa ação governamental específica.

Para isso considerou-se imperativo a criação de oportunidades capazes de acumular um conhecimento sistematizado (a partir do acervo já existente) **sobre as contradições, equívocos e erros** que vem sendo cometidos pelas gerações anteriores, na administração das políticas públicas deste setor.

Foram consideradas **contradições, equívocos e erros do Governo:**

- a superposição de órgãos ao nível federal, regional e estadual, burocracia emperrada, descontinuidade dos programas, improvisação e abandono de construção de obras hidráulicas "ditas" permanentes, jogo de interesse que beneficia agentes dos setores público e privados; distorções de objetivos programáticos. Todas essas situações geradoras da conhecida "indústria da seca" atestam a ineficácia, ou mesmo irresponsabilidade das administrações públicas para lidar com uma



A seca no Rio Grande do Norte sempre está presente nas pesquisas e documentários organizados por Terezinha Aranha.

simos sermões e, ao mesmo tempo, começou a escrever as seguintes obras **Clavis Prophetarum** (A Chave dos Profetas), **História do Futuro** e **Esperanças de Portugal ou Quinto Império do Mundo**, obra baseada nas profecias de **Gonçalo Anes Bardarra**, o sapateiro vidente. Neste livro, Vieira acredita que, em breve, D. João IV ressuscitará para instaurar o Quinto Império do Mundo, conforme as profecias de Bandarra.

Fazia 120 anos que Bandarra falecera. Mas, algumas das suas profecias se realizaram. Segundo o padre jesuíta, Martins. Bandarra previu que o reino de Portugal seria subordinado ao da Espanha, como, de fato aconteceu no período de 1580 a 1640; profetizou também que, 60 anos depois, seria restaurado por um soberano chamado João. Sem dúvida, esta profecia concretizou-se na pessoa de D. João IV, que restaurou o trono de Portugal em 1640. (Pe. Martins, S.J. - Padre Antônio Vieira, Missionário do Norte do Brasil, São Paulo, Edições Loyola, 1986, p.55).

Bandarra predisse também que um grande rei português reconquistaria Jerusalém à frente de uma grande armada, restauraria o império otomano e conseguiria converter os judeus. Para muitos portugueses, o soberano vaticinado por Bandarra era D. João IV. Por isso, após a sua morte, acreditavam que ele ressuscitaria para cumprir as profecias do sapateiro vidente.

Aconteceu, porém, que após a morte do rei, o Padre André Fernandes, confessor da rainha viúva, pediu que Vieira escrevesse alguma coisa para consolá-la. Foi quando, então, ele mandou para Lisboa o seu livro inédito - **Esperanças de Portugal**. O portador dos originais foi o capitão Paulo Martins Garro, amigo dos jesuítas. Sem autorização, ele tirou várias cópias desta obra de Vieira e as divulgou em Lisboa. A repercussão foi enorme! Segundo Lúcio de Azevedo, "os inimigos do autor farejavam a heresia e inculcavam na fé prestada ao Bandarra suspeições de judaísmo. (Azevedo, J. lúcio de - Op. Cit. Vol. II, 2ª edição, 1931, p. 7).

No dia 13 de abril de 1660, a Inquisição entrou em ação. É importante salientar que esta instituição mandava mais em Portugal do que o próprio soberano. Além disso, tinha raiva de Vieira porque ele defendia publicamente o retorno dos judeus que foram expulsos de Portugal pela Inquisição. Para Vieira, o regresso dos judeus, quase todos muito ricos e que fizeram grandes investimentos na Holanda, era o caminho mais prático para se fortalecer a economia portuguesa.

A Inquisição enviou o livro - Esperanças de Portugal - para o Santo Ofício, em Roma, que mandou logo abrir inquérito. Vencidas todas as etapas de processualística de então, Vieira foi encarcerado em Coimbra. Durante quase cinco meses, isto é, 16 de novembro de 1665 a 06 de abril de 1666, o grande orador ficou preso num "quarto de quinze palmos por doze, sem luz direta, a qual lhe vinha do corredor por uma fresta esguia". (Azevedo, J. Lúcio de - Op. cit. vol II, 2ª edição, 1931, p. 64).

Vieira foi condenado a viver, por tempo indeterminado, recluso em uma casa da Companhia de Jesus, sem ter o direito de pregar para ninguém. Era véspera de Natal de 1667. Verdadeira cassação! Sentença violentíssima para quem fez da arte de falar em público a sua razão de viver!

6. Reconquista do Direito de Pregar

Dois anos após a sua condenação, na Quaresma de 1669, Vieira readquiriu o direito de pregar. Em março daquele ano,

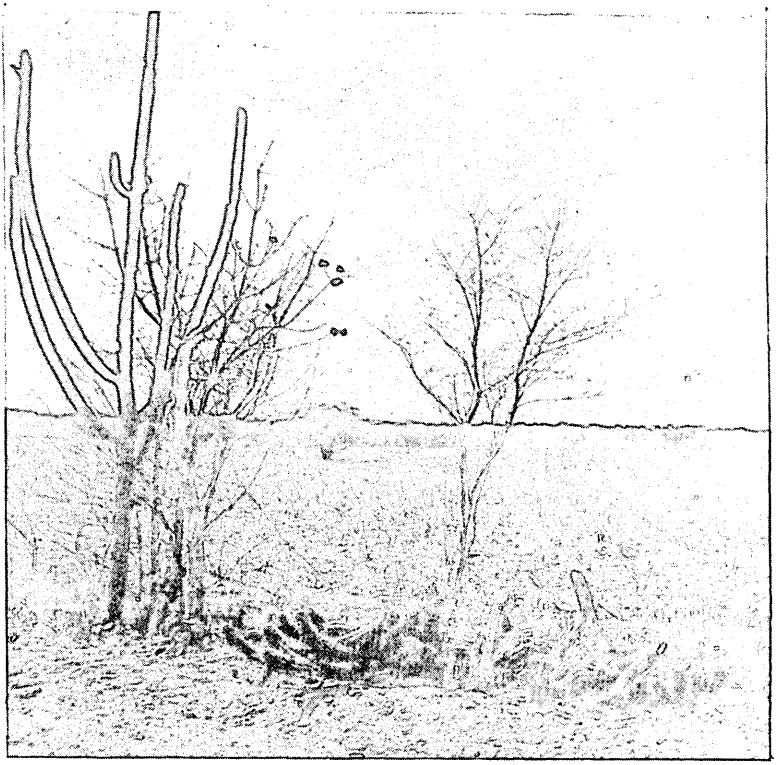
pelas populações, e que merece ser conhecido e analisado.

O entendimento sobre **a função da universidade no ato de repensar a seca**, se deu em duas direções: **ao nível de governo**, responsável pela definição e execução de políticas e **ao nível da própria universidade**, como unidade de ensino, responsável pela formação curricular dos recursos humanos, engajados nessa ação governamental específica.

Para isso considerou-se imperativo a criação de oportunidades capazes de acumular um conhecimento sistematizado (a partir do acervo já existente) **sobre as contradições, equívocos e erros** que vem sendo cometidos pelas gerações anteriores, na administração das políticas públicas deste setor.

Foram consideradas **contradições, equívocos e erros do Governo:**

- a superposição de órgãos ao nível federal, regional e estadual, burocracia emperrada, descontinuidade dos programas, improvisação e abandono de construção de obras hidráulicas "ditas" permanentes, jogo de interesse que beneficia agentes dos setores público e privados; distorções de objetivos programáticos. Todas essas situações geradoras da conhecida "indústria da seca" atestam a ineficácia, ou mesmo irresponsabilidade das administrações públicas para lidar com uma



A seca no Rio Grande do Norte sempre está presente nas pesquisas e documentários organizados por Terezinha Aranha.

problemática social que extrapola os limites de um fenômeno climático.

- o secular tratamento emergêncial que vem sendo dado pelos Poderes Públicos a um fenômeno natural/cíclico, que dissemina a idéia da seca como uma catástrofe imprevisível e incontrolável, atenuada apenas pelos favores políticos, pela distribuição de alimentos e pelo desemprego disfarçado.

- a implementação de grandes Projetos Hídricos - como uma nova estratégia no "combate a seca" como o caso do projeto Baixo-Assú

Como suporte para uma irrigação altamente tecnificada, visando uma agricultura para exportação, esses Projetos Hídricos vem provocando, particularmente no Vale do Assú, uma evidente degradação do meio ambiente, pela erosão, salinização e contaminação dos solos, além de sua pobreza, pela retenção no "fundo" da barragem do antigo "humus" que garantia a fertilidade dos seus solos aluvionais.

A instalação de empresas - no Vale do Assú - responsáveis pela oferta de produtos locais para mercados externos, **vem destruindo** progressivamente uma riqueza natural autorenovável - a floresta ciliar de carnaúba - que além de ainda oferecer mais de 2.000 empregos a população, mais vulnerável aos efeitos da seca, garante matéria prima para as benfeitorias locais, relativas a construção civil, e infra-estrutura das atividades agro-pecuárias da região.

Ao nível da Universidade - Há necessidade de que seja reconhecido que como instituição de ensino, formadora portanto da mão de obra que define e gerencia a política anti-seca, a Universidade - **além de contribuir para um entendimento parcial de uma problemática complexa** - não vem se dedicando como o assunto merece, a **uma abordagem multidisciplinar** que precisa ser enfrentada, de forma mais sistemática, pela comunidade acadêmica.

A desarticulação entre ensino, pesquisa e extensão, aliada ao sectarismo e apropriação dos saberes acadêmicos, que muitas vezes ocorre dentro da Universidade, agrava a fragmentação ensino/aprendizagem, determinada pelos parâmetros teóricos reducionistas.

As duas questões transcritas abaixo podem servir como exemplos do ensino setorizado.

- Como podem os alunos dos cursos de Ciências Humanas entender que o fator determinante do desapecimento das vazantes do Rio Açu, a partir da década de 80, que historicamente garantia a sobrevivência alimentar dos pequenos agricultores da região, se o seu **treinamento curricular não lhes fala sobre a ruptura do sistema hidrológico, provocado pelo barramento do rio?**

- **Será que a grade curricular oferecida pelos cursos de Engenharia Civil,** cujos profissionais são historicamente os mais requisitados para executarem os tradicionais projetos de açudagem, condição necessária da política anti-seca, adotada secularmente pelo **Governo, oferece oportunidades de um conhecimento sobre a função social ou sua utilização como um ecossistema?**

A **repetição sistemática desse aprendizado setorizado** dificulta que nos apercebamos que o conhecimento não é uma tarefa individual e sim uma tarefa que necessita de encontro, de troca entre todos os investigadores e universitários, das várias áreas de conhecimento, que trabalham nestes domínios disjuntos e que muitas

vezes se fecham como ostras, quando solicitados.

Com essas preocupações, partiu-se **para se pensar nas Coleções Básicas que devem ser implementadas no Programa de Desenvolvimento de Coleções**, capazes de responder a essas diretrizes e com isso torná-las consistentes e coerentes com os objetivos do Núcleo Temático da Seca e do Sertão semi-árido (NUT-SECA), na sua ação dentro e fora da Universidade.

Coleção Seca e Semi-árido

Um tema como a seca tão presente e condicionador da nossa vida de nordestinos teria de ser objeto de muitos estudos. E isso vem acontecendo secularmente.

No caso particular do RN é notório o esforço empreendido pela Coleção Mossoroense, cuja temática envolve uma série de títulos que inclui livros, separatas, textos jornalísticos, artigos publicados na imprensa local, Relatórios Técnicos, além de Programas e Projetos, desenvolvidos pela Inspetoria Federal de Obras contra as Secas, que a partir de 1907 inaugurava oficialmente no país o seu Programa de Estuda sobre o Nordeste, como órgão do Governo Federal, responsável pelo planejamento e execução da política de "combate as secas" na Região.

Tentando inovar na organização de registro sobre o fenômeno no RN, e a problemática dele decorrente, e então Programa de Estudo "A Problemática da Seca no RN" no ano de 1980 partiu para a coleta e a organização de textos jornalísticos. Dos recortes temáticos coletados, o nosso acervo já possui registros que correspondem a nove décadas, ou seja 1910-1990.

A escolha dos jornais para o início da construção desse novo acervo acumulado nos arquivos existentes no Estado, se deu pelo nosso entendimento de que a imprensa, no afã de informar diretamente os acontecimentos locais, demostra com certa periodicidade as ações programáticas governamentais, de onde se pode identificar com maior facilidade os **equívocos, erros e contradições**, inseridos no bojo e dinâmicas dessas ações.

Coleção Vale do Assú

O interesse para se estudar o Vale do Assú e Região Salineira de Macau nasceu primordialmente da constatação de que embora exista na região o maior potencial hídrico acumulado no Estado, as condições de vida - dos pequenos produtores - alí existentes, não diferem das condições de vida encontradas nos municípios, reconhecidamente secos, que não dispõem de riquezas naturais tais como: sal, petróleo, solos favoráveis para uma cerâmica de qualidade e uma irrigação comercial de exportação, como no caso do Vale do Assú.

Essa constatação partiu de uma pesquisa exploratória que o Programa de Estudo "A Problemática da Seca no RN" realizou na década de 80 em 7 municípios do Estado: Lages, Mossoró, Apodí, Alexandria, São Tomé, Jucurutú e Assú.

Outro fator que determinou a escolha do vale do Assú e Região Salineira - para estudos mais sistemáticos - diz respeito ao problema de desemprego e impactos ambientais ali provocados, a partir do "processo de modernização" instalado em 1960, com a tecnificação do parque salineiro de Macau e posteriormente, com a construção e inauguração da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, no ano de 1983.

Outros fatores podem ainda serem assinalados, como determinantes desta escolha, não só pela polêmica criada na década de 80, sobre a construção desta barragem, mas sobretudo pelos seus reflexos que perduram até hoje, 14 anos depois de inaugurada essa obra: tais como:

- a localização de uma parte da barragem em cima da **falha geológica do Pataxó**, que vem sendo objeto de estudo e laboratório de Sismologia da UFRN, reunindo dados para determinação "de sua morfologia e do tipo de sua movimentação", conforme destacada o Relatório de 17.10.95, desse laboratório.
- o problema de sismos ou "microtremores" (induzidos), cujos epicentros dentro do lago e da própria Cidade de São Rafael, apesar de estarem sendo monitorados por esse laboratório, merece uma discussão com as populações ribeirinhas e um envolvimento da Coordenadoria de Defesa Civil do Governo do Estado e das Prefeituras locais.
- o problema do abastecimento do sistema lagunar da Região, que sofreu uma drástica redução em conseguência do barramento do rio. As Lagoas do Piató (Assú), Poré (Carnaúbas), Pedras (Alto do Rodrigues/Pendências) e do Salgado (Pendências) precisam ter suas situações de abastecimento regularizadas.
- a redução dos grandes estoques pesqueiros: **do próprio rio**, cujo barramento impedi que os peixes transponham a sua parede e abastecem também essas Lagoas, reconhecidamente piscosas - antes da construção do lago.
- aumento progressivo da destruição da floresta de carnaúba, que segundo recentes declarações de um produtor local, ainda assegura emprego a 2.000 pessoas, para implantação de Projetos agro-industriais.

Esse conjunto de situações determinou a criação do Projeto de Trabalho Cole-

ção Vale do Assú, como Projeto de animação cultural, que tenta conscientizar a população da região, através de reuniões de estudos, disseminação da informação, etc, para integrá-la no contexto "modernizador" da região.

A convocação para este projeto foi feita em outubro de 93, quando afirmava-se que a Coleção Vale do Assú era uma obra de multirão e por isso precisava-se estabelecer uma parceria entre a população e a comunidade universitária, através do NUT-SECA.

Para que essa parceria possa ocorrer é necessário que procuremos integrar os saberes universitários ao do senso comum, a fim de que possamos efetivar nossa ação, mesclando a produção acadêmica da universidade com a produção cultural da própria sociedade Varzeana.

Somente assim será possível unir nossos sonhos com os sonhos daqueles que nos antecederam e que sendo ou não filhos da terra, lutaram pelo desenvolvimento agrícola e industrial da terra, através da luta pela implantação de medidas capazes de corrigir as distorções que vem impedindo o desenvolvimento, tais como: uma reforma agrária, preconizada para o Vale do Assú em 1915, por Joaquim Inácio de Carvalho, que produziu a primeira Monografia sobre a região, decorrente das observações feitas numa pesquisa de campo que foi realizada por ele entre os municípios de Jucurutu e o Canto de Mangue; o "Cerco do Vale" uma prática agrícola, que pensada no governo Juvenal Lamartine foi institucionalizada em agosto de 39 pelo Governo Rafael Fernandes; e o "sonho de irrigação", que na iniciativa privada contou com o pioneirismo de José Lúcio de Medeiros que em 1929 instalava uma moto-bomba em sua propriedade particular na então Ilha de Sacramento, para irrigação de seu sítio.

Como iniciativa governamental, até onde dispomos de informações coletadas em arquivos, foram as sugestões feitas para implantação de obras do Sistema Assú-Piató que determinava a primeira represa para o Vale, cuja a bacia hidráulica de 800 milhões de metros cúbicos, abasteceria uma vastíssima rede de irrigação, localizada nas várzeas do Baixo-Assú. Essa informação foi explicitada em um Memorial entregue em 1933, pelo então Prefeito do Município do Assú, Dr. Ezequiel Fonseca, ao Dr. Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório do Brasil.

Sabemos que muitos outros sonhos foram acalentados, com o objetivo de oferecer às populações varzeanas melhores condições de vida. O resgate de cada um desses sonhos é que gostaríamos de fazer conjuntamente com aqueles que se interessaram em preservar a nossa história.

Coleção "A Universidade e a Questão Nordestina"

Quando definimos a temática **"A Universidade e a Questão Nordestina"**, como 3ª Coleção Básica do Nut-Seca é por entender que precisamos coletar informações capazes de demonstrar como vem sendo entendida e enfrentada nos trabalhos acadêmicos de professores e alunos, a questão do semi-árido.

Este é um assunto que requer grandes desafios para a comunidade acadêmica. Dela a sociedade espera resposta, através de profissionais - nos seus variados campos

de trabalho; de professores, alunos e funcionários num processo qualificado de ensino/aprendizagem.

Se sabemos que a Universidade não é só transmissão e sim produção de conhecimentos, adaptados, às realidades nacional, regional e local **devemos procurar descobrir através de materiais informacionais, arquivísticos e bibliográficos:**

1. a produção específica de cada área do conhecimento, capaz de atender ao conjunto de necessidades de nossas populações:
2. as experiências desenvolvidas, visando a descoberta de tecnologias alternativas adaptadas as condições locais e regionais.

No caso particular da UFRN, o NUTSECA já dispõe de um farto material de textos acadêmicos e jornalísticos, de professores, que não só nos seus trabalhos acadêmicos mais pela imprensa local, nacional e regional revelam formas de pensar e agir face as variadas problemáticas do contexto semi-árido brasileiro.

***Coordenadora do Núcleo Temático da Seca e do Sertão semi-árido da UFRN**

Os filhos da seca

Tricentenário

Padre Antônio Vieira

Itamar de Souza*

1. Introdução

O mundo intelectual luso-brasileiro está comemorando, no corrente ano, o transcurso do tricentenário de falecimento do célebre Padre Antônio Vieira (1697 - 1997). Unindo-se a esta corrente, a **Revista Século** celebra também esta data para reavivar na memória dos contemporâneos a figura extraordinária deste sacerdote da Companhia de Jesus.

É impossível no espaço de um artigo de revista abordar, em profundidade, a riquíssima personalidade deste religioso genial. Orador sacro dos mais famosos de todos os tempos, diplomata, conselheiro do rei, incansável epistológrafo, missionário e defensor dos índios contra a escravidão dos colonizadores, teólogo e grande pensador, profundo conhecedor das Sagradas Escrituras são alguns dos títulos que enobreceram a sua trajetória ao longo do século XVII. Por falta de espaço, iremos abordar os momentos mais importantes da vida do Padre Antônio Vieira.

2. Início de Carreira

Antônio Vieira nasceu em Lisboa na rua dos Cônegos, aos 06 de fevereiro de 1608. Provinha de família pouco abastada. Eram seus pais Cristóvão Vieira Ravasco, natural de Santarém, e Maria de Azevedo, natural de Lisboa. Em 1614, Vieira, com seis anos de idade, veio para Salvador (Bahia) em companhia dos seus genitores que vieram servir ao governo português na colônia Brasil.

Fez os seus primeiros estudos no Colégio dos Jesuítas, em Salvador. Contrariando os seus pais, ele fugiu de casa e ingressou, com quinze anos, no noviciado dos padres jesuítas. Durante os dois anos do noviciado, Vieira catequizava os índios na aldeia do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, aprendia o tupi-guarani, língua dos nativos. Começou aí seu acendrado amor aos índios brasileiros.

Em 1624, ele assistiu à invasão da Bahia pela armada holandesa. Dois anos depois, Vieira revelou-se como escritor ao ser designado pelo Superior do colégio para escrever a **Carta Ânua**, de 1626, relatando os acontecimentos da província ao Geral dos Jesuítas.

O Estalo de Vieira

Vieira não nasceu dotado de inteligência superior. Um milagre ocorrido na sua mente aumentou extraordinariamente a sua capacidade intelectual e criadora. É verdade que ele não deixou nada escrito sobre a história deste estalo, que transformou a sua mente. No entanto, o seu primeiro biógrafo, o Padre André de Barros, conta que colheu esta informação de uma pessoa amiga a quem Vieira confidenciou o fato.

Diz João Lúcio de Azevedo, autor da melhor biografia de Vieira, que ele não foi

"como podem supor muitos, um precoce gênio: nos primeiros tempos de estudante, compreendia mal, decorava a custo, fazia com dificuldade as composições; em tudo aluno medíocre, com o que, já então pundonoroso, muitas vezes se afligia. É de imaginar que orando à Virgem das Maravilhas lhe suplicasse a de o tornar mais hábil para os estudos. Em um de tais lances, **a meio da súplica, sentiu como estalar qualquer coisa no cérebro, com uma dor vivíssima**, e pensou que morria; logo o que parecia obscuro e inacessível à memória, na lição que ia dar, se lhe volveu lúcido e fixo na retentiva. Dera-se-lhe na mente uma transformação de que tinha consciência. Chegado às classes pediu que o deixassem argumentar, e com pasmo dos mestres venceu a todos os condiscípulos. Daí por diante foi ele o primeiro e o mais distinto em todas as disciplinas". (Azevedo, J. Lúcio de - História de Antônio Vieira, Lisboa, Livraria Clássica Editora, Tomo Primeiro, 2ª edição, 1931, p.15). Desde esta época, que Vieira tornou-se um ardente devoto de Nossa Senhora até o final da sua vida. Proferiu 29 sermões sobre a Virgem Maria, intitulados "**Sermões do Rosário**".

Entre os índios, o padre Antônio Vieira também ficou na arte.

Após o noviciado, Vieira foi, em 1626, ensinar Retórica no colégio de Olinda. Em 1633, proferiu o seu primeiro sermão na Bahia. Aos 26 anos de idade, em 1634, ele foi ordenado sacerdote da Companhia de Jesus, permanecendo no Brasil até o ano de 1640.

3. Corte Portuguesa de D. João IV

O jovem sacerdote já se consagrara como grande orador sacro em alguns sermões que proferiu na Bahia, principalmente, o pronunciado contra as armas da Holanda, em 1640. Apreciando este sermão, Carel e Raynal, escritores franceses, consideraram Vieira um orador do mesmo nível de Bossuet, Bourdaloue e Massilon.

A fama de Vieira como grande orador sacro transpôs o Atlântico provocando admiração e curiosidade no mundo intelectual lusitano. A convite do Governador da Bahia, Marquês de Montalvão, ele integrou uma comitiva que foi prestar uma homenagem a D. João IV. O rei ficou tão impressionado com ele, que resolveu retê-lo na corte. Por isso, Vieira permaneceu em Lisboa de 1641 até o início dos anos 50. Foi neste período que o grande jesuíta

projetou-se como orador sacro no Velho Continente e, ao mesmo tempo, tornou-se a maior "éminence grise" da corte portuguesa. Nenhuma decisão importante tomava D. João IV sem, antes, ouvir o seu arrazoado.

Retornemos a nossa mente ao longínquo século XVII. Sem rádio, sem televisão e sem cinema, as camadas sociais mais cultas entretinham-se indo ao teatro para se deleitar com as comédias ou à Igreja para ouvir os grandes oradores sacros. Por conseguinte, o teatro e o púlpito eram os lugares privilegiados da comunicação. Lembra Lúcio de Azevedo que "os sermões atraíam o público mais do que as comédias, e a ouvir os oradores de fama concorria o rei e a corte... As prédicas de Vieira, pelo concurso de ouvintes e influência da sua palavra, tinham por vezes aspectos de comícios, em que os negócios mais graves do Estado saiam a lume, e através de alegorias se julgavam atos do governo e as individualidades mais altas dele. Nem o próprio soberano, na sua inviolabilidade, escapava às admoestações e à censura." (Op. cit. vol. 1°, 2ª edição, p. 76).

Algumas vezes, Antônio Vieira foi designado pelo rei D. João IV, que lhe deu plenos poderes, para desenvolver missões diplomáticas junto ao governo da França, da Holanda, da Itália e da Inglaterra. Esta distinção colocou-o no epicentro da política externa do reino, o que suscitou uma terrível onda de críticas e inveja no seio do corpo diplomático. Por não ter sido bem sucedido no desempenho de algumas missões, ele perdeu o prestígio, afastou-se da corte, sem, no entanto, encerrar a amizade com D. João IV.

4. Da Corte para a Floresta Amazônica

Decepcionado com o mundo político e pressionado pelos seus superiores, ele retornou ao Brasil em 1651, para cuidar das missões indígenas implantadas pelos jesuítas no Maranhão e no Pará. A diferença de ambiente era enorme: o som enternecedor dos violinos da corte de D. João foi substituído pelo canto silvestre dos pássaros amazonenses. A platéia para ouvir os seus sermões já não era tão seleta quanto na corte. Mas, isto não foi motivo para Vieira baixar a qualidade da sua arte oratória. Ao contrário, ele proferiu em São Luís do Maranhão belíssimos sermões, ora defendendo o indígena contra a ganância dos colonizadores; ora lembrando a todos a transitoriedade da vida e a eternidade das Verdades Reveladas por Deus; ora, enfim, cobrando dos governantes moralidade na condução da coisa pública.

À semelhança de Frei Bartolomeu de Las Casas, na América Central, no século XVI, Vieira assumiu com bravura a luta humanista dos jesuítas contra os colonizadores que queriam escravizar os índios. Verdade é que, em carta dirigida ao rei, em 1657, Vieira denunciava a carnificina aqui praticada pelos colonizadores portugueses: "Mais de dois milhões de índios mortos, de quinhentas povoações, como grandes cidades destruídas, era a obra de quarenta anos." Com o seu prestígio em Lisboa, conseguiu mudar a legislação indígena. Mas, quando tentou implementá-la, foi duramente criticado e até ameaçado de morte pelos colonizadores.

5. Vítima da Inquisição

Mesmo catequizando indígenas e fazendo longas viagens de barco para visitar às missões jesuíticas na matas do Maranhão e do Pará, Vieira não interrompeu a sua atividade intelectual. Pronunciou belís-

simos sermões e, ao mesmo tempo, começou a escrever as seguintes obras **Clavis Prophetarum** (A Chave dos Profetas), **História do Futuro** e **Esperanças de Portugal ou Quinto Império do Mundo**, obra baseada nas profecias de **Gonçalo Anes Bardarra**, o sapateiro vidente. Neste livro, Vieira acredita que, em breve, D. João IV ressuscitará para instaurar o Quinto Império do Mundo, conforme as profecias de Bandarra.

Fazia 120 anos que Bandarra falecera. Mas, algumas das suas profecias se realizaram. Segundo o padre jesuíta, Martins. Bandarra previu que o reino de Portugal seria subordinado ao da Espanha, como, de fato aconteceu no período de 1580 a 1640; profetizou também que, 60 anos depois, seria restaurado por um soberano chamado João. Sem dúvida, esta profecia concretizou-se na pessoa de D. João IV, que restaurou o trono de Portugal em 1640. (Pe. Martins, S.J. - Padre Antônio Vieira, Missionário do Norte do Brasil, São Paulo, Edições Loyola, 1986, p.55).

Bandarra predisse também que um grande rei português reconquistaria Jerusalém à frente de uma grande armada, restauraria o império otomano e conseguiria converter os judeus. Para muitos portugueses, o soberano vaticinado por Bandarra era D. João IV. Por isso, após a sua morte, acreditavam que ele ressuscitaria para cumprir as profecias do sapateiro vidente.

Aconteceu, porém, que após a morte do rei, o Padre André Fernandes, confessor da rainha viúva, pediu que Vieira escrevesse alguma coisa para consolá-la. Foi quando, então, ele mandou para Lisboa o seu livro inédito - **Esperanças de Portugal**. O portador dos originais foi o capitão Paulo Martins Garro, amigo dos jesuítas. Sem autorização, ele tirou várias cópias desta obra de Vieira e as divulgou em Lisboa. A repercussão foi enorme! Segundo Lúcio de Azevedo, "os inimigos do autor farejavam a heresia e inculcavam na fé prestada ao Bandarra suspeições de judaísmo. (Azevedo, J. lúcio de - Op. Cit. Vol. II, 2ª edição, 1931, p. 7).

No dia 13 de abril de 1660, a Inquisição entrou em ação. É importante salientar que esta instituição mandava mais em Portugal do que o próprio soberano. Além disso, tinha raiva de Vieira porque ele defendia publicamente o retorno dos judeus que foram expulsos de Portugal pela Inquisição. Para Vieira, o regresso dos judeus. quase todos muito ricos e que fizeram grandes investimentos na Holanda, era o caminho mais prático para se fortalecer a economia portuguesa.

A Inquisição enviou o livro - Esperanças de Portugal - para o Santo Ofício, em Roma, que mandou logo abrir inquérito. Vencidas todas as etapas de processualística de então, Vieira foi encarcerado em Coimbra. Durante quase cinco meses, isto é, 16 de novembro de 1665 a 06 de abril de 1666, o grande orador ficou preso num "quarto de quinze palmos por doze, sem luz direta. a qual lhe vinha do corredor por uma fresta esguia". (Azevedo, J. Lúcio de - Op. cit. vol II, 2ª edição, 1931, p. 64).

Vieira foi condenado a viver, por tempo indeterminado, recluso em uma casa da Companhia de Jesus, sem ter o direito de pregar para ninguém. Era véspera de Natal de 1667. Verdadeira cassação! Sentença violentíssima para quem fez da arte de falar em público a sua razão de viver!

6. Reconquista do Direito de Pregar

Dois anos após a sua condenação, na Quaresma de 1669, Vieira readquiriu o direito de pregar. Em março daquele ano.

pregando na Capela Real, ele desabafou com este pensamento: "**Se servistes a pátria que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma; mas que paga maior para um coração honrado que ter feito o que devia?**"

7 - Em Roma

Após 26 meses de reclusão, vividos em Coimbra e em Lisboa, ele conseguiu ir a Roma para lutar pela sua libertação definitiva. Oficialmente, a razão foi outra: cuidar da canonização do Padre Inácio de Azevedo e de 39 companheiros que foram trucidados pelos calvinistas, em 1570, quando viajavam para o Brasil. O processo estava paralisado na burocracia do Vaticano.

Na Cidade Eterna, ele conquistou a sua liberdade graças ao prestígio da Companhia de Jesus e, também, por causa da sua eloquência. A fama da sua oratória espalhou-se, logo, pelos quatro cantos da cidade. Proferindo sermões em Português ou Italiano, Vieira levou quase ao delírio aquelas platéias repletas de cardeiais, teólogos, moralistas, padres, e grande parte da nobreza romana, amante da cultura e das artes. Afirma Antônio Baião que, quando Vieira pregou os sermões sobre as "Cinco Pedras de Davi" foram tantos os aplausos da Rainha Cristina, da Suécia, dos Cardeais e monsenhores, que ela, "batendo por vezes as palmas, dava repetidos vivas ao pregador, demonstração que os Cardeais acompanhavam com os bonés da cabeça e os mais circunstantes com outras competentes ações e que era preciso ao pregador esperar que cessasse o rumor desses aplausos a cada prova, para poder continuar o discurso." (Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa, Porto, Renascença, 1919, vol. I, p. 309).Vieira pregou no palácio da Rainha Cristina, da Suécia, convertida ao catolicismo, e que, naquela época, residia em Roma. Esta soberana fizera da sua corte um centro de saber e de cultura, freqüentado pela fina flor da intelectualidade italiana.

Sua eloquência encantou de tal modo o ambiente intelectual romano, que ele, conforme revelou numa carta ao seu amigo, D. Rodrigo de Meneses, recebeu convite da Rainha Cristina para ser seu confessor, assim, como, do Geral da Companhia de Jesus para sucedê-lo como pregador do Papa. Mas, nada disso foi capaz de fixá-lo em Roma, onde passou seis anos. O Papa Clemente X assinou um Breve anulando todas as penas que a Inquisição portuguesa lhe impusera. Uma vez conquistada a sua total liberdade, Vieira deixou a Cidade Eterna aos 22 de maio de 1675.

8. Regresso ao Brasil e Falecimento na Bahia

Sem mais ambiente para continuar vivendo em Portugal, na corte onde ele mandara, Vieira regressou ao Brasil em janeiro de 1681, contando 73 anos de idade. No sítio dos jesuítas, chamado Tanque, nos arredores de Salvador, ele dedicou-se aos exercícios espirituais e à conclusão das suas obras. Apesar da idade avançada, ele exerceu ainda o cargo de Visitador da Província do Brasil, sem a obrigação de viajar, no período de 1688 a 1691.

Ele pronunciou cerca de 200 sermões, sendo o último em 1683, por ocasião das exéquias de Dª Maria Francisca de Saboia, Rainha de Portugal. Antônio Vieira morreu cego e surdo, aos 18 de julho de 1697. Contava 89 anos de idade. Sic transit gloria mundi!

*** - Mestre em Sociologia pela USP.**

História

Operários fazem Mudanças socia's

*Após o exercício de 9 mandatos, durante 18 anos, na diretoria do Círculo de Trabalhadores Cristãos de Natal, **Artur Villar Raposo de Mello** conseguiu escrever um completo relatório das atividades dessa entidade, no período de 1936/72.*
O documento foi escrito em 11 páginas datilografadas, espaço um - contendo toda a história dos trabalhadores que sob a orientação da Igreja de Natal - iniciaram a sua organização, da qual o autor foi um dos militantes mais ativos e comprometidos.
Antes do seu falecimento em 06 de junho de 1988, Artur Villar arquivou o seu relatório na Arquidiocese de Natal - de onde obtivemos uma cópia para esta publicação.
O editor.

Após a Revolução de 1930, com a criação do Ministério do Trabalho, começou a agitar-se o operariado nacional. A confusão era grande. A desorientação reinava nos Sindicatos que iam surgindo, tendo em vista a interferência de elementos extremistas da esquerda que procuravam controlá-los.

Em 1931 o papa Pio XI, confirmou e intensificou a contribuição da Igreja na solução do problema social, com a publicação da Encíclica "Quadrasésimo Anno", em comemoração ao 40° aniversário da Encíclica "Rerum Novarum", imortal e monumental carta do Papa Leão XIII, de 15 de maio de 1891, considerada a "Carta Magna do Trabalhador".

Os estímulos partidos da Igreja fizeram nascer as mais variadas modalidades de organizações operárias e patronais.

Foi nessa época que apareceu o Reverendíssimo Padre Leopoldo Brentano, Sacerdote Jesuíta, no Rio Grande do Sul. Depois de ordenado sacerdote, foi designado pelos seus superiores para servir na cidade de Pelotas, no mesmo Estado, como Diretor da Congregação Mariana local.

Convicção e coração

Homem de grande visão, ficou desde logo impressionado com o que via e sentia no meio operário. Estudou profundamente a situação e planejou de imediato a implantação de um Movimento que mais tarde seria de âmbito nacional e poderia controlar a situação reinante, ao mesmo tempo, para opor uma forte barreira ao extremismo.

Com o apoio decidido dos Congregados Marianos e de líderes operários fundou no dia 15 de março de 1932, o Círculo Operário Pelotense, agremiação destinada a defesa do operário e capaz de promovê-lo, não só economicamente, como também cultural e moralmente; servir de forte veículo para patrocinar as suas reivindicações justas e resolvê-las de acordo com a Doutrina Social da Igreja e conseguir um perfeito entendimento entre operários e patrões, para solução pacífica de todos os seus problemas.

Com isto o Padre Brentano tinha em mente cumprir os sábios ensinamentos tão bem definidos pela Rerum Novarum e Quadrasésimo Anno, dos Papas Leão XIII e Pio XI, sobre a questão social que deveria ser patrocinada pela Igreja, o Estado e o Trabalho.

O Padre Leopoldo Brentano, incansável batalhador da Doutrina Leonina, dizia sempre: o amor une - o ódio separa. A união faz a força - a divisão a fraqueza. As obras da Igreja devem dar demonstração de pujança. Os cristãos devem ser unidos para cristianizar o nosso mundo pagão e materialista. Isto ele pregava com coração e convicção; oportuna e inoportunamente, às forças cristãs e aos trabalhadores.

E como prova concreta do que afirmava, deu ao Movimento Circulista Nacional, uma só Bandeira - de fundo azul, a cor do céu, que representa o idealismo e a amplitude do Movimento Operário de todo o mundo; a cor branca - a pureza do nosso ideal e a paz que queremos trazer ao mundo; o vermelho - que simboliza vida, atividade, entusiasmo.

A Bandeira Circulista deve estar presente às reuniões gerais e festividades. - Um só distintivo que é o sinal exterior do Circulista, pelo qual será conhecido em qualquer parte; um só Hino, que define um programa: Nós trazemos um lema que encerra um programa de paz e de amor - pois queremos que acabem na terra - a opressão, a injustiça, o terror; um só objetivo concretizado em três letras: F.A.S. - isto é: Formação - Ação - Serviço.

O IX Congresso Nacional Circulista realizado em julho de 1966, em Salvador, Estado da Bahia, decidiu que a Ação Circulista deve ter como objetivo a valorização do homem e do trabalho, através de uma conscientização pela qual os trabalhadores se unirão em torno de seus líderes e de suas Entidades de Classes. Assim organizados poderão defender os seus direitos e autopromover-se. No setor econômico - à justa distribuição dos bens materiais; nos setores político e social - a participação e decisão cada vez maior dos trabalhadores na vida partidária e social da nação; no setor cultural - o exigir da sociedade o reconhecimento do direito de todos à cultura, com

todas as condições para o acesso aos níveis de instrução. No setor moral - proporciona aos circulistas o conhecimento de que devemos obedecer as razões da nossa consciência e dirigir cristãmente as nossas ações de acordo com os ensinamentos dos Documentos Evangélicos; no aspecto religioso no Circulismo foi bem esclarecido: não somos uma associação religiosa, mas um Movimento de Trabalhadores Cristãos.

Associados foram 300 mil

Portanto, o Movimento Circulista é uma organização a mais própria, forte, perfeita, realizadora, bem conhecida, bem vista, bem orientada e livre para todos os trabalhadores do Brasil. O Circulismo estar, assim, a serviço do espírito de formação de Grupos de lideranças, de Comunidades ativas e conscientes. O Circulismo está a serviço de todos, despertando, apoiando e incentivando toda e qualquer iniciativa que venha beneficiar e promover a Comunidade, sem a preocupação imediata de vincular essas iniciativas ao Movimento Circulista.

Desde a sua fundação o Movimento Circulista teve a presença positiva no cenário operário brasileiro, em todos os Estados, com 18 Federações Estaduais, cerca de 400 Círculos e 300 mil associados.

Dentre as principais campanhas promovidas ou patrocinadas pelo Movimento Circulista tendo à frente a Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos, seu órgão máximo, com sede na Guanabara, podemos alinhar: aprovação pelo Congresso Nacional - do salário-família para os trabalhadores; novos níveis de salário-mínimo; estabilidade dos trabalhadores: participação nos lucros e direção das Empresas; contra o período de carência para assistência médica à maternidade e à infância; concessão de bolsas de estudo para os filhos dos trabalhadores, pelo Ministério do Trabalho; promoveu estudos sobre as cooperativas Habitacionais para aquisição da casa própria; criou o Instituto Superior de Formação Operária - Isufo - com sede própria no Rio de Janeiro; promoveu a criação de Escolas de Líderes Operários - Elo - nos Círculos e Federações; incentivou as Escolas Profissionais, também nos Círculos e Federações, Cursos de Formação de líderes e dirigentes; Organização da Juventude Circulista; cooperação com o Grupo Nacional de Educação Rural e amparo ao homem do campo, pela Previdência Social.

Trabalho organizado

A estrutura hierárquica do Movimento Circulista é a seguinte: I - Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos - CBTC - com sede provisória no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, com sede efetiva em Brasília, Distrito Federal, órgão máximo nacional; II - Federação de Trabalhadores Cristãos, uma em cada Estado e filiada a CBTC; III - Círculo de Trabalhadores Cristãos, de âmbito local e filiado à Federação Estadual; IV - Núcleo - que é uma espécie de filial do Círculo; V - Zona - uma subdivisão do Núcleo e Grupo, formado em locais de trabalho.

Em 1937 foi fundada a primeira Federação no Estado do Rio Grande do Sul.

Tristão de Ataíde, no Rio de Janeiro, paralelamente, procurava arregimentar os

operários católicos, com inteiro apoio do Cardeal Dom Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, que tomando conhecimento do grande trabalho do Padre Leopoldo Brentano, no Rio Grande do Sul, conseguiu a vinda do mesmo para a sede da Arquidiocese do Rio de Janeiro, de onde poderia estender o seu Movimento a todo o Brasil, sendo, então, realizado o 1° Congresso Nacional de Operários Católicos e fundada a Confederação Nacional de Operários Católicos. Dai em diante o Circulismo tomou grande impulso, irradiando-se por todo o Brasil.

Em 1964 o Movimento Circulista foi reestruturado, para um melhor entrossamento com os trabalhadores cristãos de todo o mundo, passando a Confederação Nacional de Operários Católicos, as Federações Estaduais de Círculos Operários e estes últimos formaram a Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos - Cbtc - Federação de Trabalhadores Cristãos do Estado de... - Ftc - e Círculo de Trabalhadores Cristãos.

Somos, pois, uma Sociedade Civil de direito privado interno, sem fins lucrativos, visando construir um Movimento Operário Cristão de âmbito nacional, estadual e local, para realizar integralmente os postulados econômico, social, cultural, político e religioso.

Deste modo, bem merece o Movimento Circulista lhe seja atribuído o que disse o saudoso Papa João XXIII, em sua Encíclica "Mãe e Mestra": "O nosso pensamento afetuoso e paternal estímulo, dirige-se para as associações profissionais e os movimentos sindicais de inspiração cristã presentes e ativas em vários Continentes. Apesar de muitas dificuldades por vezes bem sérias, eles têm sabido trabalhar e continuam a fazê-lo a favor dos interesses dos trabalhadores e da elevação material e moral, tanto no interior de cada país como no plano mundial. É com grande satisfação que julgamos dever nosso fazer notar que o seu trabalho não há de ser medido apenas pelos resultados diretos e imediatos, que se encontram a vista; mas também pelas repercussões positivas sobre todo o mundo do trabalho, onde difunde idéias bem orientadas e exerce um influxo cristãmente renovador."

Circulismo Mossoró/Natal

Com a criação da Diocese de Mossoró, foi eleito seu primeiro Bispo Dom Jaime de Barros Câmara, que exercia as suas atividades no Sul do País. Em Santa Catarina, em fevereiro de 1936, tomou parte de importante concentração Ciculista promovida pelo Círculo Operário de Joinvile. Ficou empolgado pelo que viu e assistiu. Procurou inteirar-se o que era o Movimento Circulista. Verificou o seu valor nos Estados sulinos: o quanto estava fazendo em prol do operário; a barreira que estava opondo contra as manobras do comunismo ateu.

Chegando a Mossoró, logo depois de sua posse na Diocese, procurou saber da situação do operário local. Estabeleceu contatos com os seus sacerdotes, líderes católicos e operários. Explicou o que era os Círculos Operários nos Estados do Sul.

O grande êxito alcançado na formação e promoção do trabalhador. Para implantar o Movimento em sua Diocese, designou uma Comissão Organizadora, que ficou assim constituída: Presidente - Dom Jaime de Barros Câmara, Assistente Eclesiástico - Padre Leão Medeiros, Membros: Padre Luiz Mota, Prefeito Municipal; Padre Jorge O'Grady de Paiva, Diretor do Colégio

Santa Luzia; Dr. Abel Coelho, Promotor Público; Dr. Mário Negócio, Advogado.

Essa Comissão foi instalada no dia 1º de maio de 1936, reunindo-se aos domingos com os líderes operários e pessoas interessadas, fazendo várias reuniões preparatórias. Diante do bom resultado colhido, foi resolvida a fundação do Círculo Operário São José, no dia 29 de junho de 1936, em memorável solenidade com a presença de autoridades, grande número de operários e o povo de Mossoró prestigiando.

Dom Jaime pronunciou uma brilhante conferência sobre a questão operária e o Movimento Circulista, recebendo verdadeira consagração e acendeu o entusiasmo de todos.

Na mesma reunião foi escolhida a primeira Diretoria do Círculo, assim constituída: Pesidente-Vicente Gomes Bezerra, Vice Presidente-Francisco João de Castro, 1º Secretário-Francisco de Assis Silva, 2º Secretário-Jerônimo Davi, Tesoureiro-Joaquim Ribeiro Freire, Orador-José Pinto, Assistente Eclesiástico-Monsenhor Leão Medeiros Leite.

Em 1939, o Círculo passou a denominar-se Círculo Operário de Mossoró. Até 1941 teve a sua sede na Capela de São José, no bairro dos Paredões.

Tendo em vista a grande necessidade da sede própria, foi iniciada uma campanha para aquisição da mesma em 15 de março de 1941, localizada à rua Wenceslau Braz, nº 415, onde funciona até a presente data.

O Círculo exerceu grande atividade até 1955, com a criação de Escolas de alfabetização, cursos de Corte e Costura, Bordados à máquina e a mão, companha de sindicalização dos operários, bem como a fundação dos respectivos Sindicatos.

Para arregimentar a mocidade, foi fundado um Clube da Juventude e outros empreendimentos em favor dos associados e suas famílias.

De 1955 a 1961 sofreu sérias crises e decadências, devido a falta de dirigentes capacitados e de recursos financeiros, tendo havido nesse espaço de tempo, quatro Juntas Governativas.

Com a posse, em 1962, de Dom Gentil Diniz Barreto, como Bispo da Diocese, ao tomar conhecimento da situação do Círculo, procura desde logo com todo o interesse regularizar a crise reinante, reorganizando-o, fazendo-o voltar a normalidade com eleição de nova Diretoria, sendo então, eleito Presidente o Circulista Ananias Vicentino de Carvalho, que recebeu todo o apoio e incentivos de Dom Gentil Diniz.

Com essa providência voltou o Círculo as suas antigas atividades e regular funcionamento.

Na reestruturação do Movimento Circulista Brasileiro, promovida pela Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos, em 1966, passou o Círculo a denominar-se "Circulo de Trabalhadores Cristãos de Mossoró", tendo como Presidente - José Anselmo de Carvalho, que fez uma administração profícua e dinâmica: personalidade jurídica, registro no Conselho Nacional de Serviço Social, no Departamento de Serviço Social do Estado, sob nº 15, reconhecido de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 3.642, de 09 de agosto de 1968 e Municipal pela Lei nº 15 de 21 de agosto de 1968.

Incorporação sem Confusão

Em Natal o Movimento Operário Católico começou em 1937, sob a orientação do Movimento que desde 1931 se proces-

sava no Rio de Janeiro, promovido pelo grande líder católico Tristão de Ataíde, sob as bênçãos do Cardeal Dom Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Depois da arregimentação de líderes católicos e operários, foi fundado o "Centro Educativo Operário", à rua dos Paianazes, nº 1.416, no bairro do Alecrim (atual residência do Circulista José Lourenço da Silva), tendo como orientadores e dirigentes, dentre outros, Ulisses de Góis, Perceval Caldas, Maximiniano Guerra, José Lourenço da Silva, Silvestre Rodrigues de Oliveira.

Com a vinda do Padre Leopoldo Brentano para o Rio de Janeiro e a fusão do Movimento Circulista com o de Operários Católicos, de Tristão de Ataíde, prevalecendo a grande penetração e maior dinamismo do primeiro, em 19 de março de 1938, foi o Centro Educativo Operário transformado em Círculo Operário de Natal, atendendo instruções recebidas do Rio de Janeiro, em solenidade realizada no Dispensário Sinfrônio Barreto, sendo escolhida a sua primeira Diretoria composta de: Presidente - Elviro Virgínio de Oliveira, Vice Presidente-Silvestre Matias de Lima, 1º Secretário-Antônio Corsino de Macedo, 2º Secretário-Severino Matias de Lima, 1ºTesoureiro-José Frederico, 2º Tesoureiro- José Lourenço da Silva, Delegado Geral-Manoel André da Silva e Assistente Eclesiástico-Cônego Luiz Adolfo de Paula. Supervisão e colaboração e ainda assessoria de membros do antigo Centro Educativo Operário, além do Dr. Otto de Brito Guerra, Assistente Jurídico; Dr. Ricardo Barreto, Assistente Médico.

Pouco tempo depois o Círculo passou a funcionar em uma Sala da Escola de Comércio, à rua João Pessoa (hoje Cinema Nordeste). Foram criados os Núcleos do Alecrim e Anchieta, este nas Rocas. O Núcleo do Alecrim foi instalado em 21 de abril de 1939, em sede alugada à Avenida Dois, nº 411, criando logo uma Escola de Alfabetização, Cursos de Corte e Costura, Escola Culinária Inez Barreto, Serviço Médico e Dentário, a cargo do Dr. Ricardo Barreto e do Dentista Osvaldo Ribeiro. Com o desenvolvimento do Núcleo do Alecrim, o Círculo Operário de Natal, passou a funcionar em sua sede até a data da aquisição da atual sede, às ruas Fonseca e Silva, 1061 e Coronel Estevam, 1060, quando também o Núcleo do Alecrim foi incorporado ao Círculo.

Quanto ao Núcleo Anchieta, das Rocas, funcionou por algum tempo, prestando os seus serviços com eficiência, sob a orientação do Dr. Ricardo Barreto. A sua Caixa de Socorro foi transformada em Cooperativa de Consumo, não chegando, porém, a funcionar

Infelizmente não existe nenhum documento do Arquivo desse Núcleo, como também do Círculo Operário de Natal, relativo aos primeiros anos de sua existência. Há alguma coisa do Núcleo do Alecrim, por onde se verifica a eficiência da colaboração do Dr. Otto Guerra e José Lourenço da Silva, alguma referência quanto ao Dr. Ricardo Barreto, no Núcleo Anchieta das Rocas. Deste não há nenhum documento do Arquivo inicial. Pelas pesquisas feitas, verificou-se o trabalho de coordenação do Dr. Ricardo Barreto, no seu desenvolvimento. Teve por doação uma sede própria, que foi depois tomada pelo Ambulatório São José, como também a atual sede no referido Ambulatório, sem nenhuma indenização e nem se sabe como.

Com a aquisição de sua atual sede, o Círculo Operário de Natal, teve a sua fase áurea, com muita movimentação em serviços educativos e de assistência social, fundando vários Núcleos, como sejam: de

Lagoa Seca, das Quintas, Redinha, Nazaré, Uruaçu, Mãe Luiza e restauração do Núcleo Anchieta, das Rocas.

Com a transformação de alguns desses Núcleos em Círculo Operário, decaiam muito os trabalhos e atividades do Círculo Operário de Natal.

Em 1967 passou a denominar-se Círculo de Trabalhadores Cristãos de Natal, com personalidade jurídica, registrada no Conselho Nacional de Serviço Social, no Departamento de Serviço Social do Estado; reconhecido de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 1.534, de 19 de dezembro de 1955 e Municipal, pela Lei nº 273, de 16 de dezembro de 1953.

Os Circulistas de Natal, animados com os resultados colhidos procuraram levar o Movimento para o interior do Estado. E, assim depois de entendimentos com o Padre Alair Villar e lideres operários de Santa Cruz, aproveitando as comemorações do Dia da Pátria, fundaram em 7 de setembro de 1946, o Círculo Operário de Santa Cruz, que durante vários anos teve inusitada atuação no meio da Comunidade, com os serviços médico, dentário, alfabetização, banda de música, armazém Circulista e muitos outros benefícios em favor dos associados e suas famílias.

Depois da transferência do Padre Alair Villar, para Reitor do Seminário de São Pedro, em Natal foram arrefecendo os trabalhos do Círculo, até que deixou de funcionar por falta de dirigentes, assistência eclesiástica e de outros incentivos locais.

Como parte das comemorações do 1º de maio de 1947, foi a vez de Nova Cruz, com a fundação do Círculo Operário São João Bosco de Nova Cruz, com o apoio do Vigário Padre Pedro Moura e líderes operários locais. Este Círculo teve grande progresso, com sede própria, durante vários anos, até que por falta de interesse, de dirigentes e outras causas deixou de funcionar.

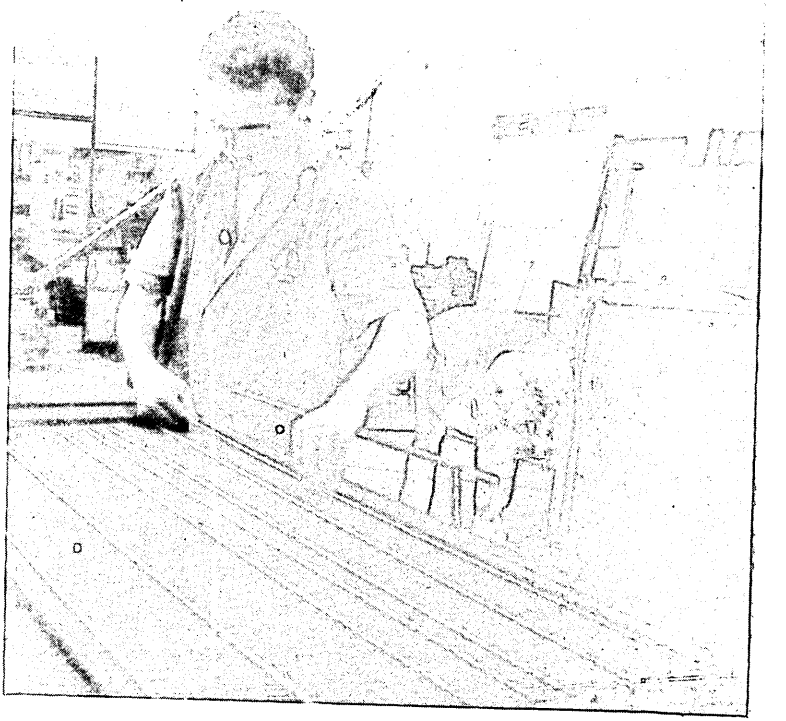
Os Circulistas de Mossoró, também animados com o seu Movimento, procuraram expandir o Circulismo e chegaram até Areia Branca, com o apoio do Vigário da Paróquia e de líderes operários, em comemoração ao Dia do Trabalho - 1º de maio de 1949, fundaram o Círculo Operário Areiabranquense, que funcionou vários anos, com real proveito para o meio local, os trabalhadores e depois por falta de dirigentes e interesse de seus responsáveis desapareceu, deixando grande lacuna, pois, trata-se de uma Cidade salineira de muito movimento operário.

Também em princípios de 1950, o Circulismo chegou a Serra do Martins, no alto Oeste do Estado, sendo fundado o Círculo Operário de Martins, que teve vida curta e por motivos desconhecidos deixou de funcionar, não deixando nenhum vestígio.

Amplia-se a organização

Com o promissor progresso do Movimento Circulista no Rio Grande do Norte, os Dirigentes Nacionais à frente a Confederação Nacional de Operários Catolicos, tendo em vista já existirem em funcionamento seis Círculos Operários: Mossoró, Natal, Santa Cruz, Nova Cruz, Areia Branca e Martins, procuraram fundar a Federação Estadual, e depois de entendimentos com os Circulistas de Natal, ficou resolvida a realização do 1º Congresso Circulista do Rio Grande do Norte, marcado para os dias 13 a 15 de maio de 1950.

Para orientar e dirigir os trabalhos veio o Padre Leopoldo Brentano, Assistente Eclesiástico da Confederação e fundador do Movimento Circulista no Brasil. E as-



Depois do grande movimento circulista, os operários agora, buscam mais a afirmação profissional.

sim, no dia 13 de maio foi instalado o nosso primeiro Congresso Estadual sob a Presidência do Padre Brentano, com a presença das seguintes delegações: pelo Círculo Operário de Natal - Padre José Sauer, Ulisses de Góis, Otto Guerra, Arthur Villar, Manoel Alexandrino da Silva, do Círculo Operário de Mossoró e do Areiabranquense - Padre Luiz Soares e José Victor de Carvalho; do Círculo Operário São João Bosco de Nova Cruz - Padre Pedro Moura, Armando Arruda Câmara e José Josias Bezerra; do Círculo Operário de Santa Cruz - Padre Alair Villar e Manoel Macedo de Oliveira; do Círculo Operário de Martins - Padre Evaldo Betty; da Paróquia de Macau - Monsenhor Joaquim Onório, comparecendo. ainda. avultado número de Circulistas de Natal. Durante os dias 13 e 14 houve reuniões de estudos, debates, palestras, discussão e aprovação dos Estatutos, estes bem explicados pelo Padre Brentano.

No dia 14 à tarde foi realizada a fundação da Federação Estadual dos Círculos Operários do Rio Grande do Norte, em seguida a eleição da primeira Diretoria: Presidente - Dr. Otto de Brito Guerra, Vice Presidente - Manoel Alexandrino da Silva, Secretário Geral - Pedro Américo do Nascimento, Secretário Auxiliar - Francisco Cosme da Silva, Secretário de Finanças - Arthur Villar Raposo de Mello, Secretário de Propaganda - Francisco Gurgel, Secretário de Assistência Social - Antônio Soares da Silva, e Assistente Eclesiástico - Padre José Sauer. Foram dias de intensos

trabalhos e de muito proveito, principalmente devido a presença do Padre Leopoldo Brentano, com suas sábias e convincentes lições sobre o Circulismo e a Doutrina Social Cristã.

As reuniões de abertura e de encerramento funcionaram no Salão Paroquial e as demais na sede do Círculo Operário de Natal, à rua Fonseca e Silva, 1061.

A Diretoria da Federação entrou logo em grande atividade, tendo tomado parte no 5° Congresso Nacional Circulista realizado no Rio de Janeiro, no mesmo ano, representada pelo Presidente Otto Guerra e Padre Luiz Soares, do Círculo de Mossoró.

Criou um Curso para dirigentes sob a orientação do Dr. Otto Guerra. Tratou de difundir o Circulismo pelo interior do Estado, tendo sido designado o companheiro Antônio Oliveira Azevedo, para tratar do assunto.

Em 1951 foram fundados os Círculos Operários de Caicó e Pau dos Ferros. Em 1954, os de Lagoa Seca, São José de Campestre e o de Alexandria. Em 1955, o de Macaíba.

Daí por diante foi reduzindo os seus trabalhos e já em 1956, quase que não funcionava, sendo, então, reorganizada e eleita uma nova Diretoria - a segunda - para o biênio de 1956 a 1958, assim constituída: Presidente - Arthur Villar Raposo de Mello, Vice-Presidente - Manoel André da Silva, Secretário Geral - José Guedes do Rego, Secretário Auxiliar - Francisco Gurgel, Secretário de Finanças - José Lourenço da Silva, Secretário de Propaganda - José Pedro Neto, Secretário de Estudos e Assistência Social - Dr. Euclides Fernandes Gurjão.

A nova Diretoria de imediato entrou em ação, começando por visitar oficialmente todos os Círculos e Núcleos sediados em Natal, verificando a situação de cada um e incentivando-os. Depois dessa visita, foram transformados em Círculos Operários os Núcleos das Rocas, em Círculo Operário Anchieta; das Quintas, em Círculo Operário das Quintas, bem como criados os de Igapó e de Extremoz.

Compareceu à Assembléia Geral da Confederação nacional, por intermédio do companheiro José Pedro Neto.

Promoveu em setembro desse ano, com a cooperação das alunas do 2° ano da Escola de Serviço Social e sob a direção do Dr. Hélio Galvão, pesquisas sobre o Movimento Circulista em Natal. Em dezembro tomou parte no Congresso Circulista de Pernambuco, por intermédio do Dr. Euclides Fernandes Gurjão.

Em 1957, assumiu a Assistência Elcesiásta do Movimento Circulista, que deu grande impulso aos trabalhos da Federação.

Em 1958, foi reeleita a Diretoria do biênio anterior para o de 1958 a 1960.

Projeção no mundo

A Federação teve grande e decisiva atuação no Congresso Extraordinário dos Trabalhadores do Rio Grande do Norte, realizado em Natal, de 14 a 7 de setembro de 1959, tendo antes promovido Cursos de Estudos sobre as Teses a serem apresentadas, sob a orientação do Professor João Wilson Mendes Melo, indicado pelo Bispo Auxiliar Dom Eugênio de Araújo Sales. Foram as seguintes as Teses apresentadas pela Federação: I - Difusão da pequena propriedade, visando à posse da terra pelo maior número e uma maior produção agrícola; a cargo do Dr. Vicente Farache Neto; II - Cooperativismo, por José Soares de

Mendonça; III - Assistência Médica e unificação dos Serviços dos diversos Institutos de Previdência, pelo Dr. Euclides Fernandes Gurjão; IV - Artesanato, por José Pedro Neto; e V- Casa Popular, por Raimundo Nobre Barreto.

Todas foram defendidas com ardor pelos respectivos expositores. Coube aos Circulistas a Presidência de duas Comissões de Teses e da última sessão Plenária, que foi muito movimentada, com proposições esquerdistas, que os Circulistas combateram veementemente e conseguiram derrubar.

Para o biênio de 1960 a 1962 foi reeleita a Diretoria anterior, com exceção do 1º Tesoureiro José Lourenço da Silva, por motivo de saúde, sendo substituído por Clidenor Bezerra de Lima.

Ainda em 1960, a Federação compareceu à Assembléia Geral da Confederação, representada por José Pedro Neto, que também representou a Federação em 1962, no Congresso Circulista Estadual do Ceará. Ainda neste ano tivemos as visitas do Padre Pedro Velloso, Assistente Eclesiástico da Confederação, de Paulo Silva, Diretor do Departamento de Divulgação da mesma e Expedito Alleluia, Secretário Geral, que trataram de assuntos de interesse do Circulismo.

Em 1963 tomou posse como Assistente Eclesiástico da Federação, em substituição ao Padre Estanislau Stephantiack, que por motivo de saúde viajou à Europa, o padre Pedro Ferreira da Costa.

Como propaganda do Movimento Circulista, a Federação manteve em 1963 uma "Coluna Circulista", aos domingos no Jornal "Tribuna do Norte" desta Capital, que foi muito proveitosa.

O Movimento Circulista Brasileiro aumentava de prestígio com repercussão no Exterior. Assim, em 1963 fomos honrados com as visitas de ilustres líderes de Sindicatos Cristãos, tendo à Frente José Goldsak, Presidente, Alfredo Di Pacce, Secretário Executivo para a Zona do Atlântico, Fulgêncio Barrero, Secretário Executivo para a Zona do Pacífico, da Confederação Latino Americana de Sindicatos Cristãos (Clasc), da qual a Confederação Nacional de Círculos Operários era sócia fundadora, e ainda de Pallo Loyolla, Presidente da Confederação Latino Americana de Campesinos, acompanhados do Padre Pedro Velloso, Expedito Alleluia e Thelina Macedo, da Diretoria da Confederação Nacional de Operários Católicos.

Foram recebidos em sessão especial da Federação, mantendo entendimentos com os Circulistas locais, inteirando-se das atividades e trocando idéias para um perfeito entrossamento entre o Circulismo e o sindicalismo Cristão da América Latina.

Ainda em 1963, esta Federação recebeu a visita do Padre Pancrácio Dutra, Diretor da Escola de Líderes Operários (ELO) da Confederação, que veio verificar as condições e possibilidades da fundação da ELO, nesta Federação

Igualmente visitou esta federação o companheiro José Antônio de Magalhães, Presidente da Confederação Nacional, que percorria e visitava todas as Federações dos Estados do Nordeste, verificando a situação de cada uma.

O ano de 1963 foi de imensa significação para o Movimento Circulista, não só entre nós, como para todo Norte e Nordeste. Como ponto culminante tivemos a realização em Fortaleza, Estado do Ceará, de 03 a 06 de outubro, do I Congresso Regional Circulista.

Antes houve muita preparação e propaganda, sendo realizadas sessões Preparatórias Plenárias, em Salvador, Aracajú, Maceió, Caruarú, João Pessoa, Natal, Fortale-

za e Terezina, com o comparecimento de representações de todas as Federações e mais da Confederação Nacional. Foram muito proveitosas essas reuniões de estudos e de preparação ao importante certame de Fortaleza. A nossa Delegação ao referido Congresso foi de 27 Circulistas, que viajou em ônibus especial e teve decisiva atuação em todos os trabalhos, tomando parte ativa em todas as comissões e debates, ocupando ainda cargos de relevo no Congresso.

Na ocasião foi fundada a Regional Circulista do Nordeste, sendo eleito Secretário Executivo o Companheiro Jorge Cavalcanti de Morais, Presidente da Federação de Alagoas, onde ficou a sede provisória da Regional. Foi muito eficiente a gestão de Jorge Morais, com vistas as Federações da Regional, fazendo reuniões da Regional, com muito proveito. É pena que esta Regional não tenha tido maior duração, por motivos diversos.

Ainda em 1963 esta Federação criou o seu Departamento de Ação Social e Sindical, tendo designado para Secretário Executivo ou Permanente, o companheiro Raimundo Alves Leite, que teve valiosa atuação junto aos Sindicatos e demais Associações operárias do Estado, organizando Fichário de todos.

Em vista das atividades desenvolvidas pela Federação, foi alugada uma sala à rua Ulisses Caldas, nº 176, 1º andar, para sua sede provisória, bem instalada, com expediente diário e uma auxiliar de serviços na Secretaria.

Em 1964, depois de vários entendimentos foi reorganizado o Círculo Operário de São José de Campestre, que deixara de funcionar, tendo outra vez, encerrado suas atividades.

Para um melhor atendimento dos Circulistas e respectivas famílias, a Federação fez um Convênio com a Policlínica do Alecrim, com ótimos resultados.

Juventude circulista

Para coordenar e arregimentar a mocidade Circulista ou não, tivemos a preciosa colaboração do Acadêmico de Direito Francisco Assis Fernandes, que se engajou ao Movimento Circulista, pronunciando palestras em todos os Circulos sediados em Natal, abordando temas de interesse do operário e especialmente dos jovens, obtendo resultados promissores, ficando como Coordenador da Juventude Circulista. E pelos relevantes serviços prestados foi considerado sócio colaborador da Federação. Isto durante o ano de 1964.

Em abril de 1965 o Circulismo recebeu valiosa colaboração do governador Aluízio Alves, que por intermédio do Departamento de Serviço Social do Estado, cedeu 100 máquinas de costura para venda pelo custo e a prazo, aos circulistas, por intermédio da Cooperativa de Crédito e Consumo do Alecrim, cabendo ao Círculo Operário de Natal - 40 máquinas; ao de Lagoa Seca - 35; ao das Quintas - 15; ao das Rocas - 5 e ao de Igapó - 5.

Também em 1965 foi designado Assistente Jurídico da Federação o Bacharel Bianor Medeiros.

Na Assembléia Geral da Confederação de 1965, a Federação foi representada pelo seu Presidente José Pedro Neto e Assistente Eclesiástico Padre Pedro Ferreira da Costa.

No mês de março, dias 13 e 14, o Presidente da Federação compareceu a uma reunião da Regional Circulista do Nordeste, em Maceió, Alagoas.

Em Assembléia Geral Ordinária de 24 de abril de 1965, esta Federação promoveu

a reforma de *seus Estatutos*, como também dos Círculos, adaptando-se aos Estatutos Modelo aprovados pela Assembléia Geral da Confederação, que mudou também as denominações para Federação e Círculo de Trabalhadores Cristãos.

Em agosto de 1965, tivemos a visita do Padre Valério Alberton, Assistente Eclesiástico Auxiliar da Confederação e dos Congregados Marianos, com o fim de uma maior aproximação e entrosamento entre Circulistas e Marianos.

Em 18 de setembro de 1965 o nosso companheiro José Pedro Neto, renunciou em caráter irrevogável a Presidência da Federação, tendo em vista os motivos alegados pelo mesmo.

Depois de gestões para que continuasse, a renúncia foi aceita, sendo na ocasião ressaltado por todos pelos relevantes serviços prestados ao Movimento Circulista e especialmente a esta Federação, pelo companheiro que muito contribuiu com a cooperação de outros na direção, para o progresso alcançado pelo Circulismo no Estado.

Assumiu a Presidência da Federação até o final do mandato o Vice Presidente Arthur Villar.

Em 1966, a 31 de janeiro a 16 de fevereiro, a Confederação promoveu no Rio de Janeiro um encontro de Técnicos de Departamento de Estudos e Formação, tendo esta Federação mandato para tomar parte no mesmo, a Assistente Social Luzia Maria da Silva, com ótimos resultados para esta Federação, que aproveitando os ensinamentos colhidos, fundou a 12 de abril o Departamento de Estudos e Formação, designado para Diretora do mesmo, a esta Assistente social, que logo entrou em atividade, promovendo um Curso de Formação Circulista, de 15 dias, durante o mês de maio.

Foi o primeiro Departamento Estadual fundado em todo o Brasil, pelas Federações.

De 6 a 10 de julho de 1966, foi realizado o IX Congresso Nacional Circulista, em Salvador, Estado da Bahia, sendo esta Federação representada pelo seu Presidente Arthur Villar, que teve atuação decisiva nos trabalhos, inclusive sendo escolhido para Presidir a Assembléia Geral da Confederação, realizada após o Congresso, que se prenunciava com sérios problemas a resolver, tendo, entretanto, tudo corrido a contento e sanadas as desavenças, em virtude da firmeza da Mesa apoiada por grande maioria do Plenário.

Brentano ganha rua em Natal

Em maio de 1967, dos dias 18 a 21, a Confederação convocou uma Assembléia Geral Extraordinária, para tratar da situação financeira do Movimento Circulista, contribuições das Bases e organização de Patrimônio Nacional Circulista. Nessa mesma Assembléia por proposta dos Assistentes Eclesiásticos das Federações para uma tomada de posição e atitude a seguir junto ao Movimento Circulista, os mesmos passaram a denominar-se de Assistentes Religiosos. Antes da Assembléia Geral houve um Encontro dos Assistentes Eclesiásticos. Tanto ao Encontro como à Assembléia Geral tiveram as presenças do Padre Pedro Ferreira da Costa e Arthur Villar, Assistente Eclesiástico e Presidente da Federação.

Em fevereiro de 1967, tivemos a visita do Dr. Prill Stephan Wignar, Presidente da Federação Internacional de Solidariedade de:

Roma, Itália, que desejava conhecer o Movimento Circulista Brasileiro, tendo sido recebido pela Federação, colhendo ótima impressão de que tomou conhecimento e do que era e fazia o Circulismo em prol do Trabalhador.

Visitou também esta Federação o Padre Paulo Crespo, Assistente Religioso da Federação de Pernambuco, colhendo boa impressão dos nossos trabalhos.

Sentindo a necessidade de contribuir para preparar profissionais, em 28 de agosto de 1967, a Federação criou a Escola Circulista de Datilografia Dom Marcolino Dantas, em homenagem ao grande Bispo Circulista de Natal, funcionando a mesma em cooperação e celebração na sede de Círculo de trabalhadores Cristãos de lagoa Seca, tendo adquirido 10 máquinas de segunda mão, e assim prestando bons serviços a Comunidade.

A Câmara Municipal de Natal, por proposta do Vereador Circulista Geraldo Arcanjo, homenageou o Padre Leopoldo Brentano, dando o seu nome a rua em que tem sua sede o Núcleo de Círculo de Trabalhadores Cristãos de Natal, no Bairro de Nazaré.

Em 17 de setembro de 1967, a Assembléia Geral Ordinária desta Federação foi realizada na sede do Círculo de Trabalhadores Cristãos de Igapó, tendo havido almoço de confraternização e aprovada a reforma dos Estatutos, proposta pela Confederação, tanto da Federação como dos Círculos. Também foram feitos estudos para a formação das Caixas de Pecúlio dos Círculos e aprovadas as normas da mesma, que foi criada e instalada no dia 1° de outubro, por ocasião da abertura do Ano Nacional Circulista, na sede do Núcleo de Nazaré, sendo também aposta a Placa da rua Padre Leopoldo Brentano.

No dia 7 de abril de 1968, foi realizada a Assembléia Geral Ordinária da Federação, sendo na ocasião eleita a Diretoria para o biênio de 1968/1970.

Em junho desse mesmo ano, recebemos a visita do Padre Urbano Rausch, Assistente Religioso da Confederação, que veio tomar conhecimento e incentivar o Movimento Circulista Estadual.

No dia 29 de setembro de 1969, esta Federação visitou, o Círculo de trabalhadores Cristãos de Caicó, tendo sido realizada uma sessão solene, Seminário de Estudos, debates e esclarecimentos com os circulistas locais, tendo a frente o Presidente Luiz França de Oliveira e o Assistente Religioso Padre Ausônio Tércio de Araújo, com ótimos resultados para os circulistas locais. Houve também uma entrevista com o Presidente da Federação pela Emissora Rural de Caicó, sobre o Movimento Circulista. Foi colhido ótima impressão dos trabalhos do referido Círculo.

De 7 a 10 de junho de 1969, esteve novamente em visita a esta Federação o padre Urbano Rausch, com reuniões nas sedes de todos os Círculos de Natal, para tomada de conhecimento do que se estava fazendo, receber novas instruções e incentivos para a vida circulista local. Foi bastante proveitosa essa estadia de Assistente Religioso da Cbtc.

Em dezembro do mesmo ano visitou-nos o Padre Antônio Kelmenti, Assistente Religioso da Federação da Bahia, que esteve em todas as sedes dos diversos Círculos de Natal, colhendo as melhores impressões.

Também nesse ano, pelo Dr. Francisco Dantas Guedes, Presidente dos Companheiros da Aliança, Comité local, fez oferta de carteiras escolares, cadeiras, linha de costura e outros materiais escolares, aos diversos Círculos de Natal, material este

recebido do Estado do Miame, Estados Unidos.

O Padre Nelson Santos, Assistente Religioso Auxiliar da Cbtc, esteve em visita a esta Federação nos dias 15 a 19 de março de 1970, tratando da organização e preparação ao Congresso Nacional Circulista, daquele ano, realizado em Belo Horizonte.

De 15 a 19 de julho de 1970 realizou-se o X Congresso Nacional Circulista em Belo Horizonte, Estado de Minas Grais, tendo esta Federação sido representada por uma Delegação presidida pelo Vice Presidente Anacleto Benigno de Morais. As Resoluções aprovadas foram publicadas em "Documentos do X Congresso Nacional", e distribuídas aos Círculos e Federações.

Em abril de 1971, esta Federação promoveu uma campanha para a escolha da Rainha do Movimento Circulista, sendo eleita a candidata do Círculo de Trabalhadores Cristãos de Lagoa Seca, e Princesa a candidata do CTC das Quintas. A Festa de Coroação e entrega das Faixas foi realizada na sede do CTC de Lagoa Seca, no dia 15 de maio, em comemoração à Encíclica Rerum Novarum.

A Federação realizou a sua Assembléia Geral Ordinária em março de 1970; sendo na ocasião eleita a Diretoria para o biênio de 1970 a 1972.

Durante o ano de 1971, a Federação funcionou normalmente, fazendo visitas mensais a todos os Círculos sediados em Natal e bem assim ao de Extremoz, e manteve constante intercâmbio com os demais Círculos do interior do Estado.

Luta contra seca reforça trabalho

A Federação não se descuidou de desenvolver e estender o Movimento Circulista, não só nesta Capital como nos municípios do interior do Estado.

Assim, em CIACÓ os operários ansiavam por uma organização para atender e defender os seus interesses.

Orientados pelo Bispo Dom José de Medeiros Delgado, que promoveu reuniões para tal fim, achando que deviam se incorporar ao Movimento Circulista Nacional, mostrando as vantagens do mesmo.

E assim orientados, no dia 8 de março de 1951, em um dos salões da Escola Prevocacional de Caicó, cerca de 25 operários fundaram o Círculo Operário de Caicó, tendo como primeiro Presidente Valeriano Morais e como Assistente Eclesiástico, o Padre João Agripino Dantas.

Em 1953 iniciou a construção de sua sede própria, passando em 1956 a funcionar na mesma, tendo a inauguração sido efetuada no dia 1° de maio, com festividades presididas pelo bispo Dom José Adelino Dantas.

Em 1958, sofreu bastante com a seca desse ano, porém os seus dirigentes não

esmoreceram e foi, então, fundada a Escola Profissional de Corte e Costura.

Implantou a assistência médica e dentária, sob a Presidência de Vicente Modesto de Araújo, que muito trabalhou pelo desenvolvimento do Círculo.

Em 1960 o companheiro Valeriano Morais voltou a direção do Círculo, encontrando-o bem abalado devido os efeitos da seca, mas, agora, contando com a ajuda do Padre Itan Pereira, que fez o Círculo voltar as suas atividades anteriores.

Em 1961 foi fundado o Curso de Bordados.

Em 1962 estabeleceu o Curso Primário, em Convênio com a Prefeitura Municipal.

Em 1963, foi designado Assistente Eclesiástico o Padre Ausônio Tércio de Araújo, que incrementou a vida do Círculo.

Em 5 de setembro de 1965, passou a denominar-se Círculo de Trabalhadores Cristãos de Caicó, quando fundou um Curso de Admissão ao Ginásio.

Em 1966 foi eleito Presidente o companheiro Luiz França de Oliveira, que durante a sua gestão sempre procurou manter todos os Serviços do Círculo.

Em 1970 voltou a Presidência, Valeriano Morais.

Desde a sua fundação o Círculo presta serviços à Comunidade, assistência aos associados, suas famílias e aos pobres. Possui ótima sede própria à Avenida Celso Dantas, nº 837.

Em 1968 foi visitado pela Federação, realizando sessão solene e debates muito proveitosos para os Circulistas, além de palestras pela rádio Rural local.

É registrado no Conselho Nacional de Serviço Social e no Departamento de Serviço Social do Estado. Tem Personalidade Jurídica, reconhecido de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 3.639, de 1966. É cadastrado no Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda.

Estrada no sertão

Quando da realização Semana Rural de Pau dos Ferros em 1951 no dia 29 de setembro, por iniciativa no nosso Companheiro José Guedes do Rego e todo apoio da Federação, foi fundado o Círculo Operário Pauferrense, com características de Ruralismo, que esteve em fase de implantação até 1952, com a arregimentação de associados e daí por diante sempre sob a Presidência de José do Rego, passou a implantar os seus serviços em sede alugada.

Em seguida conseguiu um terreno e a construção de sua sede própria, à Travessa Pedro Velho, s/n. Bem instalado criou a Escola Profissional Santa Maria Goretti, com cursos de Corte e Costura, Bordados, Trabalhos Manuais e outros, proporcionado, assim, relevantes ajudas as moças pobres, filhas de associados, dando desse modo oportunidade e condições de conseguir uma profissão honesta e meio de vida para promoção da família.

Com a cooperação do então Bispo de Mossoró, Dom João Costa, conseguiu um trator do Ministério da Agricultura, prestando imenso auxílio aos associados agricultores. Aparelhou a Escola Profissional com 6 máquinas de costura. Instalou um Gabinete Médico e Dentário, mantendo assistência permanente aos associados e respectivas famílias. Também merece destaque a Alfabetização de crianças e adultos pobres, com funcionamento noturno para os que não podiam freqüentar as aulas durante o dia, sendo dispensadas as exigências de fardamento e calçados, podendo as crianças comparecerem de qualquer ma-

neira e de acordo com os recursos da família.

Com essa medida muito beneficiou essas crianças, merecendo total apoio da população local. Manteve Convênio com a Secretaria de Educação do Estado e com a prefeitura Municipal para funcionamento de diversas classes, sendo o movimento escolar avultado, começando às 7 até as 22 horas. Foi muito valiosa a cooperação da Professora Otília Xavier Bezerra, posta à disposição do Círculo, pela Secretaria de Educação do Estado, desde 1953, prestando relevantes serviços. Desde a sua fundação até 1970, ainda sob a presidência do companheiro José Guedes do Rego, incansável batalhador e apóstolo do Movimento Circulista, que mesmo residindo em Natal, continuou sendo um forte baluarte pelo progresso e frutos do Círculo Pauferrense.

O Círculo tem Personalidade Jurídica, é reconhecido de Utilidade Pública Estadual, pela Lei nº 888 de 1953 e Municipal, pela Lei nº 9 do mesmo ano. Foi registrado no Conselho Nacional do Serviço Social no Departamento de Serviço Social de Estado e cadastrado no Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda.

Impulso reforçado

Em 30 de novembro de 1951, o Círculo Operário de Natal, tendo em vista a densidade populacional do Bairro de Lagoa Seca, com vários circulistas, fundou um Núcleo de Lagoa Seca.

Desde logo teve situação marcante no Bairro e em 7 de fevereiro de 1954, foi transformado em Círculo Operário de lagoa Seca, tomando daí em diante maior impulso. Construiu uma ótima sede própria, com dois pavimentos à rua Monsenhor José Paulino, nº 1775. Criou uma Escola Profissional com Cursos de Corte e Costura, Bordados, Arte Culinária, Prendas Domésticas, Enfermagem e Alfabetização de crianças e adultos. Tem um Clube de Jovens, Gabinete Médico Dentário.

Passou, então a liderar o Movimento Social e Assistencial do Bairro, promovendo ainda, cursos de Dirigentes e Militantes com real proveito para a Comunidade.

Contou desde o início com as lideranças de José Pedro Neto, Antônio Soares da Silva, Anacleto Benigno de Morais, Severina Ferreira de Lima e outros circulistas. São inestimáveis os benefícios prestados à Comunidade local.

Tem Personalidade Jurídica, é reconhecida de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 3.624 de 1968 e Municipal pela Lei nº 1.552 de 1966. É registrado no Cadastro Geral de Contribuinte de Serviço Social do Estado. Passou a denominar-se Círculo de Trabalhadores Cristãos de Lagoa Seca, em 11 de julho de 1965.

Visando alcançar outras áreas e contando com número regular de filiados e mais com o progresso do Bairro de Nova Descoberta, criou o Núcleo de Nova Descoberta, em 1956, que por falta de uma sede própria, funcionou precariamente na sede de outras entidades.

Sentindo a necessidade de ter a sua sede própria, os dirigentes do Círculo, com o apoio dos do Núcleo, resolveram construir a sua casa, adquirindo de imediato um terreno à rua Coronel Aury Coelho, iniciando os trabalhos de construção e em 1972 conseguiram fazer o andar térreo, onde passou a funcionar o Núcleo, com muito proveito para os seus serviços, dando assim, novo impulso aos seus trabalhos em prol da Comunidade e dos associados.

Atividade passageira

SÃO JOSÉ DE CAMPESTRE

Em 1° de julho de 1954, a Federação fundou o Círculo Operário de São José de Campestre, contando com a colaboração de elementos locais interessados. Nos primeiros tempos procurou cumprir as suas finalidades com certa regularidade. Depois foi arrefecendo o entusiasmo de seus dirigentes e deixou de funcionar. A Federação fez mais uma tentativa e reorganizou o Círculo, não se firmando por falta de dirigentes capazes de conduzir o circulismo, por não terem idealismo e o devido interesse. Assim, mais uma vez fracassou e não vingou a semente.

ALEXANDRIA

Em 1965, precisamente no dia 19 de dezembro foi fundado o Círculo Operário de Alexandria, no Alto Oeste do Estado. No princípio muita animação e algum progresso, depois foi esfriando o entusiasmo dos primeiros dirigentes e foi decaindo até que deixou de funcionar, apesar dos esforços da Federação para mante-lo e não haver interesse do Vigário local. Chegou até a fundar e manter a Escola Aluízio Alves, para alfabetização de crianças. A Federação não teve mais notícias.

O Vigário e outras pessoas, permaneceram em silêncio.

MACAÍBA

Também em Macaíba, por influência da Federação e contando com a colaboração de elementos locais, foi fundado o Círculo Operário de Macaíba, no dia 25 de dezembro de 1955, por elementos da Federação, tendo à frente o Presidente Otto de Brito Guerra. Começou bem, teve grande atividade, adquiriu uma sede própria e por fim teve as suas atividades encerradas por falta de dirigentes. A Federação tentou por várias vezes restaurá-lo, sendo porém, que as dificuldades foram tantas, por parte do então Vigário, que chegou até a se apossar da sede para obras paroquiais, pondo dificuldades em restituí-la, e afinal por falta de quem quisesse enfrentar a situação como dirigente, a Federação desistiu de levar avante o Movimento e de readquirir a sua sede. Que continua em outras mãos.

Anchieta nas Rocas

ROCAS

Em 1939 o Círculo Operário de Natal fundou o Núcleo Anchieta, no bairro das Rocas. Infelizmente não existe mais nenhum Arquivo ou documentos de suas atividades. Conforme pesquisas feitas e por alguns dados colhidos nas Atas do Núcleo do Alecrim, teve o Núcleo Anchieta uma fase de grandes atividades, com sede própria.

Ignora-se quais foram os seus primeiros dirigentes.

Sabe-se que teve como orientador e incentivador o saudoso médico Dr. Ricardo Barreto e a Irmã Vitória, não se sabendo ao certo os motivos porque deixou de funcionar. Tinha uma Caixa de Pecúlio, que chegou a ser transformada em Cooperativa, não chegando a funcionar. E assim, não colhemos mais nenhuma notícia sobre o mesmo.

Tempos depois foi reorganizado pelo Círculo Operário de Natal com denominação de Núcleo das rocas. Em 31 de maio de 1956, foi transformado em Círculo Operário Anchieta, tendo de início regular atividade, mantendo um Consultório Médico

sob a direção do Dr. Euclides Fernandes Gurjão e Serviço Dentário em Convênio com o Centro Social Leão XIII, em cuja sede funcionou por algum tempo.

Depois passou a funcionar em sedes alugadas às ruas Belo Horizonte e do Areial. Em 1965 adquiriu uma casa à Rua Jordanez, nº 228, com auxílio do governo do Estado e cooperação da Federação, passando a ter a sua sede própria, o que muito contribuiu para a melhoria e eficiência de seus serviços.

Criou cursos de Corte e Costura, Bordados, Datilografia, de Alfabetização, este com a cooperação do Estado, que deu a Professora.

Tomou maior incremento e maiores atividades sob a Presidência da Professora Neuza Fernandes Victor, em cuja gestão foi adquirida a sua atual sede. Conta com a cooperação da Juventude, que promove festas, passeios, esportes, etc. Reconhecido de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 2.037 de 1967 e Municipal pela Lei nº 1.323 de 1963.

E registrado no Conselho Nacional de Serviço Social e no Departamento de Serviço Social do Estado, no Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda. Passou a denominar-se Círculo de Trabalhadores Cristãos das rocas, em 29 de maio de 1966.

QUINTAS

Sempre se expandindo o Círculo Operário de Natal, em 1° de julho de 1954, criou o Núcleo das Quintas, que logo cresceu, prosperou e reclamou a sua independência.

A Federação atendendo a requerimento dos associados e tendo em vista a situação do Bairro, deferiu o pedido e em 1° de julho de 1956 foi o Núcleo transformado em Círculo Operário das Quintas.

Por vários anos teve grande desenvolvimento, mantendo cursos de Corte e Costura, bordados, Alfabetização, Serviço Médico e Dentário, sendo seu primeiro Presidente, o companheiro Clidenor Bezerra de Lima, que contou sempre com a dedicação da Professora Circulista Otília de Andrade Moura.

Trabalhou pela construção da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e do Salão Paroquial, onde passou a ter a sua sede por algum tempo, de onde por motivos alheios a vontade de seus dirigentes, foi obrigado a deixar, passando a funcionar em casas alugadas ou cedidas por sócios.

Aumentando as dificuldades entrou em crise e finalmente chegou quase a cerrar as suas atividades.

Foi depois reorganizado e recomeçou seu antigo ritmo de trabalhos, ao criar novos serviços.

Sob a direção do companheiro Manoel Rodrigues da Rocha adquiriu sua sede à rua São Geraldo, nº 2-A, com auxílio da Prefeitura Municipal de Natal e empréstimo à Cooperativa Central de Crédito.

Manoel Rodrigues com os novos dirigentes deu novo sangue ao Círculo, que passou a ter grande atividade reorganizando os seus diversos serviços, aumentou o número de associados.

Fundou o Clube de Mães Rosa de Maio, em 1° de maio de 1969, que veio dar muita vida ao Círculo, com atividades artesanais e outras. Passou a denominar-se Círculo de Trabalhadores Cristãos das Quintas, em 1966.

Tem Personalidade Jurídica. É reconhecido de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 2.013 de 1957. E registrado no Departamento de Serviço Social do Estado e no Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda.

IGAPÓ

Sempre em progresso o Movimento Circulista atravessou o Rio Potengi e foi até a terra de Felipe Camarão na Vila de Igapó, e ali plantou o Círculo Operário de Igapó, no dia 19 de outubro de 1956, encontrando acentuada receptividade por parte da população local.

Funcionou no prédio das Escolas Reunidas Potiguassú. Até 1962 teve funcionamento irregular, chegando a suspender as suas atividades por falta de dirigentes interessados.

Finalmente nesse mesmo ano, a Federação sempre atenta, promoveu a sua reorganização sob a Presidência de João Batista do Nascimento, com nova diretoria, que nos primeiros anos procurou desenvolver os seus diversos serviços.

Funcionou na Capela da Divina Santa Cruz, algum tempo, e depois em casa cedida pelo Circulista José Galvão, à praça São Vicente s/n.

Fundou a Biblioteca Professor Ulisses de Góis, circulista veterano e filho do lugar.

Desenvolveu movimentos sociais, recreativos e esportivos.

Lutou junto às autoridades estaduais e municipais para a instalação da energia de Paulo Afonso, perfuração de poço tubular para o fornecimento de água à população da Vila; ampliação das Escolas Potiguassú, com a criação do 5° ano Primário; batalhou pela criação do Distrito Administrativos e Judiciário de Igapó, por intermédio do Deputado Erivan França e em conseqüência a instalação de um Cartório Judiciário, nomeação de Juízes de Paz, Oficial de Justiça, o que muito contribuiu para o Progresso do Distrito de Igapó.

Conseguiu do Governador Aluízio Alves a doação do terreno da antiga Escola, onde hoje está a sua sede, além de vários outros melhoramentos.

Esteve por alguns anos com pouca atividade, entrando em crise, resultando na renúncia do companheiro João Batista do Nascimento, da Presidência do Círculo.

Soó a orientação da Federação, foi escolhida nova Diretoria, cabendo a Presidência ao companheiro Francisco André do Nascimento, que deu prioridade à construção de sua sede. O entusiasmo e dinamismo de Francisco André, contagiou os circulistas de Igapó, e sem demora deram início ao trabalhos de construção sob a direção do Mestre Antônio Soares, circulista da velha guarda, de Lagoa Seca. Foi feito Convênio com a Cáritas Arquidiocesana de Natal e durante quase dois anos de lutas, enfrentando grandes dificuldades e sacrifícios, sempre com ânimo forte de circulistas autênticos, conseguiram ver concretizado velho sonho, e assim no dia 1° de maio de 1970, como solenidade do Dia do Trabalho, inaugurou um salão de oito metros por dezoito, com sala de Secretária, gabinete Médico-Dentário e de Enfermagem, à rua Dr. Antônio de Souza, n° 218.

Foi então, criada a Escola Profissional Circulista Francisco Gurgel, em homenagem a esse saudoso companheiro, com cursos de Corte e Costura, Bordados, Alfabetização de crianças e adultos, contando com a cooperação da Prefeitura Municipal de Natal e do Mobral.

Em 1° de dezembro de 1969, foi fundado o Clube de Mães Nossa Senhora Medianeira, com 40 mães circulistas, que entraram em atividade, promovendo reuniões e trabalhos de artesanato.

Com o intuito de ampliar a sua sede, adquiriu um terreno de 6,80 por 35 metros, anexo ao Círculo.

Passou a denominar-se Círculo de trabalhadores Cristãos de Igapó, em 10 de outubro de 1965. Tem Personalidade Jurídica. É reconhecido de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº 3.553, de 1967 e Municipal, pela Lei nº 1.584, de 1966. E registrado no Conselho Nacional de Serviço Social e no Departamento de Serviço Social do Estado, como também no Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda. Tem como Assistente Religioso o Padre Thiago Thiesen, que muito tem ajudado aos trabalhos do Círculo.

EXTREMOZ

Com a cooperação do Dr. Euclides Fernandes Gurjão, foi fundado o Círculo de Trabalhadores Cristãos São Miguel de Extremoz, em 18 de setembro de 1966, que teve sede provisória em uma casa gentilmente cedida gratuitamente, pelo Sr. Manoel Sobral de Medeiros. Instalou um curso de Corte e Costura, Gabinete Médico Dentário a cargo dos Drs. Euclides Fernandes Gurjão e Armando Taveira. Depois entrou em declínio sendo reanimado depois com a escolha de nova Diretoria sob a Presidência de Saul Bento da Silva. Adquiriu uma sede própria à rua da Rodagem s/n, dando assim, mais vantagens ao trabalho, funcionando por algum tempo uma Barbearia Escola para aprendizagem de associados. Em outubro de 1971, foi visitado pela Federação, realizando-se uma sessão solene, dando deste modo novo impulso e incentivos ao movimento. Tem Personalidade Jurídica. É reconhecido de Utilidade pública Estadual pela Lei nº 3.606, de 1967. É registrado no Conselho Nacional de Serviço Social e no Departamento de Serviço Social do Estado, como também no Cadastro Geral de Contribuições do Ministério da Fazenda. Foi seu primeiro Presidente o Dr. Euclides Fernandes Gurjão.

Numerosas dificuldades

1971 - A Federação realizou a sua Assembléia Geral Ordinária no dia 21 de março. Durante o ano e na forma de costume promoveu reuniões mensais nas sedes dos Círculos de Natal e respectivos Núcleos. Promoveu, como nos anos anteriores as comemorações em conjunto do Dia do Trabalho, desta feita em Igapó. Adquiriu máquinas de costura e as distribuiu com as Escolas Profissionais dos Círculos.

Finalmente a Federação cumpriu o seu dever, embora lutando com sérias dificuldades financeiras. As Bases não têm correspondido às suas obrigações sociais de acordo com as Resoluções do X Congresso Nacional, com as contribuições aos órgãos de cúpula, isto em parte pelas mesmas dificuldades que também têm.

A Federação sempre consegue com os nossos representantes da esfera federal, estadual e municipal, subvenções orçamentarias, que são recebidas com certa dificuldade e atrazo, às vezes com descontos.

Mantém-se acima e fora da política partidária, tendo porém com todas as autoridades constituídas, boas relações e respeito, como também com as autoridades Eclesiásticas da Arquidiocese e das Dioceses de Mossoró e Caicó. Os Assistentes Religiosos são poucos e somente poucos Círculos possuem.

Entretanto, a Federação mantém as suas atividades e orientação, bem como dos Círculos, dentro da Doutrina Social Cristã.

Desde a sua fundação comparece devidamente representada a todas as Assembléias Gerais, Encontros, Congressos Nacionais Circulistas promovidos pela Confe-

deração Brasileira de Trabalhadores Cristãos, em vários Estados, bem assim, a alguns Congressos ou Encontros Regionais, promovidos pelas respectivas Federações.

Em 19 de março de 1972, foi eleita nova Diretoria da Federação para o biênio de 1972/1974, cabendo a Presidência ao companheiro Anacleto Benigno de Morais.

Concluindo este ligeiro e sucinto relato histórico do Movimento Circulista no Rio Grande do Norte, durante os seus 36 anos de existência, com altos e baixos, porém, sempre voltado para os melhores esforços em prol do bem estar da classe trabalhadora, dentro dos postulados deixados pelo saudoso Fundador Padre Leopoldo Brentano.

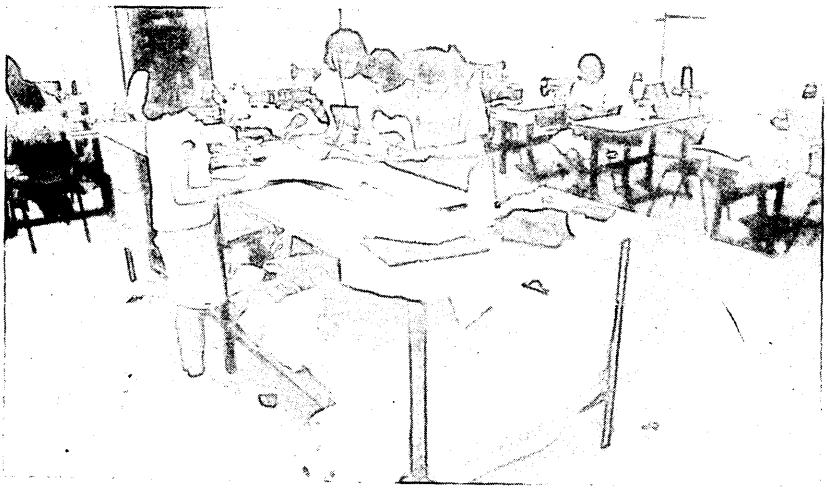
Também as nossas homenagens ao "Bispo Circulista" Dom Marcolino Dantas que muito fez pelo nosso Movimento. Foi considerado o "Bispo Circulista", por resolução do IX Congresso Nacional Circulista realizado em 1966 em Salvador, Estado da Bahia, por coincidência o seu Estado Natal.

O Movimento Circulista cumpriu o seu dever e assim se pode cantar com ufania o "Hino dos Trabalhadores Brasileiros" (Circulista), que define bem o seu programa:

"Companheiros, cerremos fileiras,
Olhos fitos no ideal que reluz.
Empenhemos a nossa Bandeira,
Cujas cores abraçam a Cruz.
Ardorosos na luta, queremos
O Operário fazer respeitar,
Contra as forças do mal defendemos
NOSSO DEUS, NOSSO PÃO, NOSSO LAR!

Nós trazemos um lema que encerra
Um programa de Paz e de Amor;
Pois queremos que acabem na terra
A OPRESSÃO, A INJUSTIÇA, O TERROR!
(bis)

Nós não somos mendigos ou escravos,
Mas pioneiros de um grande porvir;
Nós iremos com audácia do bravos
Nova ordem social construir,
Vencerá nossa marcha gloriosa
Vem depressa marchar, nosso irmão!
Surgirá da jornada afanosa
UM BRASIL OPERÁRIO CRISTÃO!



Operárias, em ritimo de trabalho

Clima

Desertificação Secular

Cortez Pereira*

Notícias vindas dos Estados Unidos informam que o homem chegará a Marte até o ano de 2.050.

Essa longa viagem de 149 milhões de km, que poderá ser reduzida, no momento de maior aproximação da terra, a 56.000.000 talvez esclareça muitas coisas, por tantas coisas que existem lá em comum com a terra, como a presença de nuvens, água, oxigênio, gás carbônico. Tantas semelhanças estimulam a imaginar que nos seus longos e profundos vales tenham corridos rios desaguando em desaparecidos mares, que os canais construídos com aparente inteligência tenha sida apoio a extintas civilizações.

Depois da descida do homem em Marte, utilizando todo o seu saber cientifico, aplicado através da técnica que dispõe, quem sabe? Possa voltar com elementos e condições de fazer uma projeção virtual do que poderá ser a Terra a alguns, poucos ou muitos séculos.

DA FICÇÃO À REALIDADE

As coisas que se imagina terem acontecido em Marte, estão acontecendo na terra e, possivelmente, em velocidade muito mais impressionante. Marte é formado hoje por um só deserto. Na Terra são muitos os desertos que se ampliam e tantos outros que se formam.

Desertos já cobrem dois terços da África e o maior deles, o Saara, cresceu mais de 100 Km só na seca de 68 a 1973.

Não há um só registro de deserto que tenha parado de crescer mas, no entanto, neste planeta chamado Terra, de terra mesmo só existem um terço, o resto é mar, é água.

Quando o homem chegar a Marte, as terras que na África produzem e alimentam o seu povo, estarão reduzidas a 0,1 hectare por pessoa quando são hoje 0,3.

Esta desertificação em marcha tem na África o seu espaço e momentos mais dramáticos, porém já alcança todos os continentes.

Na Ásia já se formaram dez desertos, dois deles - o da Arábia e o Gobi - somam mais de 3 milhões e 600 mil km^2. Onde civilizações prósperas se desenvolveram e marcaram momentos históricos de opulência e riqueza, existem hoje desertos que não produzem nada e onde não vive ninguém.

Na América, desertos mesmo já existem cinco, instalados e crescendo nos Estados Unidos, México, Peru e Chile.

O Brasil, apressadamente, trabalha para instalar no Nordeste o sexto deserto das Américas.

SEMENTE DAS SECAS

O Nordeste situa-se, em relação ao equador, numa posição semelhante à Amazônia e tudo indica que tenha sido uma extensão desta imensa região que representa a maior

concentração de água doce da terra.

Causas, não bem definidas teriam determinado um processo lento de diferenciação dando características opostas às duas grandes áreas, uma inundada e a outra seca.

A geologia e os fósseis parecem testemunhar esta mudança. A vegetação que sobreviveu no Nordeste semi-árido carrega no corpo as marcas de uma adaptação tão profunda que faz pensar em milênios. Muitas plantas sofreram mutações anatômicas e fisiológicas. No tempo da seca, umas perdem as folhas e entram em estado de dormência, outras se protegem impermeabilizando as copas com elementos tipo cera, há aquelas que transformam suas raízes em cisternas e tantas outras que acumulam água e nutrientes por todo corpo. Nesta luta pela sobrevivência algumas plantas se especializaram em retirar da umidade do ar, a água que o solo não tinha para oferecer.

Este fenômeno fantástico chamado **xerofilismo**, comum nas regiões secas do Mundo, no Nordeste semi-árido ainda é mais extraordinário. Aqui ele é, quantitativa e qualitativamente, mais abundante.

No Nordeste seco, o xerofilismo alcançou a "perfeição" do equilíbrio ecológico, com a chamada "floresta seca" que cobria toda a caatinga da Região.

Flora, fauna e solo mantinham-se numa sociedade orgânica onde havia reciprocidade complementar.

Com a chegada do homem "civilizado" a estabilidade existente entrou em desequilíbrio.

Vindos de regiões temperadas, os portugueses introduziram na semi-aridez do Nordeste culturas e tratos agrícolas incompatíveis com a nossa realidade climática, plantando assim, as sementes dos problemas de hoje, inclusive, o da desertificação.

AGRICULTOR MAIS POBRE

O homem civilizado não entendeu a linguagem da natureza, não foi capaz de assimilar a sua lição e desconheceu o exemplo da "floresta seca", criada pela xerofilismo, e que deu cobertura e sombreamento à toda a caatinga do Nordeste.

A analise sintética de Guimarães Duque conta a história desta tragédia:

"A caatinga degradada pelo machado e pelo fogo, arrasada pela erosão se transformou em Sertão. O Sertão ainda mais queimado, perdendo árvores e arbustos, teria gerado o Seridó".

O processo de devastação foi eliminando a flora, extinguindo a fauna, expulsando e matando o solo pela erosão e pelo calor.

As 3.000 horas de sol/ano, caindo verticalmente sobre um solo descoberto, sem o sombreamento das árvores, elevou a temperatura e criou um colchão de ar quente que atinge 2.500 metros de altura, alterando a normalidade de condensação das nuvens. As chuvas vão caindo e virando vapor d'água. Chove 487 mm/ano, mas a evaporação é, no Seridó, semelhante a dos desertos, 2.975 mm, resultando um déficit hídrico da ordem de 1por 5,9.

Todas essas variáveis e outras mais já implantaram em áreas do seridó e do Sertão de Angicos o "deserto econômico", isto é, a queda brutal de produtividade como conseqüência lógica da inadequada agricultura, feita em solo constantemente erodido e onde o calor incinera a pouca matéria orgânica que nele se deposite.

O "deserto econômico" caracteriza-se por inviabilizar a agricultura não remunerando siquer com a substância o trabalho de plantar, quanto mais o de investir. Neste estágio tem-se uma realidade sócio econômica, inexoravelmente terminal. Não foi outra a conclusão do Centro de Pesquisa

Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA) quando quantificou o empobrecimento do agricultor do semi-árido em13% ao ano.

LABORATÓRIO BOTÂNICO

O ponto de partida deve ser a defesa, preservação e recuperação do solo. Para isto é fundamental identificar, entre tantas variáveis determinantes da desertificação, aquelas passíveis de modificação e que, modificadas, possam modificar outras e criar um processo cumulativo contrário ao que criou a realidade existente.

Se preservar o solo é preocupação básica, fácil será entender que a cobertura por árvores e arbustos, a fixação por gramíneas, o sombreamento, além de ser possível, é eficiente, sendo a única coisa que resta a fazer.

Cabe ao homem fazer isto, fazer o pouco que completará o muito que a natureza já fez.

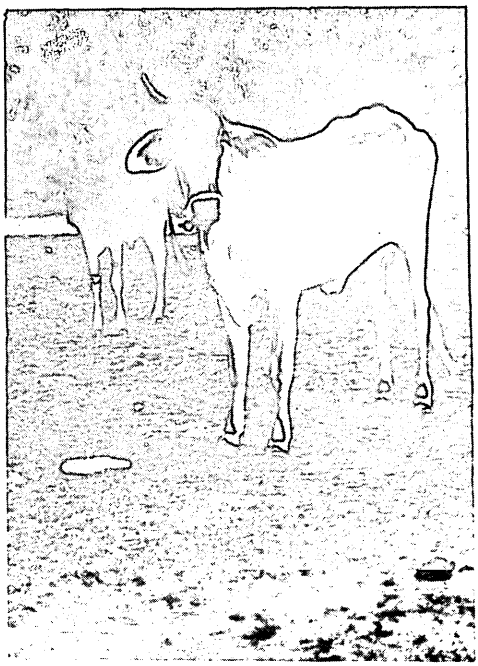
A natureza fez do Nordeste semi-árido um laboratório botânico impressionante. Selecionou e dotou as melhores espécies vegetais de mutações, anatômicas e fisiológicas, que permitissem a convivência com a seca. Nesta seleção, foi pródiga em quantidade e qualidade, nos oferecendo leguminosas forrageiras que podem, simultaneamente, superar o deserto econômico e evitar o próprio deserto.

Como leguminosas, essas plantas fixam nitrogênio, melhorando o solo e, sendo forrageiras, criarão o suporte para atividades climaticamente adequada, economicamente rentável que é a pecuária e assim superar o deserto econômico.

As regiões secas oferecem a vantagem de maior salubridade dos rebanhos e, vencendo a cíclica deficiência de forragens, tem-se uma atividade compatível com a ocupação plena, por todo o ano, da força de trabalho familiar. Acrescente-se, ainda, a infra-estrutura de açudes e barragens como contribuição do homem civilizado, que atenua assim o crime de ter destruído a "floresta seca". A importância destes pólos hídricos, os açudes, fez do Seridó, que é a mais devastada e mais grave área desertificada do Nordeste, a maior bacia leiteira do Estado.

O Nordeste semi-árido cristalino poderá assim reencontrar o seu destino e regiões em acelerada decadência como o Seridó, poderá voltar a ser no futuro, pela força de uma pecuária - industrial, o que já foi, no passado a mais próspera e de mais elevado nível de renda do Rio Grande do Norte apoiada na agro-industrial do velho e destruído algodão mocó.

***Ex- governador do Estado do Rio Grande do Norte (1971-1975)**



A desertificação aumenta em todo Nordeste.

Artigo de Capa

Erudição

Jurandir Navarro

É o epíteto que se pode aplicar à vasta cultura humanista e especulativo-experimental do Cônego Jorge O'Grady de Paiva. É atualmente no Brasil um dos sacerdotes intelectuais, mormente nos dias presentes quando os Seminários não se preocupam mais na formação de homens de pensamento. A meta agora é a ação social: cuidar mais do corpo do que do espírito.

E o Cônego Jorge O'Grady é daqueles remanescentes dos padres de outrora, profundos conhecedores do idioma do Lácio, da Literatura, das Letras Clássicas, da Sagrada Retórica, da História da Igreja. Dotados desse arsenal de cultura diversificada os sacerdotes de ontem fulguravam na cátedra, no púlpito e nos salões de conferências.

Esta tradição da Igreja Católica atravessou milênios de história, e se estenderá, de alguma forma, até a consumação dos tempos, porque o seu fundador dissera para os seus discípulos: "ide e ensinai". Por isto a vocação da Igreja será sempre uma vocação docente: ensinar sempre. E para tal ela terá que ter os instrumentos indispensáveis à Instrução e à Educação.

O fogo da procela bárbara ameaçou queimar e destruir o acervo cultural da Antiguidade. Opondo-se a essa desgraça se arregimentaram os monges das tebaidas. Lá eles guardaram o precioso legado da cultura greco-romana, principalmente. Hoje, o Vaticano encerra, no seu majestoso Museu, essas relíquias do passado.

A Igreja sempre prestigiou a inteligência. Daí o brilho incontestável dos seus vultos grandiosos: S.Paulo, Santo Agostinho, Santo Tomaz de Aquino, Cardeal de Cusa, Rogério Bacon, Pio XII, só para citar alguns deles nessa seara do pensamento.

Na Educação com La Salle, Dom Bosco. No social despontando o grande Leão XIII, autor da famosa Encíclica **Rerum Novarum**; João XXIII com **Mater et Magister.**

Isto para mencionar apenas esses instrumentos libertadores da mente humana eivada de malefícios do pecado, educando a humanidade do labéu do barbarismo e do erro que aviltam a alma humana.

E a Ordem de Jesus - ide e ensinai - tem sido obedecida por aqueles que receberam o mandado procuratório para representá-lo em tão importante causa, qual seja, a de livrar o homem das prisões pecaminosas.

Outrora a Igreja visava mais suavizar as dores espirituais. Na hora presente ela se preocupa com a vida social em geral. Cuida ela agora de aplacar a fome, mas nunca descurou de atender aos direitos da

alma. A sua sabedoria sabe dosar a humana necessidade nos seus períodos históricos.

A parte nobre da sua estrutura - o cérebro da sua magnífica organização hierárquica - continua atenta em disseminar os frutos da educação e da instrução, jamais esquecidos da sua responsabilidade no cumprimento irrestrito da mensagem redentora do **ide e ensinai!**

Daí haver representantes como o Cônego Jorge O'Grady, ilustrado não somente na esfera das letras clássicas como também da ciência indutiva, conhecedor da matemática, da física, da biologia, da astronomia, da astrofísica...

Aos oitenta e oito anos bem vividos, completados agora em maio, palmilha a esteira do Bem e da Verdade, dedicando mais de meio século da existência aos sagrados misteres da Religião e da Ciência. Vida utilíssima, produzindo cultura literária, científica e religiosa. Que digam os seus livros magistrais.

Poliglota, crítico literário, estudioso das ciência experimentais, escritor, orador, exegeta dos textos bíblicos, membro de duas Academias de Letras (Natal e Niterói), sócio de muitas instituições culturais, o Cônego O'Grady publicou quase duas dezenas de livros dentre os inéditos. São obras de vários gêneros, de cunho científi-

Cônego Jorge O'Grady

co, religioso, de literatura, acervo seleto que exprime o seu formoso talento polimorfo, lúcida inteligência e profunda cultura dos conhecimentos alí revelados.

Resumirei alguns: **Dicionário de Astronomia e Astronáutica** - dois volumes. Dele diz José Libindo de Azevedo, Diretor do Observatório do Cruzeiro do Sul, P. Alegre: "Fiquei deveras surpreendido pela magnífica obra. É o livro para professores, amadores e leigos (...) Precisava antes consultar dois ou três volumes para inteirarme de um assunto. Agora, está tudo resumido, em toda extensão da obra". Dom Antônio Morais Júnior, ex-Arcebispo de Niterói: "Nesta época agitada, romper com esse ruído universal para se fixar num grande trabalho de pesquisa e investigação, qual o que realizou, constitui verdadeiro heroísmo. Que Deus lhe conceda produzir novas obras que ilustrem e glorifiquem a Santa Igreja e o homem do nosso Clero". Do Prof. Roque Mendes, diretor do Observatório Beteigense da Bahia: "No Brasil não conhecemos obra similar (...) Obra indispensável aos pesquisadores". E do prefaciador Othon Costa: "Seu dicionário está destinado a ocupar a mais alta posição na bibliografia científica e literária do País".

Na "Seara das Letras, da Fé e da Ciência" (1968). Dentre outros assuntos faz a interpretação estilística de Euclides da Cunha e Augusto dos Anjos; a Conquista do Espaço e da Fé Cristã; Fóssil Vivo; Saudação a Dom Jaime Câmara; Psicologia do Natal ou Preparação Social do Advento; A Poesia de Zila Mamede, Edinor Avelino e a universalidade da Poesia.

Em "Prédicas, Saudações e Necrológios" diz Nilo Pereira:" Todas essas homilias são grandes orações, que não se medem pelo tamanho mas pelo conteúdo. Em suas reflexões tem o autor a sabedoria que vem do alto, do mistério de Deus. Daí o manancial de verdade e manifestação da chamada "fé intrépida". Do Padre Nestor de Alencar (Lorena S. Paulo): "O senhor é um dos maiores do Clero nacional. A impressão do livro é magnífica e mais ainda o seu conteúdo".

Na obra "João Gualberto, Varão da Eternidade" (1952), que foi Prêmio "Carlos Laet" de 1953 da Academia Brasileira de Letras, faz a biografia do grande sacerdote e maior orador, que com sua palavra eloqüente emudeceu muitos corifeus profanos. Ídolo incontestável dos estudantes, do seu peito inflamado brotaram um dia: 'Meditar a verdade! amar a verdade! viver a verdade' "

No livro "Excelências do Rosário Pregadas por Vieira" (1957), com o **Non Obstat** de D. Jaime Câmara. Admirável condensação analítica dos textos do Padre Antônio Vieira. Trabalho de exegeta e de erudito patrologista.

Em "Nos Domingos das Letras e da Ciência" (1977), encerra vários trabalhos de Literatura: O Soneto: origem, difusão, estrutura, temática, variação, inspiração e perenidade. Filosofia: Edith Stein, a mulher filósofa, martirizada na câmara de gás na segunda guerra mundial em Auschwitz. Diz o autor que na sua obra (de E. Stein) "o ser finito e o ser eterno" chega a contrariar afirmação de Santo Tomaz de Aquino. Para este o princípio da individualização é a "matéria assinalada pela quantidade". Para Edith Stein, o é "pela personalidade! Não a matéria; mas, a forma moral, que dá individualização aos seres inteligentes", conclui a filósofa sábia.

"Prédicas e Mini-Prédicas", são espécies de Sermões que o Cônego Jorge costuma complementar a sua oração no púl-

pito. Este livro, que é uma coletânea desse gênero literário, aborda interessantes temas da história religiosa.

Na sua visão exegética o autor traça a psicologia de Maria - a Filha Pródiga - que pedia perdão dos pecados sem pronunciar palavras, mas obedecendo ao coração, osculando e lavando os pés de Jesus e oleando os seus loiros cabelos na casa de Simão, o fariseu.

No "Prédicas, Saudações e Necrológios (1983), fala-nos o autor erudito sobre o primeiro milagre de Jesus em Caná, transformando a água em vinho e, depois, percorridos uns três anos faz o último milagre transformando o vinho no seu sangue, no Cenáculo. Traça o autor um paralelo entre um e outro milagre, afirmando ser aquele fundamento deste, interpondo a ambos a presença da sua divina mãe.

"Verdade e Vida (1947) é o livro que o Cônego Jorge considerou em entrevista concedia ao Acadêmico e Professor Veríssimo de Melo, o que mais o enternecera. "Foi escrito com amor". Disse. Trata-se de uma bio-bibliografia do Cônego Luiz Gonzaga do Monte, sacerdote conhecido no Rio Grande do Norte pelo saber múltiplo e pela santidade. Nesta obra o autor expõe a sua capacidade intelectual. Somente um cérebro poderoso como o seu poderia dizer tão bem do biografado. É obra antológica. E como tal ninguém se cansa em lê-la e relê-la. A chama da Verdade e da Vida deverá estar sempre acesa, daí merecer outra edição.

No seu "Arte e Beleza", último livro publicado, o prefácio é do Acadêmico Antônio Justa, conhecido intelectual brasileiro que diz ter o Pe. Jorge atingido "a elevação calórica dos cem graus", comparava Victor Hugo à evaporação da água e o pensamento humano, no "que atinge, em certos homens, a sua completa intensidade: Ésquilo, Jó, Miguel Ângelo, Isaias, S. Paulo... Rembrant e alguns outros marcam os cem gráus do gênio". E complementa: "o espírito humano tem um cimo. Este cimo é o ideal. Deus desce até lá; de lá sobe o homem".

Tal o nível elevado do conceito do prefaciador ilustre a respeito da erudição do Padre Jorge O'Grady de Paiva, desse livro escrito com beleza e arte. Nê-le o autor descreve com pincel de mestre as sete grandes figuras e as sete grandes obras das sete grandes artes. Estuda, a vôo de pássaro, mas que deixa refulgir o rastro luminoso da sua erudição, a Música, a Escultura, a Arquitetura, a Pintura, a Eloqüência ou Oratória, o Teatro e o Cinema, citando e detalhando a imagem de seus principais personagens e suas obras.

É um livro que encanta o espírito e enternece o coração. Não vi livro mais lindo no sentido estético, no gênero, entre nós, fazendo paralelo com "Linguagem da História da Arte" de Franco Jasielo, sendo este de estilo mais didático, porque destinado para sala de aula.

O Cônego Jorge O'Grady lidera hoje, dentre os vivos, a investigação científico-literária e o pensamento intelectual no Rio Grande do Norte, pelo seu talento e vasta erudição.

Embora consciente de sua singular capacidade intelectual o Cônego Jorge é um homem simples como deve ser o sacerdote católico. Sabe também que o saber não repugna a sua fé inquebrantável, mas se harmoniza com ela. Fazendo crítica literária portava-se tal Paulo Claudel, "que sentia a poesia como uma forma de oração".

Ensaio

O Cavalo na Literatura e na Civilização

Pe. Jorge O'Grady de Paiva*

Data dos tempos pré-históricos o culto prestado aos astros como deuses, imaginados estes à semelhança do homem (antropomorfismo) e tanto possuindo qualidades como defeitos. E o primeiro dos corpos celestes endeusado foi o Sol, também chamado, em grego, Hélio e Febo. É representado com arco, flechas e lira, simbolizando os raios que emite ou dardeja a harmonia do firmamento. Deus da Poesia, preside a inspiração e reúne as musas, no Parnaso; é o Deus do canto, da cítara e da lira. Seu olho resplandecente tudo vê, inclusive o futuro. Ora, se assim era o sol como poderia desloca-se, pelo céu, sem ser numa carruagem àurea e tirada por cavalos fulgurantes e velozes? Quatro possantes e fogosos corcéis eram atrelados a seu carro: Flégon, Pírois, Eôo e Éton, nomes cujos étimos revelam luz, esplendor, arrebol e brilho. E como podia locomover-se, com as patas no espaço? Para a fantasia não constituía problema, pois os dotava de asas. Cavalos alados, flamígeros, como já no regime histórico, viram os profetas Elias e Eliseu deles se aproximarem, conduzidos por um cocheiro de fogo, sendo, então, arrebatado Elias para um mundo fora da terra (Cf IV Ra II, 11 e 12). Mas o cavalo alado, por excelência, é Pégaso, nascido da Medusa quando teve esta, por Perseu, cortada a cabeça. Ao caso refere-se, em belo soneto, Herédia e que damos, a seguir, o segundo quarteto, em tradução de Álvaro Reis:

"Sobre o alado corcel que o oceano escouceia
E nitre e arfa e refuga, em meio à espumarada,
Ele depõe a amante, ainda em pranto banhada
Que lhe sorri e ao seio alvo e tímido o enleia"

Com um coice ou patada fez brotar Pégaso, do Helicon, a fonte de Hipocrene,

inspiradora dos vates. E forma uma constelação boreal, na figura de cavalo a galope, mas de cabeça para baixo. E outra constelação boreal é a do Eqúleo ou Cavalinho. E há, ainda, na constelação de Orion, nebulosa negra que, pelo formato, tomou o nome de "Cabeça de Cavalo". E os Irmãos Dióscuros ou "filhos de Júpiter", os chamados Castor e Pólux, são representados montando cavalos brancos. A maior união, porém, entre o cavalo e o homem, seria demonstrada pelo Centauro, mixto de homem e cavalo; porque, se foi este domesticado por aquele foi aquele, por assim dizer, que civilizou o homem que, de simples cavaleiro, veio a se tornar cavalheiro, cavalheiresco e cavalheiroso, por haver passado o cavalheirismo a sinônimo de educação e boas maneiras. Na literatura mitológica, assim como na histórica, ocupa o eqüino lugar de relevo. Da barbárie à civilização o cavalo acompanhou o homem. Sem ele muitas lutas e batalhas não teriam sido ganhas, nem mesmo travadas, havendo-se transformado a arte da cavalaria em ordens honoríficas e em arma bélica, pelas quais demostrou o homem sua fidalguia e sua bravura. E ficaram célebres os cavalos dos grandes cabos de guerra, dentre os quais Bucéfalo, de Alexandre Magno e Babieca do Cid Campeador. Celebridades alcançaram, também os cavaleiros da Távola Redonda, do Rei Artur e as montarias brancas de S. Joana D'Arc e Napoleão Bonaparte ("Ali"), sem esquecermos, dentre os cavalos dos romances de cavalaria, o Baiardo, de Reinaldo de Montalvão e o Brilhador, de Orlando Furioso. E o que dizer do Rocinante, de Dom Quixote? Dele se ocupou Cervantes em dois famosos sonetos (V. Dom Quixote de la Mancha, obra completa, Aguilar Ed., págs 69 e 503).

Várias são as tonalidades do cavalo, do branco ao negro, com as cores intermediárias: amarelo-escuro (alazão), amarelo-claro (baio ou fulvo), avermelhado (rosilho), ruço (pardo), e grisalho (branco-escuro - V. Ap. 6-1-8). Aliás nenhum outro quadrúpede apresenta tão variada gama de cores. Mas o cavalo branco é, de todos, o mais belo e poético. Os orientais têm, por ele, verdadeira veneração. Nas cavalariças do Rei da China viu Marco Polo cerca de 30 mil cavalos brancos. Cecília Meireles dedicou-lhes um poema, do qual é este trecho:

"Os cavalos do Marajá são de seda branca
E estendem o pescoço com imensa doçura,
E alongam olhos humanos e límpidos,
Onde se vê, numa luz dourada, um mundo submerso".

Homero, na Ilíada, é o poeta que mais se referiu ao cavalo. Qualificou-o de altivo, valente, herói, veloz, impávido, robusto, e, sobretudo, belo, como é de ver por este trecho que transcrevemos daquela epopéia (Canto XV, versos de 263 a 267):

"Como Galopa um cavalo, habituado no estábulo, quando
Pode do laço escapar e, fogoso, a planície atravessar,
Para ir banha-se, impaciente, nas límpidas águas do rio,
Cheio de orgulho soleva a cabeça; por sobre as espáduas
Bate-lhe a crina, agitada, consciente da própria beleza"

Antes, no Canto X (de 514 a 517), assim se expressou:

"Dizei-me logo, o' paciente Odisseu, glória excelsa da Acaia .

Como estes belos cavalos pudeste obter?

Que brilho têm! Só aos raios do sol podem ser comparados".

Há, em toda parte, hoje, Sociedades hípicas e Derby e Jockey Clubes. O hipismo ou equitação é cultivado como esporte nobre e o turfe movimenta milhões de dólares. As carruagens reais são puxadas por cavalos e são mais honrosas do que automóveis de luxo.

O atual presidente do Brasil Fernando H. Cardoso, foi por uma delas transportado no Canadá e muitas pessoas, das classes média e alta, não as dispensam quando em férias, nas fazendas.

Continua o homem afeiçoado ao cavalo e o cavalo ao homem. Dentre os muitos livros da Bíblia poucos deixam de se referir a esse animal.

Contribuiu o cavalo para aumentar o adagiário popular e formar frases axiomáticas. Esta, por exemplo: "Na cavalaria o cavalo não é tudo; mas tudo, sem ele, é nada". E, também, frases idiomáticas, tais como: A cavalo dado não se abre a boca ou não se vêem os dentes; Tirar o cavalo ou cavalinho da chuva; Ele não sabe onde amarrou o cavalo; Cavalo morto, cevada ao rabo; Cair do cavalo e cair de cavalo magro; Cavalo de batalha, etc. Celebrizou o cavalo Lady Godiva que, sem vestes, coberta só por seus longos cabelos, montou nun cavalo em pelo, e deu uma volta pela cidade, assim ganhou aposta que fizera com seu marido. Tornou-se famoso "Incitatus", o cavalo de Calígula e, por este, elevado à dignidade consular. Embora feito de madeira, ganhou o cavalo a guerra de Tróia. Modernamente contribuiu para a preparação de sôro antiofídico, gerando anticorpos ou contraveneno. E serviu, com o nome de palafrém, ao correio real de outrora.

"Que deve fazer-se ao homem a quem deseja o Rei honrar?" Assim perguntou o rei Assuero a Aman e este respondeu:" "Deve tomar vestes reais e montar sobre o cavalo, dentre os que o rei monta e levar, sobre a cabeça, um diadema real; e o 1° dos príncipes conduza, pelas rédeas, o animal e indo pelas praças diga em alta voz: Assim será honrado aquele a quem o rei quizer honrar" (Cf Es VI, 6 a 9).

Tornou-se o cavalo, além de alvo de poesia e romance, também, objeto das belas artes. Na música a ópera Cavalleria Rusticana, de Mascagni, se refere ao ginete quando diz, no libreto, assim:

"O cavalo pateia
Os guizos soam
Estala o chicote!"

E ouve-se o tropel dos animais em marcha, pois a ópera festeja uma cavalhada no interior da Itália. A escultura deu-nos uma estátua equestre modelada por Verróchio, enquanto nos deram outros escultores estátuas de S. Jorge, sempre a cavalo (até na lua...) Deu-nos a pintura S. Jorge e o Dragão, de Uccello. E o teatro e a poesia não esqueceram. Há, de Maria Clara Machado, a peça infantil "O Cavalinho azul" e Cecília Meireles compoz muitos poemas e teceu lôas ao cavalo. Dela são estas quadras setissilábicas:

"Ficava o cavalo branco
De fluida criada dourada
Mirando, na água do tanque,
As rosas da madrugada.

Ao ver o jardim celeste
Refletido na onda fria
Apenas curvava a testa
Oue de beber se esquecia."

E considerando, a mesma autora, a "Inconfidência Mineira" fez, com esse título, seis estrofes octossilábicas, referindo-se às viagens, entre o Rio e Minas, daqueles patriotas, sempre a cavalo. Vale a pena transcrever uma estrofe:

"Eles eram muitos cavalos,
Rijos, destemidos, velozes,
Entre Mariana e Serro Frio,
Vila Rica e Rio das Mortes.
Eles eram muitos cavalos,
Transportando no seu galope,
Coronéis, magistrados, poetas,
Furriéis, alferes, sacerdotes,
E ouviam segredos e intrigas
E sonetos e liras e odes.
Testemunhas sem depoimento
Diante de equívocos enormes"

Cabe, agora, uma indagação: extinguir-se-ão os cavalos?

Para Cecília Meireles, sim e por culpa do homem! Diz ela:

"Vão-se acabar os cavalos!
Bradai ao mundo
Rodas, molas, mecanismo!
Bradai aos céus,
Ao sol, ao vento, a Deus triste,
Aos homens cegos!"

O trem, o automóvel, o caminhão, a partir do segundo quartel do séc. XX acabaram, em parte, com os cavalos, enquanto transportavam estes pessoas e cargas. Mas ficou, nas máquinas, a unidade de força em cavalos-vapor - **Horse power** ou H.P. Como arma de guerra exterior acabou-se, por sua vez, a cavalaria, hoje quase que só existente em regimento e esquadrões para a manutenção da ordem interna e patrulhamentos especiais (pelotões) e, ainda, em função de paradas de desfiles militares, tão imponentes. Para tanto, bem como para o turfe, são ao animais muito bem tratados em haras ou coudelarias.

Há, no Brasil, uma canção de cavalaria, cujo o autor é o General de Brigada Theóphilo Ottoni da Fonseca e, da qual, transcrevemos a 1ª estrofe, com seu estribilho:

"Arma ligeira que transpõe os montes,
Caudais profundos, com ardor e glória,

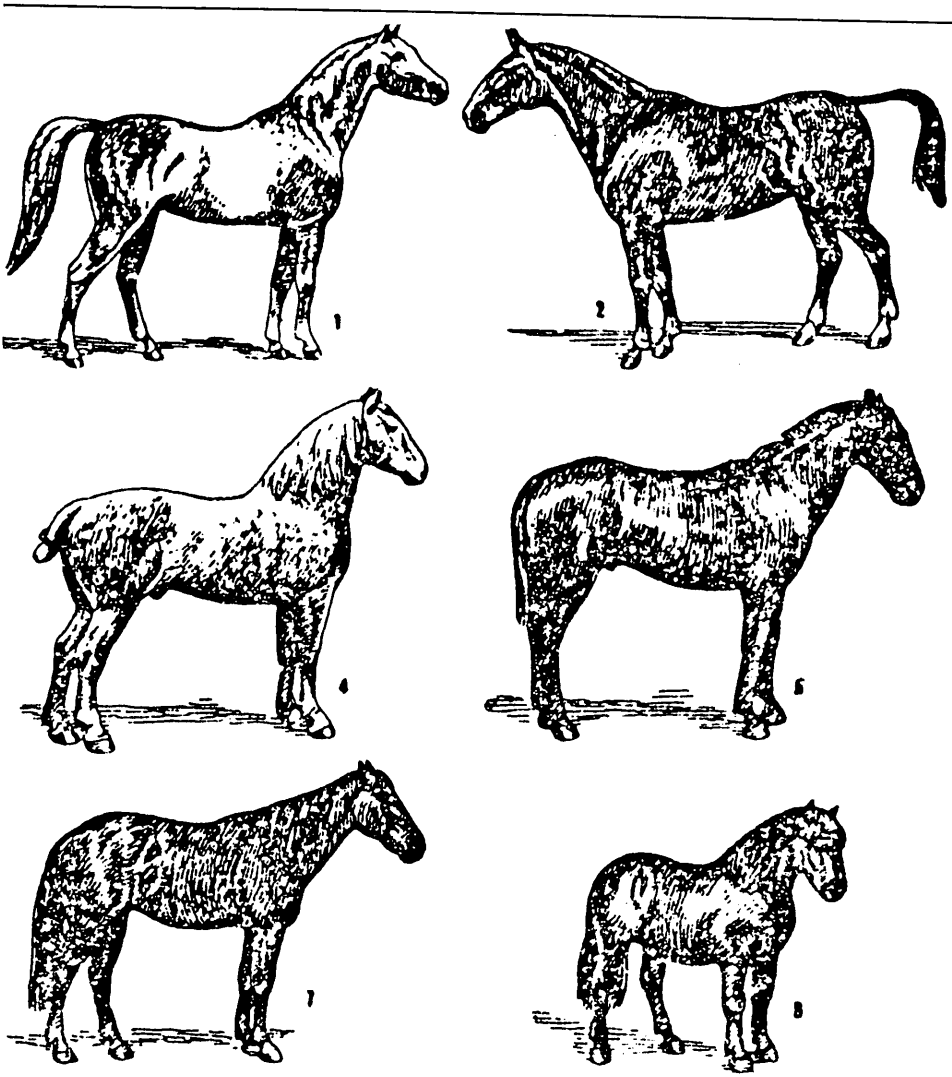
Estrela, guia em negros horizontes,
O caminho da luta e da vitória!"

"Cavalaria, cavalaria!
Tu és, na guerra, a nossa estrela-guia!"

Constitui os cavalos peças do jogo de xadrez, (2 para cada jogador). E jamais se extinguiram enquanto companheiros do homem, que continua a emprega-los em cavalgadas ou atrelados a carros e, até mesmo, para tourear e, com eles, se exibirem no picadeiro. Com eles, ainda, tangem o gado vaqueiros ou **cow-boys** que os domesticam em perigosos rodeios. E, como, sem tais cavalgaduras, teria sido possível a conquista do distante e áspero **far-west** norte-americano? Vitória essa devida, sobretudo, ao puro sangue dos cavalos árabes. Anônimo astro assim decantou

O Cavalo

"Com o seu porte altivo,
Garboso e mui vivo,
Selvagem até,
Desde o tempo antigo
Do homem amigo,
O cavalo é.



As nove espécies de cavalos são admiradas em todo mundo.

Nas guerras da história
Valente, ele trota.
No auge da glória
Ou em cruel derrota,
Sempre companheiro
Do seu cavaleiro.

Descansa, afinal,
Em tempo de paz,
Voltando ao normal
Nas lides que faz,
O nobre animal
A seu dono apraz."

À História do Brasil ficaram ligados com a proclamação das datas da Independência e da República, feitas de cavalos

montados, respectivamente, por Dom Pedro I e o Mal. Deodoro da Fonseca. São, ainda, de notar o Gal. Osório Marques de Herval, herói da pátria e Patrono da Cavalaria do Exército brasileiro, tendo estátua eqüestre no Rio de Janeiro; e Andrade Neves, insigne cavalariano, ferido e morto na Guerra do Paraguai, cujo nome consta da Canção da Cavalaria. Foram sempre os Brasileiros muito afeiçoados aos cavalos, valendo assinalar que o ex-presidente, Gal. João Figueiredo, se tornou exímio na arte de montar.

Do cavalo, que dizer ainda?

Impossível calar o grande elogio que dele faz Deus a Jó, na S. Escritura. Disse o Senhor (Jó, 39, 21 a 25):

"Escava a terra com a unha,
Salta com brio,
Corre ao encontro dos inimigos armados,
Despreza o medo,
Não sede á espada.
Sobre ele fará ruído a aljava,
Cintilará a lança e o escudo.
Espumando e relinchando devora a terra
E não faz caso do som da trombeta.
Ouvindo o clarim, diz: vamos lá,
Pois de longe sente o cheiro do combate."

Para concluir citamos, do grande poeta Adelmar Tavares, o que lhe pareceu ser a própria vida - um cavalo em disparada. Do seu poema "Cavalo da Vida" são estes trechos:

"Cavalo da Vida passou na carreira!
Num salto equestre garboso o montei!
Deitei-me ao comprido, peguei-lhe nas crinas,
Cavalo da Vida de fúria dobrou!
O vento que zune não pode alcança-lo
Nem há precipício que o faça deter!

Mas, ai! Já me sinto sem forças, vencido,
Os olhos cansados me estão a fechar.

Mal ouço o zunido do vento que corta,
Mal vejo a paisagem veloz perpassar!
Hô, hô, para, para! Que doida corrida,
Cavalo da vida, cavalo da vida!"

Por esses inspirados endecassílabos vemos que o cavalo há-de passar, mas quando, com ele, tiver passado, também, a humanidade.

Bibliografia

1) - Ilíada, de Homero, Cia. Melhoramentos S.P., em tradução de Carlos Alberto Nunes,1967 (24 cantos, 375 págs.)
2) - D. Quixote de la Mancha, obra completa, Aguilar Editora, Rio, 1960
3) - Cecília Meireles obra completa, Aguilar Ed., Rio, 1967
4) - As grandes mitologias do mundo, Plínio Bastos, Ed. de Ouro, Rio, 1966
5) - Adelmar Tavares, poesias completas, Ed. A Noite, Rio, 1953
6) - As viagens de Marco Polo, Chiang Sing, Ed. Ouro, Rio, 1964
7) - Bíblia Sagrada, IV Livro dos Reis, Ester, Jó e Apocalipse
8) - Hino da Cavalaria Brasileira - Gentil oferta, ao A., do capitão Reformado, do Exército, Francisco Ferraz, além de preciosas informações que lhe prestou.

* Cientista e Escritor

História

Relembrando o Sertanista Costa Pinheiro

Protásio Melo

Lembro-me bem da consternação na casa de meu avô, quando chegou a notícia da morte de nosso querido tio Costa Pinheiro. Neco, como era conhecido no seio da família.

Era no mês de Fevereiro de 1930, em pleno Carnaval e, logo depois, os jornais do sul do Brasil, estampavam detalhes do acontecimento. Recordemos o que publicou a "Norte" do Rio de Janeiro.

"Os corvos denunciaram o fim da grande tragédia daquela vida de bravo. Dentro da selva que tão bem conhecia e amava, numa clareira onde o sol dardejava em ouro, estava morto o velho coronel de Engenharia."

A notícia foi recebida com grande tristeza por toda a cidade, e recordo-me do número considerável de pessoas que foram levar aos nossos parentes seus votos de pesar, as cartas e os telegramas, onde era demonstrado o bom conceito que sempre gozou aqui o ilustre militar no seio da sociedade potiguar.

Embora ainda jovem, sinto duplamente a perda daquela figura querida pois, embora tenha tido pouco contato com tio Neco, sua vida e suas aventuras na Comissão Rondon, isso lançava sobre sua pessoa uma aurea de herói que sempre colocou no nosso entender e sentir, muito acima do homem comum. De fato, Costa Pinheiro não era um homem comum. Ai estão sua vida e sua obra, para testemunhar o que afirmamos.

De menino problema, perdido e vagabundo, veio a torna-se um dos oficiais mais respeitados de Exército Brasileiro. Inúmeras foram as noites da minha infância, em que minha mãe, em vez de nos contar estórias de Trancoso ou de Carochinha, relembrava as aventuras de tio Neco, que na época assombrou Natal província, com suas traquinices e excentricidades.

Certa vez, contava minha mãe, fugiu de casa com 12 anos de idade, seguindo pelas veredas então existentes, foi parar no Recife. Dormiu no mato, na porta do cemitério, pediu esmolas para matar a fome e, finalmente chegou à Veneza Brasileira, onde matou a vontade que sempre teve de conhecê-la, andando por vários dias por suas ruas e suas pontes. Cansado, resolve procurar um barco que fazia rota Natal/Recife, pedindo uma passagem para Natal, alegando orfandade, o que conseguiu. O destino tenta pregar-lhe uma peça pois, mal se acomodara no convés do barco, aparece seu irmão seminarista que vinha passar as férias em Natal. Entretanto, com uma presença de espírito extraordinária, aproxima-se do comandante do barco, aponta para o padre que se aproximava e diz: "Está vendo aquele padrezinho? É meu vizinho em Natal. Não paga nem promessa a santo. É o maior velhaco do mundo. Cuidado com ele". Desnecessário é dizer que o padre, seu irmão, não conseguiu passagem no tal barco.

Fugia da casa freqüentemente, passando semanas e até meses fora, o que trazia grande aflição aos pais e às irmãs que quase não tinham mais esperanças no futuro de Neco. Excêntrico e exagerado, quando soube da viagem do Conde D'Eu a Natal em vez de ficar em casa, fugiu para torre da Matriz, para não ver nem ouvir as homenagens que iriam ser prestadas ao hóspede real. Resultado: o Conde desejou ver a cidade de um local alto, subiu a torre com sua comitativa e Neco foi obrigado dar a mão em certa passagem difícil no alto da mesma. Contava minha mãe que, ao chegar em casa, vinha Neco de mão estendida, pedindo álcool para desinfetar a mão que, no seu dizer, estava com o braço contaminado. Certa vez, quando almoçavam, ouviram grande ruído na sala de visitas. Correram todos e encontraram Neco no chão, profundamente pálido e respirando com dificuldade. Não era nada. Apenas o menino quis ver se podia viver sem respirar.

E assim eram nossas noites de meninice onde os heróis das estórias em quadrinhos e do Tico-Tico a figura da casa começava a tomar a forma de uma figura lendária, qual Lawrence da Arábia ou um Cid El Campeador. Crescíamos longe de Neco que, nessa época, já adulto e regenerado, tinha se tornado um dos mais brilhantes oficiais do Exército Brasileiro.

Vejamos a palavra de um dos seus companheiros de farda, que publicou , na imprensa do Rio de Janeiro, uma longa carta ao jornal, ao saber de sua morte: "Sr. Redator da "Noite": Manoel Teófilo da Costa Pinheiro, Tenente Coronel de Engenharia do Exército, que desapareceu em Minas Gerais de forma tão trágica, nasceu em Natal, Estado do Rio Grande do Norte, em 1876 e, como Thiago Ribas, igualmente falecido, foi o mais notável estudante do seu tempo na antiga Escola Militar da Praia Vermelha. Apelidado - o Besouro - sempre se impôs como cidadão e soldado. Espírito invulgaíssimo de matemático, quando aluno de cálculo diferencial e integral, do célebre professor Roberto Tromposwski, notabilizou-se pela facilidade com que repetia aos condiscípulos as lições minuciosas e transcendentais do incomparável indutor e dedutor da síntese subjetiva de Augusto Comte. Discípulo de Alfredo de Morais Rêgo, em Geometria Análitica, dentro em pouco, tornava-se transmissor das exposições do admirável interprete da ciência de Descartes. Assim foi também no curso de Mecânica, de Astronomia, de Física e de Química para tor-

na-se em 1896, um brilhantíssimo Bacharel em Ciências Físicas, Sociais e Matemáticas pelo regulamento Benjamim Constant de 1890. Aos 22 anos era Engenheiro Militar com notas distintas."

Tenho ainda em minha lembrança o quadro perfeito, na sala grande da casa de meu avô, do meu primeiro encontro com tio Neco. Era uma noite chuvosa e minha mãe me disse: "Levanta. Vamos para casa de papai que Neco chegou e trouxe uma mala cheia de presentes para vocês." De fato, sobre a mesa de toalha branca, estavam os brinquedos, dezenas deles, e, coisa curiosa, todos quase tinham conexão com o militarismo: soldados de chumbo, tanques de guerra, motocicletas etc.

Aparecia e desaparecia rapidamente, de modo que, nunca podíamos partilhar de sua presença por muito tempo. Positivista autêntico contra toda família, profundamente católica, compreendia aquela mística que as irmãs possuíam e acatava a situação sem feri-las nas suas concepções, embora fizesse críticas e, às vezes, brincadeiras como esta que vou narrar. Sabendo que o retrato de Augusto Cmte era visto pelas irmães solteironas quase como um retrato do demônio, fazia com que eu beijasse o mesmo, me oferecendo para isso uma recompensa em dinheiro. Eu naturalmente, ganhava a moeda mas, logo depois, minhas tias me lavavam a boca e me obrigavam a beijar vários santos do quarto de minha avó.

Além de engenheiro brilhante, Neco dedicou-se à Astronomia, freqüentando, durante dois anos, o Observatório Nacional e, sua mania pela ciência dos astros, influenciou seu irmão de tal modo que este publicou um livro "Lições de Cosmografia" para ser usado no Atheneu onde era catedrático de Geografia. No dizer do falecido almirante natalense, Luís Pimentel, "este livro foi a maior coisa que se escreveu até hoje no Brasil sobre o assunto".

Incorporado à Comissão Rondon, no seu período áureo, dela fez parte 14 anos perambulando pelas matas do Amazonas e Mato Grosso, sendo seu observador astronômico e deixando marcas de sua grande inteligência em 12 volumes de trabalhos especializados na ciência de Ptolomeu, trabalhos considerados como os mais perfeitos pela originalidade e profundeza com processos individuais. Como exemplo de sua memória prodigiosa, conta-se que certa noite, no alto dos Parecís, em pleno sertão, os oficiais conversavam sobre as leis da mecânica e perguntavam uns aos outros quem era ainda capaz de se lembrar das mesmas. Nenhum deles foi capaz de chegar à quinta. "E tu, Pinheiro ainda te lembras?" Perguntaram. E Neco, que assistia calado a conversa, calmamente, sob a luz das estrelas, enunciou todas as leis como se tivesse que recita-las, daí a pouco num exame qualquer.

Depois de grandes sacrifícios e lutas a serviço da Pátria e da civilização, sofreu, como era natural, as agruras da sorte. Foi preterido vários anos em promoções, o que lhe trouxe grande desilusão, o que resultou no seu pedido de reforma passando daí por diante a trabalhar como agrimensor. Deixou um Tratado inédito de Mecânica e outro de Astronomia, além de vários estudos sobre o regime hidrográfico das bacias do Oeste Brasileiro. De uma modéstia invulgar, nunca vestiu farda em Natal e, contam que certa vez, nas suas andanças pelo Amazonas, tendo encontrado o marco de um explorador inglês que dizia: "Até aqui chegou Savage Landor, colocou outro menor, junto deste, onde apenas escreveu: "Por aqui passou a Comissão Rondon".

Sua vida invulgar, meio romanesca, acha-se ainda quase desconhecida, entre-

tanto, seus companheiros e muitas pessoas, que viveram na época das atividades da Comissão Rondon, lembram imediatamente o capitão Pinheiro. O Coronel Amilcar Botelho de Magalhães escreveu sobre a Comissão Rondon, da qual também fez parte, dá-nos o seguinte retrato do sertanista: "A atuação de Costa Pinheiro na Comissão Rondon, se caracterizou pela resistência às fatigas do serviço de campo e às intempéries, sua lúcida inteligência, preparo técnico, científico e a cordialidade com que tratava seus subordinados, inclusive os soldados regionais ou os trabalhadores civis postos às suas ordens, a resignação com que suportou as agruras do clima e encarava os sucessos que, muitas vezes, nos deixavam em pleno sertão, sem comida e sem abrigo".

Era assim o meu querido tio, um símbolo de calma e coragem estórica ante as ásperas dificuldades da mata virgem. Quando alguém sofria um acidente era comum a frase: "Faça como Pinheiro, que não liga".

Conta o Coronel Amilcar que, certa vez, se queixou Neco de uma dor no ouvido direito e, quando atendido já havia bicho dentro do mesmo. Perguntado pelo oficial médico como tinha conseguido suportar aquele terrível sofrimento, respondeu calmamente: "Tinha muito que fazer e não tive tempo de vir aqui no seu consultório".

Outros já escreveram sobre Costa Pinheiro: Umberto Peregrino, Câmara Cascudo, Paulo Viveiros e Antônio Vieira Barbosa. Entretanto achamos que sua vida e sua obra, seu trabalho pelo engrandecimento da Pátria foi muito maior para que somente uma elite conheça Costa Pinheiro, o Sertanista.

Merecia ele maior divulgação para que sua vida fosse como um exemplo às novas gerações do nosso Brasil.

Quase toda família foi testemunha da vinda de Rondon a Natal, suas palavras de despedida à minha avó, no seu quarto de santos: "Minha senhora, seu filho é um orgulho para o Brasil".

Sua concepção positivista está bem retratada, nesta anotação que fez num pequeno volume da imitação de Cristo, em versos, da autoria do Conde Afonso Celso que temos em nossa biblioteca: "Nas grandes construções estéticas do gênio humano, não há melhor tratado de moral positiva do que este livrinho. Os que estiverem na altura de lê-lo e senti-lo devem substituir Deus pela Humanidade. Rio 20.7.1898."

Entretanto, sua fuga, se assim podemos dizer, da religião católica, não impediu de toda sua família que continuasse nessa trilha espiritual e que as suas relações com a mesma, sofresse a menor solução de continuidade. Manteve com o irmão padre sempre as melhores relações e, se divergiam em certos aspectos, no campo da fé, sempre se respeitaram mutuamente.

Cresci pois, recebendo dos meus entes queridos, esta mensagem de amor à Pátria e à família, que foi a vida e a obra de Costa Pinheiro.

Sua poesia total de grandeza fraterna, simplicidade e bom humor. Um homem que morreu como viveu a maior parte de sua vida na selva do Brasil, que tanto amou...

Doenças procedem de águas

Elmo Marinho de Figueiredo*

Estima-se que o volume de água potável própria para o consumo humano disponível do planeta seja de aproximadamente 14.000km^3 ou seja 0,001% do total (hum bilhão e quatrocentos milhões de km^3).

As águas existentes nas geleiras e reservas subterrâneas muito profundas, não são viáveis em termos de custo.

A água, embora seja um recurso natural renovável, é finita e muito vulnerável à poluição antrópica, principalmente as águas superficiais (lagos, rios, represas, etc).

o homem ainda não percebeu claramente essa realidade, principalmente naquelas regiões onde a disponibilidade d'água é farta.

No que tange a Natal e nossas praias, o problema é sério. Embora nossa cidade disponha de águas subterrâneas de ótima qualidade, com baixas concentrações de sais minerais e exibindo excelente potalibilidade, existe hoje áreas urbanas contaminadas por nitrato. Essa contaminação é provocada pela quase ausência (cerca de 20%) de serviços de esgotos e tratamento deles. Diante dessa situação, os habitantes são obrigados a colocar seus efluentes domésticos (esgotos) em fossas que vão alimentar os aquíferos (reservatórios d'água subterrâneos) com substâncias químicas e orgânicas poluidoras.

Esse mecanísmo está poluindo nossas tão importantes reservas d'água subterrânea diuturnamente. Essa poluição é potencializada quando junto às fossas, são construídos poços tubulares sem proteção sanitária (anel de cimento ou argila especial, que envolve o poço até a profundidade necessária).

Essa situação é por demais frequente nas nossas praias, sendo agravada pela proximidade do lençol freático de natureza porosa e arenosa dos solos.

Nesses casos, a vulnerabilidade das águas subterrâneas é enorme, pois o lençol freático encontra-se a menos de dois metros da superfície do terreno.

Um exemplo cristalino desse quadro, é a praia de Buzios.

Além disso, os poços são construídos sem ter um responsável técnico qualificado em termos de hidrogeologia.

Normalmente após a construção do "poço" o proprietário não recebe a ficha técnica de onde são colocados todos os seus dados. Este documento é tão importante quanto a planta de uma casa. Acrescente-se a esses problemas a falta de informação que normalmente existe quanto á potabilidade físico-química e bacteriológica das águas dos poços construídos.

O potencial patogênico dessas águas, às vezes é grande propiciando o aparecimento de muitas patologias, tais como: Hepatite tipo "A", disenteria bacilar e amebiana, poliomielite, febre tifóide e paratifóide, leptospirose, saturnismo, metabremoglobinemia (intoxicação por nitrato) etc.

Uma outra agressão às nossas águas é o desconhecimento de parte da maioria dos perfuradores da hidráulica subterrânea.

A construção de poços tubulares, em determinadas áreas, pode acarretar a con-

taminação de um aquífero profundo pelas águas contaminadas da área livre superior.

Nas nossas praias, as águas mais superficiais estão normalmente contaminadas por ferro (mancha de vermelho a cerâmica branca), gás sulfídico (cheiro de ôvo podre) e excesso de sais (água salobra). Estudos realizados pela extinta CDM/RN revelaram que 80% de águas existentes nos poços particulares construídos na praia de Jacumã estavam contaminados por coliformes (fecais e totais).

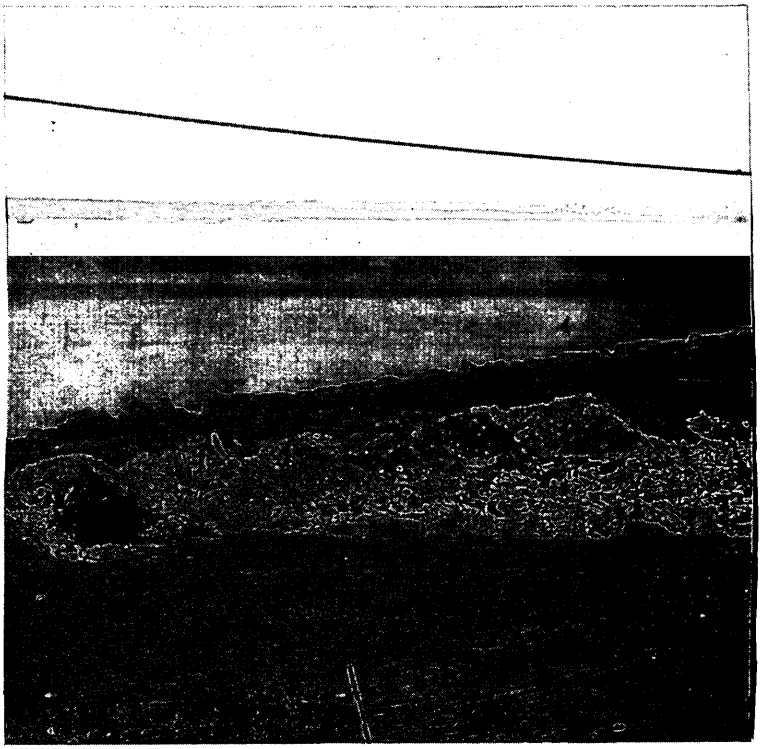
A ausência total de saneamento básico e o baixo custo dos "poços" levaram a esse nível de degradação de nosso tão valioso patrimônio hídrico.

Outra situação preocupante é o lançamento "in natura" de esgotos domésticos, às vezes industriais (Distrito Industrial de Extremoz), e, até mesmo, lixo nos rios que banham inúmeras cidades do Estado. Esses lançamentos propiciam a contaminação dos reservatórios subterrâneo e superficiais (açudes, barragens, lagoas), contaminando principalmente a fauna que serve de alimento e fonte de renda familiar para a população ribeirinha, principalmente aquela existente no estuário do rio potengi.

Finalmente, acreditamos que, num futuro bem próximo, a gestão total dos nossos recursos hídricos e o disciplinarmento da construção dos poços tubulares serão realizados pela Secretaria de Recursos Hídricos.

*** Geólogo, professor da UFRN**

Foto Mário Justino



O lixo contamina as águas do rio Potengi.

Laicidade

Os leigos na Igreja Primitiva

Padre José Mário de Medeiros*

Gostaria de Primeiramente apresentar uma modesta reflexão sobre as origens do laicato e da laicidade na igreja. Não pretendo discutir o fato objetivo e inegável da presença simultânea dos leigos e dos ministros ordenados no início da Igreja. O problema que desejo abordar é sobretudo o das relações sócio-culturais de distinção (ou mesmo de oposição) entre um e outro: quando e de que modo se põe na Igreja a "questão do laicato" considerada hoje bem definida em relação aos clérigos?

A palavra leigo vem do grego *laós*, "povo". É conhecido que o vocábulo "designa no cristianismo antigo o batizado que não reveste nenhuma função na hierarquia eclesiástica" M. SPINELLI, Laico, in Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane 2, Casale Monferrato 1984, Col. 1891).

Em relação à celebração litúrgica, *Leigo* é quem entre o povo participa do culto, distinto daquele que o preside. Neste sentido a literatura cristã dos séculos II° III° prossegue o uso lingüístico dos escritos neotestamentários.

Por exemplo, nos atos dos Apóstolos 13, 15 narra-se que "depois da leitura da Lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram-lhes dizer: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação ao *povo*, falai-a" Cf H. STRATHMANN, Laós nell'uso lingüístico della chiesa primitiva, in grande Lessico del Nuovo Testamento 6, Brescia 1970, coll. 164-166.

No que diz respeito à *laicidade* não recorre formalmente este termo nos textos patrísticos, muito embora neles se encontre substancialmente como valor que fundamenta o lacaito. (Cf. S. VANNI ROVICHI, Fondazione critica del concetto di lacità, in Laicità. Problemi prospettive, Milano 1977, pp. 235-248).

Ver também Jalons pour une théologie du laicat - Y. M. J. CONGAR - Paris 1953.

Em todo caso, me parece que para definir a condição dos leigos e seu próprio modo de vida na igreja antiga seja possível limitar a pesquisa à análise de passagens nas quais figure a palavra *leigo* ou seu equivalente.

É necessário estender a pesquisa aos textos que ilustram a conduta dos primeiros cristãos diante das realidades seculares, a tal ponto que faça emergir o conceito de laicidade da ação operante nos primeiros tempos da igreja.

Para isso quero levar em conta duas indicações na leitura dos testemunhos patrísticos sobre a condição do leigo nos primeiros séculos cristãos e, em particular, na interpretação das citações que farei da Christifideles Laici.

Concluindo quero dizer nessa introdução que por um lado, a minha proposta hermeneutica e metodológica se distancia de quem quiser encontrar nas origens cristãs, fórmulas idealizadas ou até mesmo receitas imediatamente utilizáveis no hoje da igreja. Por exemplo, o caso paradigmático de Júlio Africano demonstra que entre o segundo e o terceiro século os leigos cristãos tinham consciência de ser autênticos sujeitos de uma "nova cultura" ao se depararem e compararem a herança clássica e a mensagem evangélica. Sabemos que as soluções patrísticas do diálogo fé e cultura não foram certamente, unívocas.

Além disso "são realizações históricas, e não possuem como tais, outro magistério a não ser aquele altissímo todavia, por si mesmo o da história.

(Cf. R. CANTALAMESSA, *Cristianesimo e valori terreni*). Sessualità politica e cultura. Milano 1978 (2), p. 161.

Por outro lado, estou convencido de que o estudo dos antigos testemunhos seja fonte de discernimento para a igreja de todos os tempos. Contudo, o período das origens conserva seu carisma particular. É o momento no qual o depósito da fé apostólica se consolida na tradição da igreja. Para dar um exemplo, o encontro entre cristianismo e cultura deu exemplo, no nível de recuperação das diversas culturas e da história de uma individualização de uma comum "alma cristã" no mundo e da formulação de novas propostas de convivência humana (Cf. V. GROSSI - P. SINISCALCO, *La vita cristiana nei primi secoli, p.* 71.)

TESTEMUNO PRE NICENO

No período mais antigo que vai do fim do primeiro século aos decênios do segundo, prevalece um forte sentido de unidade da Igreja e da novidade revolucionária do cristianismo, visto como "estirpe nova" contrapondo-se ao velho mundo pagão. A tônica agora é a novidade de ressaltar a distinção dos papéis no interior da igreja concebida como o único povo de Deus.

No período sucessivo, isto é, entre o fim do segundo século e os últimos decênios do terceiro, a situação muda, sobretudo o panorama político pela qual na tolerância que se segue às primeiras violentas perseguições, a Igreja goza de um período de relativa calma e tranqüilidade que permite consolidar interiormente a sua estrutura. É sobretudo, neste segundo período que os leigos aparecem cada vez mais marcantes como categoria "autônoma" e distinta da hierarquia.

No primeiro período de que falei, nos anos 90, na época da Didaqué até 180, a idade dos Severos, constata-se uma unidade sinfônica da Igreja.

Pensemos, por exemplo, no peso que tem Inácio de Antioquia. Neste período mais antigo, chamado também de idade subapostólica, porque vem imediatamente depois da época na qual viveram os apóstolos e primeiros discípulos do Senhor, os cristãos das origens sentiram e viveram de modo preponderante, a unidade de igreja reunida no ápage e na celebração da Eucaristia.

Vem por isso sublinhada de modo particular a igualdade fundamental do único povo de Deus (hierarquia de servidores ordenados e leigos) Chamado em Cristo à salvação e santidade de vida.

Pelos textos - sobretudo da Didaqué, a primeira Carta de Clemente de Roma, as Cartas de Inácio de Antioquia pode-se evidenciar uma característica muito significativa para a compreensão do laicato da época. Mesmo acentuando com vigor a unidade da igreja, vista em continuidade com o Novo Testamento, como o único corpo de Cristo, ela todavia, não aparece nunca como uma massa amorfa e confusa onde cada um é livre de fazer o que quiser. Pelo contrário, ela é sempre estruturada hierarquicamente e animada internamente por múltiplos carismas, e cada um aí exercita e mantém o seu próprio lugar e sua ordem. É uma característica própria deste período mais antigo manter sempre amalgamados juntos estes dois aspectos fundamentais e complementares da unidade e da estrutura carismático-hierárquica da igreja. Os leigos portanto, mesmo se em muitos destes textos não apareça ainda o termo técnico *laicós* já estão bem presentes e ativos dentro das primeiras comunidades cristãs.

Em semelhantes contextos podem aparecer outrós nomes característicos que substituem o termo específico *laicós* e indicam igualmente a mesma realidade. Tais sinônimos mais frequentes costumam ser: irmãos, companheiros, santos, crentes, cristãos... sobre estes sinônimos de leigo é aconselhável ver o estudo bem documentado de M. GUERRA GÓMEZ, *El laicado masculino y feminino (en los primeiros siglos de la Iglesia)*. Pamplona 1987, p. 61-68 com abundante bibliografia nas notas.

Um lugar central sobre este assunto do qual estou escrevendo ocupa a passagem de Clemente de Roma, onde aparece pela primeira vez na literatura cristã o termo técnico *laicós*.

De La Potterie no seu estudo *Origens e significado primitivo do termo leigo*, chegou a conclusão do seu estudo tornado hoje clássico que a análise filológica é certamente importante e útil para se ter indicações mais rigorosas sobre o significado assumido pelo termo no decorrer do tempo. A realidade, todavia, é bastante mais rica e complexa e não se deixa prender por indagações demasiado rígidas. Como sempre a vida precede as definições. É bom, também observar que as primeiras tentativas que procuram precisar a identidade do laicato e o papel próprio dos leigos no seio da Igreja primitiva não aconteceram através de minuciosos tratados sistemáticos e especulativos, mas na realidade de pequenas comunidades de homens apaixonados por Jesus Cristo e pelo seu Evangelho, mais preocupados em viver o grande mandamento do amor cristão do que estar a investigar sobre distinções no interior da comunidade.

Concluindo diz De La Potterie: "Todo o significado de uma função na Igreja não pode ser deduzido apenas da análise do termo que a designa".

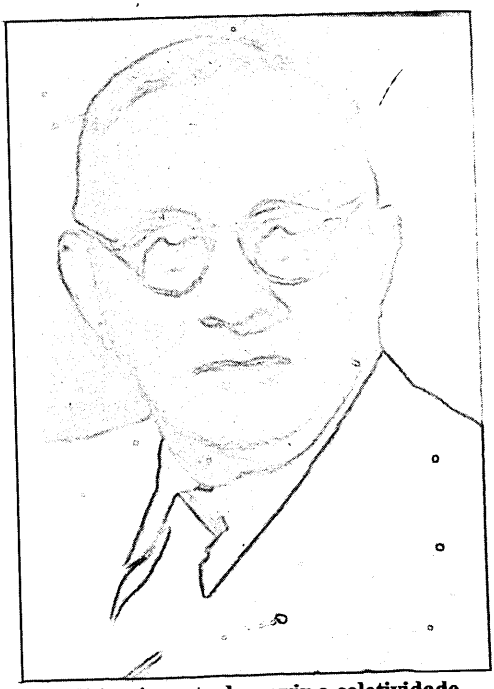
Educação

O Educador Militante

Marta Maria de Araújo*

Como Deputado Federal, José Augusto seguiu de Natal para o Rio de Janeiro, então Capital Federal, em março de 1915. A partir daquele momento procurou inteirar-se e posicionar-se em relação ao debate educacional veiculado pela imprensa, por educadores e jornalistas (dizia-se naquela época publicistas), da mesma forma do debate em pauta no Congresso Nacional. Em seu discurso de despedida de quarenta anos de vida parlamentar, na sessão de 31 de janeiro de 1955, realizada em sua homenagem, José Augusto recordou que, quando ali chegou, a nação estava no começo da República e o *"analfabetismo era a regra"*. A sua preocupação principal, durante oito anos seguidos, como membro e posteriormente Presidente da Comissão de Instrução Pública da Câmara, foi com a *"campanha de alfabetização"*, e com a *"renovação pedagógica da educação nacional"*. Julgou ser seu dever, de *"educador e republicano"*, por de lado as questões *"meramente políticas"*, para entregar-se de *"corpo e alma à grande campanha da educação nacional e ao movimento de renovação da educação nacional"*.

Na experiência em uma nova cultura política e social trouxe consigo a possibilidade de repensar as representações interioizadas no curso de sua existência intelectual. Presidencialista convicto, José Augusto, quando no exercício político, e em vista das crises políticas do País, convenceu-se de que era preciso a *"reconstrução política da Nação"*, por meio da introdução do Regime Parlamentar, o *"único capaz de por termo à desordem e à revolução"* que tanto faziam mal ao Brasil. Assim também o fez com relação às questões de ordem econômica em vista dos seus vínculos com a educação, o que levou à



A política é a arte de servir a coletividade, segundo José Augusto.

realização de estudos, projetos, pareceres, artigos e livros, como forma de pensar a *"reconstrução econômica do Brasil"*. Ampliar o universo intelectual significou para ele compreender objetiva e subjetivamente a dinâmica da realidade social modernizadora em curso para poder reformá-la com base nos pressupostos do liberalismo de cunho pragmático-utilitarista.

Entendia José Augusto que a *"construção econômica e moral do país"*, naquele começo de regime republicano, era obra de uma *"educação moderna e integral"*, daí a necessidade da *"remodelação do ensino"*, e de uma *"ampla difusão do ensino elementar"*, para fazer *"guerra firme e decidida ao analfaberismo"*.

Tem-se, geralmente, considerado os anos 20 deste século como sendo a origem do movimento de renovação educacional, que teve nas reformas dos sistemas de ensino estaduais o principal objeto que moveu a constituição e a mobilização dos educadores nessa década e na seguinte, trazendo à cena a chamada geração dos chamados Pioneiros da Educação Nova, com o discurso pedagógico de que por meio do concurso de uma educação renovada poder-se-ia *"forjar uma humanidade nova, mais ajustada às condições e necessidades de um novo tipo de sociedade eminentemente industrial e especializada"*, ou seja, uma sociedade que fosse a expressão do liberalismo como forma de pensar e de vida.

Buscar os elementos que deram origem à constituição do movimento de renovação educacional antes dos anos 20 é o que pretendemos fazer, uma vez que nos estudos historiográficos da educação brasileira, não têm sido suficientemente registrados. Fazê-lo, requer que comecemos pela leitura da obra clássica de Fernando de Azevedo - A Cultura Brasileira.

O leitor de A Cultura Brasileira é convidado a acompanhar, nos capítulos III e IV da terceira parte do livro, os acontecimentos narrados pelo Autor, que deram origem ao movimento de renovação educacional no Brasil, assim como sua evolução histórica. Um dos principais protagonistas da geração dos Pioneiros da Educação Nova, Azevedo destaca a instalação das Escolas Americanas Protestantes e Associadas de tendências utilitárias e pragmáticas, no último quartel do século XIX, como os núcleos principais de influências de uma nova mentalidade educacional no Brasil. Para Azevedo, tais Escolas trouxeram uma contribuição ao incentivo da educação da mulher; a laicidade do ensino e a coeducação em classes mistas, além de introduzirem os novos processos e métodos pedagógicos norte-americanos de ensino.

A repercussão positiva do modelo norte-americano de ensino concorreu para a organização de um movimento renovador, por parte de educadores de alguns Estados, a exemplo de São Paulo. Esse movimento levou a efeito reformas institucionais nos domínios do ensino primário e normal, estimulados pelo regime federalista presente na Constituição de 1891, concentrando-se tais reformas na introdução de novos métodos e técnicas de ensino. Aliás, lembra Azevedo, *"não traduziam tais reformas uma política orgânica traçada pelas elites governantes"*, mas eram, antes, *"tendências"* de grupos de educadores comprometidos com a *"renovação pedagógica da educação"*, sendo que algumas dessas iniciativas foram sucedidas por *"resistências ao progresso das idéias inovadoras"*.

É nesse contexto de aspirações e hesitações em torno de uma *"nova educação"*, que começa a se processar, no pós-guerra,

um conjunto de transformações na estrutura da vida econômica e social brasileira, desencadeando, portanto, um ambiente mais favorável à circulação das idéias novas que se irradiavam dos Estados Unidos e da Europa. O certo é que começava a propagar-se por toda a parte, como escreve Azevedo, *"um sentimento cada vez mais vivo de desconfiança em relação ao antigo estado de coisas e às idéias estabelecidas e uma aspiração vaga ainda quanto ao conteúdo e ao sentido das reformas, mas nem por isso menos vigorosa quanto à vontade de destruição e de mudanças econômicas, sociais e políticas"*.

A intensidade das trocas culturais e econômicas, e tentativas de realização de reformas educacionais nas principais cidades do País, no domínio do ensino público e privado, contribuiu por volta dos anos 10, como lembra Azevedo, para o impulsionamento de um *"movimento de renovação educacional"* por parte de algumas vanguardas, seduzidas pelos preceitos da *"moderna pedagogia"*, inicialmente circunscrito na divulgação de idéias das *"novas correntes do pensamento pedagógico"*, esboçadas numa multiplicidade de materiais impressos sobre temas gerais e específicos de autoria de A. Carneiro Leão, Antônio Monteiro de Souza, José Augusto e outros. Pelo caráter inovador das idéias pedagógicas, influenciaram na elaboração de um largo inquérito sobre a instrução pública em São Paulo, entre professores de renome, dirigido em 1926 pelo próprio Fernando de Azevedo, então redator d' Estado de São Paulo, cuja repercussão de idéias e opiniões *"tomou corpo"*, posteriormente, na organização das reformas estaduais de ensino, como as do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco. Mas foram, certamente, segundo Azevedo, os Congressos e as Conferências promovidas pela ABE que deram ritmo e força à assimilação e à difusão das novas idéias e procedimentos pedagógicos de ensino e de vida, indicando *"através de dificuldades imensas a marcha resoluta pela reconstrução educacional do país"*, imposta em 1930, por meio de uma *"política nacional de educação"* como obra de uma *"revolução de maior envergadura"*, em meio ao conflito de ideologias entre tradicionalistas (igreja) e renovadores (pioneiros da educação nova).

A importância atribuída à campanha da alfabetização em torno do tema da difusão da educação elementar de caráter integral, tão discutida pelos entusiastas da educação na década de 10, levou a sua inclusão nos programas das organizações cívico-nacionalistas, como a Liga de Defesa Nacional, fundada no Rio de Janeiro em 1916, e a Liga Nacionalista de São Paulo criada em 1917, que, conforme Nagle, procuravam *"denunciar o analfabetismo como um dos grandes problemas cívico-nacionais"*.

Originalmente vinculados ao movimento de educadores, intelectuais e alguns políticos, os temas educacionais não constituíam, como diz Nagle, uma *"atividade suficientemente profissionalizada"*, mas que eram assim tratados, em vista de um sem-número de expectativas de controle e organização social, política e econômica do país. Nesse sentido, o *"entusiasmo pela escolarização"*, por parte das vanguardas instituidoras da campanha de alfabetização, germe do movimento de renovação da educação, tinha como denominador comum a convicção de que as *"virtudes da escolarização parecem insubstituíveis"*, por ser esta a *"formadora do espírito nacional e do caráter do cidadão"*, bem

como a *"inigualável matriz que transforma o simples indivíduo em força produtiva"*. Ainda mais, existia a crença e o *"otimismo pedagógico"* de que determinada formulação doutrinária - a chamada Educação Nova (ou escolanovismo) - indicava o caminho para a verdadeira formação do *"novo"* cidadão e a construção de uma *"nova"* sociedade. Com isso, a *"difusão da escolarização"*, a partir desses aspectos e em *"função de seu caráter cívico e regenerador"*, teria o papel de ser o *"veículo da desejada reconstrução moral e social do país"*.

Dessa forma, o *"entusiasmo pela escolarização"* compreendia, também, segundo Nagle, com o que concordamos, a *"tendência para renovar a educação e a cultura de uma maneira geral"*. O que importava para os intelectuais envolvidos com a problemática educacional, era a preocupação com a *"disseminação da escolarização primária em primeiro lugar"*, pensada sob a forma de uma *"educação prática e integral"*, e nessa operação, *"reformular a mentalidade educacional das escolas brasileiras, onde se ministrava um ensino formalista, preso à cultura clássica"*.

Foram essas formulações que se constituíram em suporte das representações educacionais dos agentes envolvidos com a campanha de alfabetização (na perspectiva mais alfabetizadora do que nacionalizadora como as promovidas por algumas Ligas), da mesma forma com a renovação da educação por volta dos anos 10, ou mesmo antes, quando o sergipano Manoel Bonfim desencadeou uma *"campanha pela disseminação da educação popular"*, partilhada com intelectuais e políticos como Teixeira Brandão, Graco Cardoso (Deputado cearense) e outros, no Congresso Nacional, na imprensa e, logo em seguida em seu livro "A América Latina: males de origem." Tal situação foi mantida quase inabalável durante todo o decênio dos vinte. Portanto, é nessa década que o tema da educação começa a deixar de ser discutido apenas por políticos e *"educadores profissionais"*, para ser tratado, conforme Nagle, por *"técnicos em educação"*, em que restringiam ao *"domínio do pedagógico e do especializado."*

É possível constatar que os historiadores da educação brasileira costumam privilegiar, com maior freqüência, os anos 20 como ponto de partida dos estudos do movimento de renovação da educação e da difusão e realização da Educação Nova no Brasil. Entretanto, como foi visto anteriormente, a militância teórica e prática dos "renovadores" escolanovista começou a se constituir, de forma mais ou menos intensa, por volta dos anos 10 da chamada República Velha. Exemplo disso é a atuação de José Augusto, que se associou a outras vanguardas intelectuais na defesa e realização da *"renovação pedagógica da educação nacional"*.

Detectar as expectativas *"renovadoras"* de José Augusto, quanto à alfabetização elementar ou primária integral e à renovação da educação nacional, requer uma leitura de suas representações inscritas nas obras: Pela Educação Nacional (1918), Eduquemo-nos (1922), a Revista Mensal *"A Educação"* (1922-1924), entre outras. Fazê-lo, exige um olhar que se remeta para um lugar anterior àquele do qual outros partiram.

Medicina

Cirurgia no Brasil Problemas e Soluções

Ernani Rosado*

A Medicina em geral e a Cirurgia em particular constituem exemplos completos e acabados da inter-relação do conhecimento, e, também, de como os fatores econômicos e a ambiência físico-psico-social influi na geração do mesmo.

Através dos séculos, ressalvados episódios isolados, por vezes até românticos ou dramáticos, o progresso da Cirurgia acompanha *pari passu* o desenvolvimento das ciências afins, e da tecnologia, que lhe dão apoio.

Corroborando o postulado inicial, tivemos sempre aqui no Brasil uma fonte inspiradora, em cujo manancial nos haurimos para progredir. Era notória a influência européia, sobretudo francesa, nas primeiras décadas do século. Veio a II Grande Guerra, e o surgimento dos Estados Unidos da América como a maior potência econômica do mundo, e por via de conseqüência, também irradiadora de Ciência e Tecnologia.

Ambas exigem investimentos altos para se desenvolverem, e os Estados Unidos, além do seu enorme potencial, igualmente em termos humanos, importou sistematicamente em todas as áreas notáveis figuras atraídas pelas facilidades de pesquisas que lhes eram proporcionadas e de remunerações invejáveis.

O Brasil mimetiza essa situação, muito facilmente verificável. Por se situar no Sul o grande potencial econômico-financeiro, é aí que o desenvolvimento surge primeiro. Verdade seja dita que essa situação de defasagem se apresenta se não menor, quando nada mais contornável, pela facilidade dos meios de comunicação. À medida que esses progridem, o hiato diminui, posto que, uma vez detectada a necessidade de uma inovação, um salto para o progresso, procura-se vencer a enorme barreira econômica, e se partir para sua introdução.

De modo prático: de modo geral, o surgimento de novas técnicas cirúrgicas, aparelhos, instrumental, materiais, etc. decorre sobretudo de pesquisas bem estabelecidas. Como estas envolvem quase sempre uma infra-estrutura onerosa, como dito anteriormente, é na área mais desenvolvida de um país que elas vão surgir, para depois se irradiarem e difundirem.

Num país muito rico e de enorme extensão territorial como os Estados Unidos, é possível que haja com que uma explosão de pontos de excelência. Para exemplificar: em função do início da colonização na Nova Inglaterra, foi aí que surgiram as

primeiras escolas médicas e Universidades: Harvard, Yale, Columbia, etc. Mas o país foi crescendo e os outros núcleos de saber foram se estabelecendo até chegar na costa oeste (Stanford, UCLA), sem falar no "meio do caminho", de Chicago ao Texas. Então, onde v. procurar encontrará por lá núcleos cirúrgicos da mais alta capacitação. Vamos encontrar, claro, exceções para o paralelismo entre esse progresso e a situação econômica. Exemplo: a Mayo Clinic, que mantém seu excepcional padrão, e se localiza numa cidade pequena em área bem menos rica que por exemplo o Texas e Nova York.

Mas o dinheiro realmente pesa. Não é por outra coisa que Houston se afirmou como grande centro cirúrgico, deu saltos na cirurgia cardiovascular com Cooley e De Bakey, e sedia grandes centros de tratamento de câncer (como o Marian D. Anderson), respeitados profissionais da oftalmologia, etc.

Se mencionamos tanto o exemplo americano, parecendo fugir à proposta inicial, é exatamente para tentar explicar o que é óbvio: que os núcleos de desenvolvimento cirúrgico no Brasil tenham surgido no Sul, e aí continuem. Nordeste, Norte e Centro Oeste procuram, e conseguem, eventualmente, acompanhar esse progresso. Com certeza, essa velocidade de defasagem deverá ir sempre diminuindo, na medida em que nosso acesso às informações, seja mais rápido, e, seguramente, na era da computação e das redes de informação serão praticamente imediatas. Estas permitirão, igualmente, que, sem o deslocamento a milhares de quilômetros de distância, e simultaneamente, os profissionais possam ver em circuitos internos de TV as diversas demonstrações, e o que é mais admirável, perguntar e ser informado no ato, situação inimaginável poucos anos atrás.

Assim, o acesso ao conhecimento está cada vez mais fácil, menos oneroso, mais amplo, e esse potencial tende necessariamente a crescer.

Que fica faltando? A outra ponta, não menos importante, e que fecha o ciclo: a disponibilidade econômica de sua introdução. Aí a situação se complica e registra realmente um retrocesso, na medida em que o setor Saúde se encontra há muitos anos em situação pré-falimentar no Brasil, referindo-me, é claro, ao setor público. Isto porque a iniciativa privada tem respondido satisfatoriamente a esse desafio: no sul do Brasil, encontraremos certamente os equipamentos mais sofisticados de que vamos ter notícia nos centros mais avançados do planeta, mas quase sempre localizados em organizações particulares, e nem sempre ao alcance da grande população. Ainda, também como resultado da falta de compromisso dos governos com as Universidades, estas, por sua escolas médicas, nem de longe estão proporcionando aos seus alunos, o conhecimento e a prática de diversas técnicas, pela falta de condições.

Vejamos: entre nós, os Hospitais públicos não dispõem por exemplo, de tomografia computadorizada; outros meios mais simples, corriqueiros em outros centros, também não existem. E mais: automação de exames de laboratório que asseguraria uma velocidade enorme de atendimento, meios mais sofisticados de diagnóstico e tratamento em oftalmologia, urologia, cardiologia, etc. e por aí vai.

A Cirurgia viu surgir nos últimos anos uma nova tecnologia: a vídeo-cirurgia, que já vem sendo praticada em todos os hospitais de Natal, menos nos públicos, pela inexistência até aqui, dos respectivos equipamentos. Quando eles finalmente forem adquiridos, vai surgir o problema da reposição, freqüente nesses casos, e que en-

contram, no Serviço Público um enorme entrave burocrático, quando existe a dotação orçamentária, imagine quando não existe. Ademais, também em função dos problemas relacionados com "pessoal" dentro das Universidades, vai haver dificuldades no treinamento de professores e pessoal de apoio.

A saúde ainda está em situação pré-falimentar no Brasil

Verdade seja dita, entretanto, que no RN foi com as facilidades e o esforço de uma grupo que tive o privilégio de integrar durante muitos anos, na Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, juntamente com a boa vontade e dedicação de outros profissionais que não pertenciam à Universidade mas que dominavam o procedimento, que inúmeros médicos de Natal, Mossoró e até de estados vizinhos, se familiarizaram com esse tipo de técnica.

Surge, aí, um exemplo que pode e vem sendo aplicado com relativo sucesso: a parceria ou usando o termo da moda, se aí aplicável, a "terceirização". São os hospitais afiliados às universidades que proporcionam nos Estados Unidos sobretudo, o fantástico leque de oportunidades de Residência. Aqui, já temos alguns exemplos bem sucedidos de treinamento médico em hospitais privados, com participação efetiva destes no programa de Residência, caso, por exemplo, da Anestesiologia, da Ortopedia e da Oto-rino-laringologia. Sem pertencer igualmente ao sistema universitário, o Hospital Dr. Luiz Antônio constitui excelente campo de treinamento, e assim, é realmente a vertente mais promissora, fazendo exatamente o que já se faz há muito tempo fora do Brasil e lá pelo Sul.

A curto prazo, enquanto não se vislumbre melhor contemplação do setor público com verbas que lhe permitam desenvolver-se, é um caminho bom, e que não deve ser descontinuado mesmo que um dia as referidas condições venham a surgir, em termos de equipamentos e pessoal. Esse foi outro bom segredo do progresso americano: as Universidades dispõem de vários Hospitais de ensino numa mesma cidade, ou vizinhas, sem ônus financeiro.

Para arrematar, dentro da mesma linha de raciocínio, é inevitável que se volte a falar na remuneração seja do profissional, seja do eventual professor. A cidade de Natal está cheia de faixas complementadas pelos anúncios dos diversos jornais, de cursinhos que vão preparar para os concursos na área de tributação e fiscalização do Estado e da União, onde os salários são apregoados exatamente para atrair candidatos, e são realmente estimulantes. Quando se anuncia um concurso para médico (outro dia saiu um também para engenheiro na mesma repartição) o salário representa entre 10 e 20% do mencionados anteriormente nas outras áreas, para as quais não é exigido o curso superior. Que fique bem claro que é justíssimo o que vai se remunerar para aquelas funções, o que não é justíssimo, nem justo sequer, é o que se remunera aos outros profissionais. Como podemos querer qualidade com esse tipo de "estímulo"?

Situação tão ou até mais calamitosa, vejo nas Universidades. Estas tomaram o caminho da pós-graduação exagerada, até na admissão dos seus novos professores. Então o jovem médico, que já deve ter tido além dos seis anos de curso, mais 3 anos de Residência em Cirurgia, vai agora enfrentar pelo menos mais dois de Mestrado, para ser admitido na Universidade, e ter a "fantástica" remuneração básica de R$ 500,00 aproximadamente. Posteriormente, já com 10 ou 11 de formação (6 do Curso, 3 da Residência, e 2 do Mestrado), ele, se quiser progredir na carreira universitária, deverá fazer um Doutorado, com o qual sua remuneração básica é acrescida de mais 25%, posto que os outros 25% já lhe teriam sido atribuídos com o Mestrado...

Mas esse assunto da formação é tema para outro artigo isolado. Parafrasenado Hemingway: "isso é outra história..."

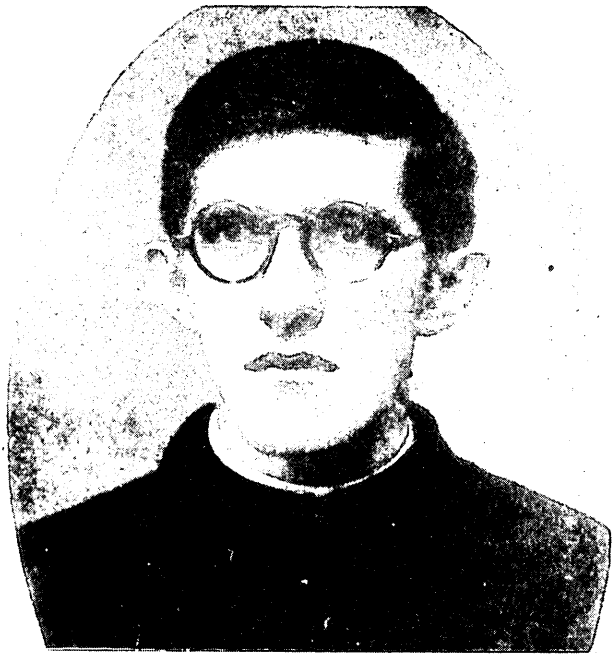
*** Presidente da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e Vice-presidente da Academia Norte-rio-grandense de Ciências.**

O planeta Marte estará hoje mais perto da Terra

Padre Monte

O planeta Marte é conhecido desde a mais remota antiguidade, em 2.540 antes de Cristo, um dos dias da semana (Marte dies) já lhe era consagrado. Aristóteles teve ocasião de observar uma ocultação de Marte pela Lua e Ptolomeu, na sua **Sintaxe Matemática**, nos diz que Marte passou perto da estrela e do Escorpião, no dia 27 de janeiro (21 athir) do ano 272 a.C.

Marte batizado com o nome de deus da guerra, naturalmente por causa de sua cor vermelha, teve vários outros nomes: Harmakhins e Har decher (Egito antigo; Norgal (Caldéa); Allamou e Almou (margens do Eufrates); Mirikh (árabes e turcos); Bahram (Pérsia); Angaraka (Índia). Marte foi designado pelo símbolo O (lance e o escudo) e sua influência astrológica era



Revmo. Padre Luiz Gonzaga Monte

considerada como essencialmente fatídica. Marte é célebre na história da astronomia pelo estudo que fez Kepler baseado nas observações cuidadosas de Tycho-Brahe, de seu movimento eclíptico, o que o levou à descoberta das leis que regem o movimento planetário.

Restitui a quinta parte da luz que recebe

Marte é o único planeta cujo solo se pode observar, sem, contudo, saber ao certo o que se vê. Os célebres "canais de Marte" resultaram de uma ilusão ótica peculiar aos pequenos instrumentos; com as lunetas de grande abertura, nunca se conseguiu ver canal algum. Entretanto, ainda hoje se emprega a mesma expressão, mas com outra significação. A temperatura do planeta Marte oscila entre dez graus durante o dia marciano e setenta graus abaixo de zero durante a noite. Marte restitui quase a quinta parte da luz que recebe do Sol pois o seu albedo é 0,17, superior ao da Lua (0,09) e bastante inferior ao de Vênus (0,65). É certa a existência de uma atmosfera em torno de Marte, e são verossímeis as seguintes hipóteses: vegetação, existência de grandes lagos, de montanhas, relativamente pouco elevadas e de fenômenos vulcânicos. Quanto aos habitantes de Marte, ainda não se sabe a respeito. Se os marcianos existirem, eles poderão contemplar maravilhas celestes, desconhecidas para nós, como por exemplo, duas luas caminhando em sentido contrário, uma delas nascendo a oeste e desaparecendo a éste.

Outros astros aproximam-se mais do que Marte

Mas os planetas não descrevem circunferências, suas órbitas são elipses de pequena excentricidade (órbitas quase circulares) em que um dos focos é o Sol, de modo que os resultados numéricos precedentes representam apenas uma primeira aproximação. Uma das extremidades do eixo maior da elipse, a que fica mais próxima do Sol, tem o nome de "periélio"; a outra o de "afélio" e a seta que liga esse dois pontos é a "linha das apsides".

Pode acontecer que, na época da oposição o planeta Marte, esteja no afélio (oposição afélica), ou no periélio (oposição periélica).

Nas oposições afélicas a distância de Marte à Terra é de noventa e nove milhões de quilômetros, e nas oposições periélicas, cinquenta e seis milhões de quilômetros. Acresce ainda a circunstância de que as linhas das apsides de Marte e da Terra giram muito lentamente e no mesmo sentido o periélio de Marte aproximando-se agora do afélio da Terra. Quando essas duas linhas coincidirem, a distância periélica, passará pelo minimorum, que é de uns cinqüenta a quatro milhões de quilômetros.

Ora, atualmente as linhas em questão formam um ângulo de duzentos e trinta e três graus menos cento e oitenta minutos mais cinqüenta e três segundos e não poderão coincidir antes de algumas centenas de séculos, pois terão de se aproximar ainda de cinqüenta e três graus à razão de quatro por ano.

Mas há outros astros que se aproximam da Terra muito mais do que o planeta Marte: Vênus, o planetoide Eros e principalmente a Lua, cuja distância da Terra é de uns trezentos e oitenta mil quilômetros.

Em boas condições de observações

A cinqüenta e oito milhões de quilômetros, com um diâmetro aparente excepcional de uns vinte e quatro segundos, nascendo ao pôr do Sol, passando à meia noite nas proximidades do zênite, o planeta

Marte, acha-se atualmente, para nós em boas condições de observação, o que poderá permitir um estudo interessante de vários pontos, como por exemplo: o deslocamento da calota polar austral, a variação de aspecto das áreas sombrias denominadas "mares". O estudo dos véus atmosféricos que se manifestam em toda a extensão do planeta e a aparição de um sistema de linhas escuras, às quais reservaram o nome de "canais".

Tem duas pequeninas luas

O planeta Marte tem duas luas pequeninas (12 a 10 km de diâmetro), pouco distante de Marte (10.000 a 24.000 kms) descrevem circunferência cujo centro comum é Marte e cujo o plano comum está inclinado de vinte e sete graus, cinco, em relação ao planeta. Esses dois satélites foram fotografados pela primeira vez pelo astrônomo Kostinkg, no Observatório de Powlkova, em 30 de agosto de 1909. Enquanto Marte gira em torno de si mesmo 24 hs. 37 minutos os seus satélites gravitam em torno do planeta em 7 hs. e 39 minutos e 30hs. e 18 minutos. A distância média de Marte ao Sol é de duzentos e vinte e oito milhões de quilômetros, muito superior à da Terra que é de cento e cinqüenta milhões de quilômetros. Marte tem a sua atmosfera extremamente diáfana e difunde fracamente a luz. Marte e seus satélites projetam sombras no espaço e, freqüentemente, esses astros, penetram nas sombras uns dos outros. Nessas condições, observadores marcianos instalados nas regiões equatoriais, poderiam contemplar maravilhas celestes desconhecidas na Terra: em uma mesma noite veriam a lua nova, o quarto crescente e a lua quase cheia; nos solistícios, durante um bimestre, uma sucessão de luas cheias; em cada equinócio, durante um quadrimestre, mais de seiscentos eclipses, e durante o ano marciano, mais de mil e trezentos; duas luas eclipsadas simultaneamente; estrelas durante o dia; uma enorme bola negra passando pelo Sol mais de mil e quinhentas vezes por ano, e algumas raríssimas vezes, duas ao mesmo tempo, uma grande, outra pequena; veriam também duas luas caminhando em sentido contrário, uma delas nascendo para o lado em que a outra se deita e deitando-se para o lado em que a outra nasce!

Publicado n' **A Ordem** de 27-07-1939
Do Livro "Antologia do Padre Monte"

O Suicídio de Marte

Se Marte resolvesse colidir com a Terra, seria um suicídio. E o suicídio na pátria das estrelas não é menos proibido, que no mundo moral.

Os astros são depositários de um potencial de força: enquanto não se degradar a última vibração da energia, têm que voltear no espaço ao ritmo de leis harmônicas e inflexíveis.

O choque de Marte com a Terra está fora de toda probabilidade. Suas órbitas não se cortam. Percorrem caminhos, que não se cruzam. O que exclui toda possibilidade de um encontro fortúito, brutal.

Ambos se deslocam em pistas elípticas concêntricas, que seriam rigorosamente paralelas, não fora a diferença de excentricidades de suas órbitas. No hipódromo

imenso dos céus, esses infatigáveis corredores de olimpíadas siderais, correm lado a lado, disputando um campeonato de velocidade e resistência.

Acontece, porém, que a Terra, mais veloz, e tendo que cobrir uma distância menor, se afasta graduaímente do seu competidor, deixando-o na retaguarda. A proporção que avançam, a distância entre eles se alonga, vai-se tornando cada vez maior até atingir um máximo; depois do que, inversamente, começa a diminuir, chegando o astro retardatário a mais uma vez emparelhar com a Terra.

Suponhamos dois relógios. Um rigorosamente exato. Outro com marcha retardada, atrasando 15 (quinze) minutos por dia. Se em ambos for marcada a mesma hora, dentro em pouco dará um e outro indicação horária diferentes. No primeiro dia, uma diferença de 15 (quinze) minutos. No quarto, a de uma hora. Ao cabo de 48 (quarenta e oito) dias , o relógio preguiçoso, acusando um atraso de 12 (doze) horas, estará marcando a mesma hora que é o relógio exato e rigoroso.

Coisa semelhante vem se passando com Marte. Apesar do atraso enorme de milhares de anos-luz, hoje se encontrará lado a lado com a Terra; separados entretanto por mais de 50 (cinqüenta) milhões de quilômetros. Não é o astro despeitado, que avança para a vitoriosa rival, tentando corta-lhe a órbita gigantesca; mas, apenas, o corredor malogrado, não obstante a tenacidade de um esforço perseverante, é mais uma vez alcançado pela veloz companheira na pista infinda dos espaços. Não é Marte que se aproxima da Terra; é a Terra que se avizinha de Marte.

A efeméride seria de todo desapercebida se trabalhosos cálculos astronômicos não nos dessem a certeza dessa aproximação máxima.

Que mal poderia advir à Terra, em se aproximando de Marte, esse **Pequeno Polegar**, sete vezes menor que ela? Todos os anos, a Terra impunemente não se avizinha do braseiro imenso do Sol, três milhões e quinhentas mil vezes maior do que Marte? Se não há perigo para ela se aproximar do Sol, em cujas chamas mergulhariam milhares de Terras sem que o mundo sideral disto se apercebesse, que perigo poderia haver se avizinhar de Marte, pobre astro apagado e frio?

A efeméride de hoje é um fenômeno periódico, natural, em nada precursor de hecatombes e cataclismos.

Suponhamos, entretanto, o suicídio de marte. O meio mais eficaz seria lançar-se no Sol, poderia colher a Terra na trajetória da queda, vingando-se destarte da perigosa antagonista.

Quais seriam, então as peripécias desse salto vertiginoso e vingador?

De início, o fenômeno só podia realizar-se à noite; porque devendo achar-se a Terra entre o Sol e Marte, voltaria para ele o hemisfério não iluminado.

E se, por um capricho doentio, Marte quisesse atingir a Terra em cheio, o choque se daria nas proximidades da meia-noite.

Do trampolim do espaço, Marte, juntando as dobras do véu gasoso que lhe envolve a cabeça, se precipita no Sol ao encontro da Terra.

O observador que o contemplasse no momento, veria, com surpresa, que a mancha luminosa do planeta parecia crescer, como uma gota de luz se embebendo nas trevas.

Alguns minutos, e os contornos indecisos do astro, se fixavam em um disco iluminado, crescendo visivelmente, assumindo as proporções de uma enorme luz vermelha. A noite se iluminava, amortecendo a claridade das estrelas.

O astro candente, à medida que aproximava da Terra, empaledecia de ódio: o disco, então, assustadoramente crescido, perdia os tons vivos do colorido primitivo. Uma luz amarela, pálida, se difundia na superfície do planeta suicida, salpicando de sombras; surgem iluminados os relevos, escurecendo os abismos. A noite era pleno dia. Dia de luz sem calor, fria, coada em filtro de neve.

Marte continuava caindo na volúpia da queda. No centro da grande lua pálida, que vai enchendo o céu, aparecia uma mancha escura - a sombra da Terra moribumda. A marcha crescia e, dentro em pouco, o disco do planeta candente era apenas um anel luminoso, que ia se desgastando, à proporção que se aproximava da meta. O astro se apagava totalmente na sombra da Terra... A noite voltava. E nas trevas dessa noite apocalíptica, já não um globo iluminado, porém uma massa disforme e negra se precipitava, alucinada e ameaçadora.

De súbito a ardósia do céu era riscada pelos arabescos luminosos de milhares de estrelas.

É que fragmentos do planeta atraídos pela massa da terra, mergulhavam na atmosfera, se inflamavam pelo atrito, e tombavam em chuva copiosa de metralha. A Terra tremia medrosa sob os açoites fulminantes desse bombardeio sideral.

O clarão fugaz dos bólidos, iluminava os contornos irregulares do interior de uma cúpula fantástica se curvando sobre a vítima infeliz do astro suicida.

O firmamento, então, se assemelhava a um geodo disforme, onde se tivessem implantado cristais ciclópicos, eriçados e perfurantes. E que a distância reduzida permitia vislumbrar em toda sua extensão a face enrugada de montanhas do planeta alucinado. A compressão da atmosfera provocava a turba ululante dos ciclones vertiginosos.

A neve se fundia nas geleiras e as boanquisas polares avançavam inundando os trópicos. A atração do astro candente repuxava as massas oceânicas, que, em troimas e maremotos, enchiam os vales e galgavam as montanhas. Escuridão absoluta. E mais um instante, Marte, animado com uma aceleração de milhares de quilômetros se lança raivoso sobre a Terra, que deslocava, preguiçosa, a passos de 29.000 (vinte e nove mil) metros por segundo. É o instante fatal. A crosta delgada se pulverizando com o choque derramava no espaço o sangue incandescente da Terra. Turbilhões de gases libertados da compressão, se elevavam em deslumbrantes cortinas de fogo dos restos cósmicos dos dois rivais, confundidos no ódio e na vingança, brilhavam como miríades de pequeninas estrelas. Um bonito fogo de vista, no céu. A agonia da Terra foi breve: a queda de Marte durou apenas 27 (vinte e sete) horas (dist. Min.).

Graças à Inteligência Infinita que rege os destinos dos astros, Marte há de esconder para sempre o despeito mal contido. Continuam a disputar na pista do céu, levando a Terra sobre ele uma vantagem de 5 (cinco) quilômetros, por segundo. De longe em longe, a Terra, como hoje, **perversamente** se aproxima o mais que pode, em um desafio, irônico e malicioso, enquanto, célere, desliza no plano inclinado dos espaços.

Jornal "A Ordem", de 28.07.39)
Do Livro "Antologia do Padre Monte, vol. 8, inédito.

Direito

Mestre da Ciência

Enélio Lima Petrovich *

As emoções de cada dia se multiplicam. E se também o júbilo muitas vezes domina o nosso espírito, não são poucos os instantes de saudade provocados pela ausência inesperada de amigos e conhecidos, passando para o outro lado da vida, sem qualquer "aviso prévio", porque os desígnios de Deus fogem ao controle do raciocínio humano.

Daí, a lembrança de Miguel Seabra Fagundes, mestre da ciência de Ulpiano, nascido em 30 de junho de 1910, nesta cidade venturosa, e que partiu para a morada celestial a 29 de abril de 1993.

Soube ministrar a lição da inteligência e da humildade. Com esses dois predicados ou privilégios, legou ás gerações de hoje e do porvir o exemplo de uma existência fecunda. De personalidade firme, própria dos bons e dos justos.

Realmente, seu **curriculum-vitae**, extenso e rico, nos enseja um estudo mais abrangente, digno da atenção dos que com ele conviveram e sentiram a sua simplicidade e seu valor, Brasil afora.

Verdade que, não sendo possível enfocá-lo, em todos os seus aspectos através de breves comentários, pelo menos nos limites de um artigo de revista, a evocação de seu nome e de sua obra aflui e sintetiza o louvor, a admiração e o respeito inexcedíveis.

Formado em Direito pela tradicional Faculdade do Recife, em 1932, foi o mais jovem desembargador do país, com apenas 24 anos de idade. O primeiro advogado a assumir o cargo, obedecido o "quinto", de acordo com as normas constitucionais de 1934. Na magistratura permaneceu de 1935 a 1950.

Entre tantos cargos e funções de relevo, fora Interventor Federal no Rio Grande do Norte, de 7 de novembro de 1945 a 13 de fevereiro de 1946; Consultor Geral da República (1946); e Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, no Governo Café filho, de agosto de 1954 a fevereiro de 1955. Membro nato do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e presidente da mesma (1954-1955).

Por sua vez, ocupou a presidência do Instituto dos Advogados do Brasil (1970-71).

Miguel Seabra Fagundes era sócio honorário da Associação dos Magistrados Brasileiros e do Instituto dos Advogados do Amazonas e, ainda, Desembargador **honoris causa** do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte. Doutor, com idêntica distinção, de nossa Universidade Federal.

Consagrado nos meios jurídicos da nação, conquistou o Prêmio "Teixeira de

Freitas", do referido Instituto dos Advogados do Brasil, no ano de 1951.

Por sinal, na cerimônia da outorga desse galardão, proclamou o grande Prado Kelly:

> "A obra de Seabra Fagundes repercutiu nos meios jurídicos pela serenidade do ensino e pela clareza, mérito, informação do texto. Em cinco anos - de 1941 a 1946 - os seus três livros básicos construíram uma reputação vitoriosa. O escritor, que aparecia em nossas letras, apresentava-se, no primeiro instante, avisado e seguro, sem as imperfeições costumeiras da estréia, antes realizando os fins propostos, de tal modo que os temas editados desde logo se tornaram indispensáveis aos que lidam no foro".

Já invisível mas presente em nosso cotidiano, cumpriu o preceito bíblico, que se lê no Eclesiastes: **"Pelejou até a morte pela Justiça."**

"Era um homem de extrema tranqüilidade. Cidadão de indiscutível projeção jurídica. Alegre e bom, no conceito de Raimundo Nonato da Silva, escritor amigo e confrade, de saudosa memória.

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, tomou posse na sessão magna de 13 de maio de 1987 (cadeira nº 11), preenchendo, condignamente, a vaga do imortal Onofre Lopes, cujo Patrono é o Padre João Maria (irmão de Amaro Cavalcanti), tendo sido o primeiro ocupante o médico Januário Cicco. Saudou-o o acadêmico e jurista Mário Moacir Porto.

Aliás, Padre João Maria, considerado o santo de Natal, dá o nome à Fundação, responsável por esta revista "Século" e jornal "A Verdade."

E aqui vai um testemunho pessoal.

Transcorria o mês de junho de 1990. Tomamos a iniciativa de celebrar, nesta cidade do Natal, missa de ação de graças pelos seus 80 anos. Avisamos ao ilustre consócio General Umberto Peregrino, seu irmão. Claro que, antes, ao homenageado.

Todavia, nos escreveu de imediato:

> *"Caro Enélio:*
> A propósito da idéia amiga de alguma comemoração aniversária, já descartei as de que tive notícia. Peço, assim, que, nem de longe pense no 30 de junho. Será uma atitude amiga, pela qual ficarei reconhecido.
> *Com um abraço fraterno,*
> *SEABRA FAGUNDES."*

A seu respeito, o Exmo. Sr. Ministro José Fernandes Dantas, do Colendo Superior Tribunal de Justiça, em seu **Voto de pesar,** a 13 de maio de 1993, no plenário daquela Corte, evidenciou, que "a sua obra é tão presente às mesas de estudos universitários ou doutorais quanto às mesas de julgamento."

Há 17 anos decorridos (5 de junho de 1980), no programa "Memória Viva -TV Universitária", nesta capital, fez este desabafo sentimental :

> "Sou um norte-rio-grandense, se me perdoassem a jactância, completo no amor à terra. A minha presença em Natal é sempre uma festa para meu espírito, pois sou natalense por excelência.
> Eu não sei assistir à injustiça de braços cruzados, sem me revol-

tar. Tenho de dizer alguma coisa.

Isto está dentro de mim."

Vamos além, escrevinhando algo mais acerca do mestre Seabra Fagundes.

No ensejo das homenagens que também lhe foram tributadas pela Ordem dos Advogados do Brasil , Seccional do Rio Grande do Norte, na sessão solene de 27 de maio de 1993, manifestamos o nosso sentimento, a convite do presidente Hélio Xavier de Vasconcelos. Ausente, porém, vez que encontrávamos viajando em missão cultural e profissional, leu a mensagem o filho, advogado Enélio Antônio.

Por outro lado, sob a chancela do Centro Norte-rio-grandense, na velha e maravilhosa capital da República, pronunciamos uma palestra, evocando a imagem do mestre, em data de 16 de setembro de 1993, numa solenidade gratificante, e acrescentamos que "no torvelinho da cidade grande, na magnitude da hora crepuscular emergia a nossa palavra, espontânea e solidária, em reverência a Seabra Fagundes, tão devotado às causas do Direito, da Lei e da Justiça."

Quando pisava este solo dadivoso, berço, de igual modo, de um Amaro Cavalcanti, Carvalho Santos, Tavares de Lyra, Rodolfo Garcia, Tobias Monteiro, Câmara Cascudo e tantos outros luminares da cultura, sempre comparecia ao nosso Instituto Histórico e Geográfico. E, ali, silencioso, circunspecto, contemplava as fisionomias respeitosas e provectas, emolduradas naquele ambiente quase secular. Detinha-se, em momentos, na Biblioteca "Peregrino Júnior", como que recordando o seu velho irmão, falecido dez anos antes dele, em 24 de outubro de 1983.

Tranquilo, emocionado, manuseava alguns livros, lendo, sobretudo, as dedicatórias.

Ministro Seabra Fagundes

A última vez que esteve na Casa da Memória Potiguar - a mais antiga instituição cultural do Rio Grande do Norte, aconteceu em dezembro de 1992.

Sobre ele, não poderia olvidar o pronunciamento brotado da alma e da mente de um querido amigo, escritor e confrade. Referimo-nos ao poeta e presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), Fagundes de Meneses, seu sucessor na Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Eis a sua mensagem telúrica e serena:

> "As características fundamentais de Miguel Seabra Fagundes foram as suas profundas e arraigadas convicções democráticas. Na Interventoria do Estado do Rio Grande do Norte, no exercício da Magistratura, no Ministério da Justiça e na sua profissão de advogado, ele se manteve constantemente fiel aos ideais de liberdade que nortearam toda a sua vida.
>
> Honrando o Rio Grande do Norte e o Brasil, Miguel Seabra Fagundes será um exemplo para todos nós, que sempre repudiamos o totalitarismo e as ditaduras e amamos o Direito, a Justi-

ça, a Liberdade e a Democracia."

Outrossim, faz-se mister ressaltar que dele ouvimos estas duas frases, valendo como autêntica norma de conduta, inseridas em nosso livrinho "A Ordem saúda a Justiça"- 1969:

"Sempre só acreditei em mim mesmo para vencer. Nunca nos meus planos contei com os outros para não me decepcionar depois."

Oportunas se nos afiguram, igualmente, as palavras do Exmo. Sr. Ministro José Augusto Delgado, do Egrégio Superior Tribunal de Justiça, ao prestar homenagem à sua memória, em junho de 1993, quando integrante do Tribunal Regional Federal - 5ª Região.

Vejamos alguns trechos:

> "No momento contemporâneo, em que o mundo se envolve com a maior crise de valores que atinge o comportamento do ser humano e as instituições, não se torna difícil se falar de quem fez cultivar, durante quase oito decênios de vida, as expressões maiores dos elementos que compõem a cidadania. E é desse exemplo de exercício de cidadania maior e de pregação de seus efeitos com que foram construídos os dias de Seabra Fagundes, que quero lhes falar." (omissis).
> "As imensas horas vividas por Seabra Fagundes, em todos os recantos do Brasil, estão hoje registradas nas histórias dos congressos, dos encontros jurídicos e nas manifestações do Direito de cidadania que a nação experimentou nos últimos anos. Nos momentos que Deus lhe permitiu viver na defesa da causa relativa à dignidade humana, Seabra se destacou como o maestro maior que concentrava na sinfonia do saber as partituras do cultivo da inteligência em benefício da humanidade."

De sua autoria, juntamente com outras incontáveis publicações, merecem registro especial "O Controle dos Atos Administrativos pelo Poder Judiciário", "Da Desapropriação no Direito Brasileiro" e "Dos Recursos Ordinários em Matéria Civil". Conferências proferidas, debates sobre temas jurídicos, não se sabe o número. Pareceres, idem.

Quando de seu falecimento, o Governo do Estado, à frente o Dr. José Agripino Maia, declarou luto oficial por três dias, conforme Decreto nº 11.661, de 29 de abril de 1993 (DOE de 30-4-93).

Este o nosso depoimento, telúrico e emocional, **in memoriam** de quem passou por este universo com modéstia, sabedoria e humanismo.

Sem dúvida, Miguel Seabra Fagundes transmitiu a todos nós, pobres e efêmeras criaturas, a marca de seu caráter e de seu amor à Cultura.

Mensageiro do Dever e da Ordem, timoneiro da solidariedade, samaritano da erudição, numa época de tanta crise moral, social e política, é bússola a nos guiar, no correr dos anos.

Afinal, deve ele ter sentido a luz do Evangelho, na hora da partida para a eternidade, repetindo São João:

"Mais um pouco e o mundo não me verá mais. Vocês, porém, me verão, porque eu vivo e vocês viverão."

***Advogado e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.**

Economia

Um Pioneiro da Macroeconomia

Paulo Pereira dos Santos*

Em 21 de abril de 1996, acontecera o cinqüentenário da morte de Keynes e, nesta data, muito pouco se disse sobre esse grande pensador econômico. Por isso, iremos, hoje, tentar averiguar neste artigo como estão os postulados de sua Teoria Geral, nos nossos dias atuais, já que se fala tanto de globalização e estatização da economia.

Começaríamos este artigo dando umas pinceladas rápidas sobre sua biografia para depois debruçarmos sobre suas obras e validade de suas idéias atualmente.

John Maynard Keynes foi um economista britânico, considerado por muitos como o maior do século XX. Empresário bem sucedido. Filho de família tradicional da região, pode logo cedo ter a melhor educação que a Inglaterra poderia propiciar aos seus mais importantes filhos. Foi aluno e professor em Cambridge. Teve como seu professor, Alfred Marshall, o maior representante do marginalismo econômico. Estudou matemática, filosofia e humanidades. Estes estudos lhe deram um embasamento importante para que ele pudesse penetrar nos meandros da teoria econômica clássica.

Assumiu a função de Redator do Economic Journal em 1911. Depois passou a ser secretário e redator da Sociedade Real de Economia. Em 1916, ingressava no serviço público, mas insatisfeito com essa tarefa, resolve voltar à vida acadêmica, nesta conseguia conhecer a fundo as grandes teorias da economia ortodoxa. Em 1919, chefia a delegação britânica na Conferência de paz em Paris, representando o Departamento do Tesouro e o Império Britânico, junto ao Conselho Econômico da Conferência. Naquele mesmo ano, em junho, deixava esses postos e demitia-se do Departamento do Tesouro, quando percebia que seria impossível modificar os termos do tratado de paz a ser aprovado naquela Conferência. Nesse mesmo ano, Keynes publicava o livro, "As Conseqüências da Paz", obra que lhe daria expressiva notoriedade na literatura econômica da época.

Foi tamanho o êxito de vendas dessa obra, que a Editora solicitara de Keynes a elaboração de outro livro que falasse do mesmo assunto. Em Janeiro de 1922, foi publicado esse livro, intitulado "A Revision Of The Treaty", que teve uma reedição ainda no mesmo ano, sendo traduzido para outras línguas. Era um livro menos crítico do que o anterior nos ataques contundentes às decisões produzidas pela Conferência de paz. Nele, Keynes atualizou e corrigiu al-

gumas informações do livro anterior, como também expôs suas reflexões sobre a evolução dos acontecimentos a partir da ratificação do Tratado de Versalhes, feita em janeiro de 1920.

IDÉIAS BÁSICAS PARA SUA OBRA MAIOR

Nessa época, começavam a surgir algumas idéias básicas que mais tarde iriam fazer parte da Teoria Geral, de Keynes. Uma primeira sistematização dessas idéias foi feita por ele em seu Tratado sobre a Moeda (A Treatise Ou Money). Este livro foi publicado pela primeira vez em 1930, e é considerado por alguns autores como mais simples e mais direto do que a Teoria Geral. E até básico e mais original do que este. Foi nele que Keynes chegou à conclusão, pela primeira vez, de que a poupança não é necessariamente igual ao investimento, e que este é o fator mais importante para garantir o pleno-emprego dos fatores de produção, sobretudo o da força de trabalho.

Após a crise de 1929-30, o nível de emprego passou a ser o problema maior a desafiar a competência dos economistas. Na época, tanto o problema do desemprego como as crises conjunturais não eram novidades. Na Grã-Bretanha, persistiam os surtos de desemprego, pelo menos, desde o início do século XX.

É claro que muitos economistas estivessem dedicados ao estudo de tais problemas, e que alguns chegassem à formulação, quase ao mesmo tempo, de soluções semelhantes. Acontece que Keynes era, na época, o mais conhecido entre esses economistas, o que deu à sua Teoria Geral o mérito de haver desencadeado o processo que mais tarde seria conhecido como "revolução Keynesiana". Daí se concluir que esse processo não foi de autoria de um único pensador, mas de vários precursores.

É o bastante se dizer que o esboço inicial da Teoria Geral, de Keynes, tinha sido elaborado em equipe com seus amigos e discípulos de Combridge em 1934. Entre esses, podemos citar: John Robinson, Ja-

Keynes - o maior do século 20, na economia.

mes E. Meade, Dennis H. Robertiam e Richard F. Kahn (o formulador do conceito de multiplicador). Inclusive, Dennis Robertsan chegou a discordar de Keynes com relação aos seus ataques na Teoria Geral, contra os postulados de Marshall e Pigou sobre o "pensamento clássico".

Na verdade, Keynes era amigo dos dois. Marshall havia sido seu professor. Os ataques, como diziam na época, se restringiam a uma crítica técnica e não constituíam ofensas pessoais. Era uma reação contrária à impotência da teoria econômica e da política econômica clássica com relação ao desemprego involuntário de grande parte da força de trabalho. Essa teoria e política tinham como fundamento o pressuposto de que a capacidade das forças de mercado conseguiam expandir a produção e o emprego em quaisquer circunstâncias encontradas na economia.

Mesmo no mais alto grau da Depressão, a maioria dos economistas considerava a crise como sendo conjuntural, e tinham que adotar, como remédio às distorções, os mecanismos corretivos com base na flexibilidade dos preços e salários. Inclusive, muitos tinham consciência do crescente fosso entre os postulados teóricos e a realidade concreta, mas se contentavam com ajustes parciais desses pressupostos teóricos, sem contestação aos fundamentos da doutrina existente e sem a tentativa de substituí-la por idéias novas. Por isso, só coube esse mérito à "Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda", publicada por Keynes em 1936. Esta obra teve uma grande repercussão pela sua importância inovadora. Passou a ser lida, não apenas nos países de língua inglesa, mas também em toda Europa e em outras regiões do mundo. "A Teoria Geral" junto com "As Conseqüências Econômicas da Paz", foi a obra que ensejou maior notoriedade a Keynes, apesar de sua complexidade técnica.

A INOVAÇÃO DA TEORIA

A Teoria Geral tinha característica inovadora não só na explicitação das causas do desemprego involuntário, mas também na formulação de uma nova teoria da demanda agregada, desdobrando-a em consumo, investimento, gastos de governo e exportação. Vinculando toda essa procura agregada ao nível de emprego e de renda dos consumidores, de um lado, e ao efeito multiplicador dos novos investimentos, do outro.

Keynes considerava reais os investimentos aplicados no processo produtivo e não as simples transações financeiras na compra e venda de ações e títulos. Mas não descartava a importância da influência dessas transações no comportamento dos investidores.

Era impossível que, numa época de crise e cheia de incertezas, não houvesse flutuações nas expectativas dos investidores, e, conseqüentemente, no volume dos novos investimentos. E essas flutuações não tardaram a se refletir nos níveis de emprego e de renda da população, o que acabava atingindo a demanda agregada. E esta, na medida, que deixava de crescer e passava a se reduzir, perdia seus atrativos para os novos investimentos. Os investidores se retraiam. Daí a redução e a paralisação dos novos investimentos provocarem um efeito estrutural na evolução do sistema. E era nesse momento, segundo Keynes, que o governo teria que intervir através de novos investimentos, dando assim uma injeção de ânimo no processo produtivo, já que os investidores estavam recusado pela escassez de expectativas lucrativas.

Por isso, a tal teoria de mercado de Say de que "Toda oferta gera sua própria procura", era descartada por Keynes. Essa teoria que defendia o argumento de que os mercados eram auto-ajustáveis pela tal "mão invisível", não funcionava em crises profundas. Precisava assim da ajuda do governo em novos investimentos e em estímulos aos investidores.

Keynes mostrava que o desemprego e a depressão tinham como causa principal a escassez de novos investimentos. Verificou

também que, em situação de crise, os investimentos não tendiam a aumentar, devido à baixa da demanda agregada de bens e serviços. E desta forma, não bastava que o governo aumentasse o volume dos recursos disponíveis para investimento. Era preciso que ele adotasse uma intervenção também no lado da demanda, através do aumento dos gastos governamentais em programas de obras públicas.

Ele considerava o controle governamental da oferta de moeda, a manipulação da taxa de juros e o ajustamento da política fiscal aos requisitos da manutenção ou do crescimento da demanda agregada, como instrumento de política econômica muito mais eficiente do que a redução geral dos salários, defendida pela teoria neoclássica como a melhor forma de combate ao desemprego.

Vê-se aqui que Keynes achava mais vantagens na utilização dos instrumentos da política monetária e fiscal do que na redução geral dos salários que causava um custo social muito alto.

Hoje todos esses dois instrumentos são utilizados normalmente na economia. Mas naquela época em que a Teoria Geral chegava ao público, a situação era outra. E todas as proposições novas encontravam barreiras da doutrinas já existentes. Mesmo na área acadêmica, as inovações apresentadas por Keynes nem sempre contavam com receptividade favorável. Isso não só pela complexidade da Teoria Geral, mas também pelo fato da maioria dos economistas, ligados às Universidades ou aos governos, permanecerem amarrados às doutrinas vigentes. Por isso, Keynes dedicou-se, durante boa parte dos anos depois da publicação desse livro, a escrever artigos e notas para responder às críticas dos seus pares, ou ainda para tentar explicar melhor suas idéias.

Na verdade, a política econômica Keynesiana só foi implantada na prática, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, durante e sobretudo, depois da II Guerra Mundial.

Com a publicação da "Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda", a macroeconomia conseguia sua plena importância e autonomia. Estruturada agora na procura e oferta agregadas, ou demanda e oferta agregadas, ou na procura global e oferta global, ou despesa total e renda nacional, ou ainda produto nacional bruto (PNB) e renda nacional, conquistava espaço e aos poucos, começava a produzir frutos e despertar estudos nos vários segmentos do pensamento econômico, alargando o seu campo de forma abrangente e convincente. E esse movimento científico, que ampliava a influência da economia, atingia tamanha intensidade que passou a ser conhecido como "revolução Keynesiana". Tal a força predominante da Teoria Geral.

Não há dúvida de que sem a contribuição desta obra de Keynes, não teria sido possível a estruturação dos postulados da macroeconomia. Ele provou, na época, teórica e praticamente a validade de sua teoria e de suas idéias de política econômica. Daí ter sido considerado o pioneiro da macroeconomia.

CONCLUSÃO

O que Keynes queria mostrar, na sua obra, era uma alternativa para uma economia que oferecesse muito emprego, evitando o desemprego em massa. Enfatizava os fatores agredados e não os microeconômicos, como procediam os economistas ortodoxos. Primeiramente, argumentava que os níveis agregados do emprego dependiam da demanda total de bens, envolvendo compras pelos consumidores, investimentos das empresas e gastos governamentais. E, por outro lado, o principal responsável pela queda cíclica de uma economia era a atividade dos investidores, porque era através de mudanças em gastos de investimento que havia mudanças na demanda total de bens e serviços. Os gastos dos consumidores eram função constante de renda total, subindo ou descendo diretamente de acordo com a flutuação da

renda nacional. Os gastos governamentais eram poucos e, na época de depressão, tinham a tendência de se tornarem ainda menores, porque os governos procuravam viver de acordo com os ditames da doutrina ortodoxa de orçamento equilibrado anualmente. Por isso, acontecia a depressão e o desemprego era desastroso.

Na análise de Keynes, o caminho, para evitar isso, era o de que os investimentos das empresas tinham que ser estimulados, os gastos do governo precisavam ser aumentados, mesmo à custa de déficits orçamentários, ou a combinação das duas medidas devia ser colocada em prática. Bem entendido, para se inibir a depressão e as quedas cíclicas, era necessário estimular os investimentos produtivos e aumentar os gastos de investimentos do governo.

E hoje, nossos dias, a Teoria Geral é ainda válida? Sim. As suas bases estruturais, que contribuíram para a formação da macroeconomia, ainda têm sua validade como instrumento na política econômica dos países. Sua influência é evidenciada, atualmente, quando os governos adotam políticas econômicas envolvendo investimentos privados e gastos de investimentos governamentais, visando mais emprego e a estabilidade para a economia.

É claro que algumas mudanças de interpretações aconteceram, ao longo desses cinqüenta anos, na prática das idéias de Keynes, por outros economistas, mas não a ponto de afetar a essência básica dessas idéias. Ele, quando defendia os postulados de sua Teoria Geral, não queria a estatização da economia como muitos o acusam hoje, mas que o governo interferisse nos momentos difíceis, no sentido de evitar a depressão. Se hoje alguns governos estatizaram suas economias, não foi a Teoria Geral, de Keynes, que determinou e orientou isso.

É interessante lembrar também que houve contribuições significativas pós-Keynesianas, por outros economistas, no campo do emprego, renda, moeda, flutuações e crescimento econômico. Bem entendido, nesses últimos cinqüenta anos, aconteceram desdobramentos e refinamentos teóricos, não só na micro, como também na macroeconomia. Isso a nível, de aprimoramento, sem que os postulados básicos da macroeconomia perdessem a sua essencialidade.

Hoje, quando se fala tanto na globalização da economia mundial, alguns analistas apressados afirmam que a Teoria Geral, de Keynes, está superada porque é impotente para resolver o problema do desemprego provocado por esse mercado globalizante. E esses críticos chegam a tal exagero de argumentar que agora a macroeconomia perdeu sua vitalidade total. Pelo amor de Deus! Ai de nós se não existisse ainda o controle da política econômica pelos governos.

Na verdade, ainda não chegamos a tal estágio da economia, como querem esses analistas, a ponto de não precisarmos mais da interferência equilibrada do governo. O que vemos é que, na medida, que crescem as economias, mais as complicações aumentam, precisando assim de um controle macroeconômico e esse controle só poderá ser feito pelos governos dos países.

Ao terminarmos esses argumentos, devemos dizer que poderá, é claro, surgir no futuro algumas mudanças importantes para uma visão nova da economia, mas elas terão de ser baseadas nos fundamentos econômicos e históricos do passado e do presente. Essas mudanças não podem desvincular-se totalmente dos fundamentos históricos.

Finalmente, pode-se dizer isso ou aquilo de KEYNES, mas não se pode negar sua extraordinária contribuição à fundamentação da macroeconomia que abriu novos caminhos para a política econômica no mundo.

***Economista, Escritor - Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Georgráfico do Rio Grande do Norte**

Trova

Jair Maciel de Figueiredo*

Retrato de Academia

No ano de 1965, na pacata cidade dos Reis Magos, o desportista LUIZ convidou o apaixonado poeta LUIZ e o historiador LUIS para, juntamente com os grandes nomes, fundarem uma agremiação trovadoresca no estado do Rio Grande do Norte.

A idéia, na realidade, surgiu em dezembro de 1964, na grandiosa metrópole de São Paulo, numa reunião promovida pela Gazeta Esportiva e coordenada pelo poeta e trovador Paulo Bonfim, grande entusiasta da trova brasileira. E o desportista LUIZ, após ouvir calorosas declamações de trovas, foi incitado a criar um grêmio de trovadores norte-rio-grandenses, mesmo sem ser trovador.

Assim, na noite do dia 12 de novembro de 1965, nasceu o CLUBE DOS TROVADORES POTIGUARES que, em 11 de fevereiro de 1967, passou a ser chamado de ACADEMIA DE TROVAS DO RIO GRANDE DO NORTE. Portanto o imensurável LUIZ cumpriu a dificílima tarefa de reunir intelectuais, compromissados com a feitura da trova - da poesia metrificada, rimada e elaborada.

Hoje, passados mais de 30 anos, superando obstáculos naturais à intelectualidade, a ACADEMIA DE TROVAS DO RIO GRANDE DO NORTE é motivo de orgulho para quem vive na terra do petróleo, do sal, do algodão e dos suspiros da natureza. Seus acadêmicos brilham em livros, revistas e jornais vislumbrados pelos olhos do Brasil.

Grandes presidentes proclamaram o nome da instituição e subiram, com ela, os degraus da glória. É o caso do 1° presidente LUIZ DE CARVALHO RABELO, importante intelectual brasileiro que dedicou os grandes momentos da vida à poesia; sendo mestre da métrica, do verso livre e da rima. Assim escreveu Rabelo, embalado pelas musas:

O mártir da Galiléia
esta verdade traduz:
Não morre nunca uma idéia,
mesmo pregada na cruz!

Tem sentido alto e profundo
este provérbio que diz:
que não é pobre o mundo,
quem, sendo pobre, é feliz.

Mesmo sem ver-te Jesus,
minha fé em ti persiste:
- O cego não vê a luz,
mas sabe que a luz existe...

Outros nomes representativos da cultura potiguar honraram nossa Academia, ocupando a presidência da casa: o poeta José Amaral que coordenou o I Congresso Nacional de Trovadores, realizado em Natal, de 23 a 29 de outubro de 1969; o De-

sembargador Wilson Dantas, poeta de inspiração ilimitada; o poeta do verso medido e humorado Revoredo Netto; o lírico poeta Sebastião Soares; o poeta Giovani Xavier que foi Juiz de Direito da capital potiguar; o matemático e poeta José Haroldo Teixeira Duarte - todos trovaram para elevar o verso potiguar à categoria das raridades poéticas. São exemplos de pérolas raras da poesia brasileiras as trovas de:

• **José Amaral:**
Teus olhos são pisca-pisca
do carro azul da saudade,
correndo em estrada arisca
levando-me a mocidade

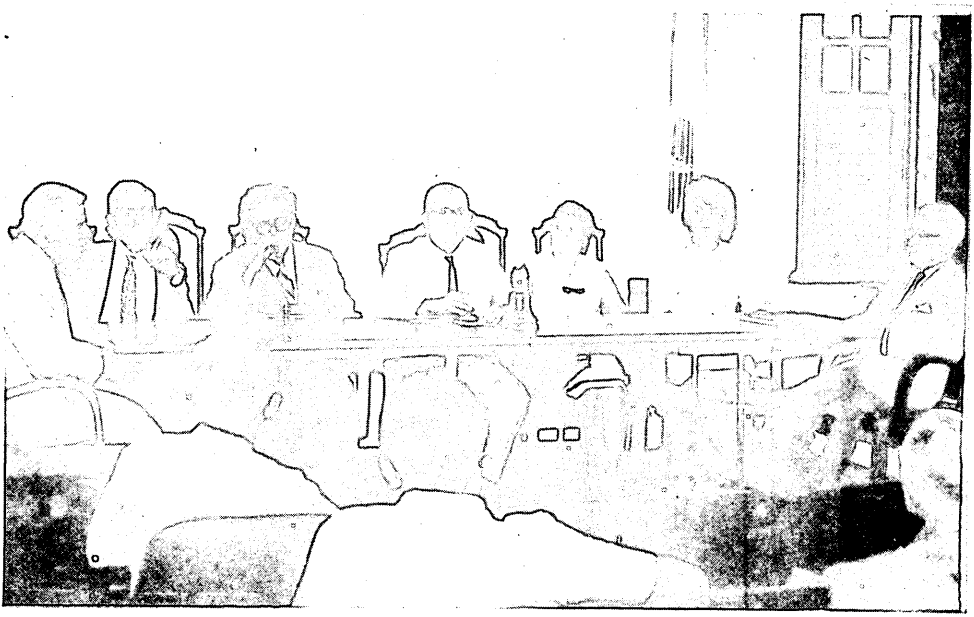
Dois beijos. Dois, e mais nada,
me comoveram na vida:
um - que te dei na chegada,
o outro - que te dei na saída.

• **Wilson Dantas:**
céu com três letras escreve
mãe também se escreve assim,
e neste nome tão breve
existe um céu para mim.

Meu pai, na sua velhice,
tão bom era aos olhos meus,
que se Deus não existisse
meu pai seria o meu Deus.

• **Revoredo Netto:**
Vivendo, embora, a existência
distante da perfeição
que me falte a luz da ciência,
mas nunca a luz da razão.

A natureza descerra
do tempo o infinito véu:
de dia - descobre a terra,
de noite - descobre o céu...



Nessa reunião, os trovadores foram constituídos a 12.11.1965 em Natal.

• **Sebastião Soares:**
Sino, nossa estranha sorte
Deus assim que ver comprida,
canta o tormento da morte
que eu vou chorando os da vida!

Eu sei de uma negra cruz,
de tão negra não tem nome:
essa que o pobre conduz
pelo calvário da fome.

• **Giovani Xavier:**
No torvelinho das águas,
como jangada perdida,
fiz de alegrias e mágoas
os remos da minha vida.

• **José Haroldo Duarte:**
Quando passa o vaga-lume
pelas noites sem luar,
foge da flor o perfume,
para teus lábios beijar.

Neste ano de 1997, na sede natalense da AABB, às vinte horas do dia 22 de março, tomei posse como presidente da academia, após ter sido reeleito, por aclamação, para o biênio 1997-1998. Naquela noite serena relembramos os feitos da nossa administração passada. O primeiro aconteceu no dia 18 de junho de 1995, às 20:00h, no Teatro Sandowal Wanderley, quando, de corações abertos recebemos os trovadores Joamir Medeiros e Maria Antônieta Bittencourt Dutra de Souza como novos acadêmicos. O segundo foi, ainda em 1995, a realização do I CONCURSO DE TROVAS EDUCATIVAS da Academia, enfocando o tema AIDS; um trabalho aprovado pelo Ministério da Saúde para correr o mundo através da INTERNET. Na noite de 05 de outubro de 1995, numa quinta-feira de luz, na Capitania das Artes, nesta Natal invulgar, aconteceu o lançamento dos sonhos dos trovadores norte-rio-grandenses, uma coletânea de trovas dos imortais da Academia. Em 18 de julho de 1996, Dia do Trovador, Dia de Luís Otávio, mais uma vez na intimidade do Teatro Sandowal Wanderley, abrimos os corações e por eles entraram os nossos acadêmicos Fabiano Wanderley, Severino Campelo, Ivaniso Galhardo e Roberto Mota. E na noite do dia 23 de dezembro de 1996, dois importantes acontecimentos embelezaram, ainda mais, aquele sábado primaveril; o primeiro foi a posse de Luiz Xavier e o segundo foi a entrega dos prêmios do XVI CONCURSO NACIONAL DE TROVAS DA ACADEMIA, cujo tema, o RIO PONTENGI, encheu os olhos dos trovadores potiguares. Outro maravilhoso momento da entidade foi o renascimento do jornal "O TROVADOR" que estava fora de circulação há, mais ou menos, 30 anos. Um grande sonho não aconteceu - a conquista de uma sede para a ACADEMIA DE TROVAS DO RIO GRANDE DO NORTE.

Hoje, mesmo sem sede própria, a nossa Academia vive dias de glória. Nossas reuniões mensais estão sendo realizadas no auditório do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, graças ao amante das artes, da prosa e da poesia o escritor Enélio Petrovich, dirigente da Casa das Memórias Potiguares. Graças também, aos antigos presidentes que perpetuaram a chama da trova norte-rio-grandense para que, mesmo sem sede, a Academia chegasse onde chegou. Por isso, merecem os mais calorosos aplausos, além dos presidentes, todos os imortais que lutaram pela trova e os amantes da poesia sintética. Estamos cientes da missão do trovador; promover o bem, usando a trova como veículo de mensagens educativas, ecológicas, históricas, líricas, filosóficas e humorísticas.

Hoje, 26 de março de 1997, numa tarde outonal, recebo das mãos do criador da

Academia, Luiz Gonzaga Meira Bezerra, um presente de aniversário, um envelope com três fotos da noite da fundação do Clube dos Trovadores Potiguares. Na primeira, estão os três Luiz - Rabelo Bezerra e o inolvidável Cascudo. O sorriso de Luiz G. M. Bezerra demostrava a realização de um sonho; o eclético poeta Luiz Rabelo espreita, atentamente, a mímica do eterno e encantador mestre Luiz da Câmara Cascudo - patrimônio cultural do Rio Grande do Norte. A segunda foto mostra Luiz G. M. Bezerra no comado dos trabalhos. A terceira foto mostra o auditório do PALÁCIO DO COMÉRCIO, no histórico bairro Ribeira, repleto de cabeças pensantes da época.

Naquela noite de 12 de novembro de 1965, mais de 50 trovadores embalaram o momento, sacudindo a fundação da Academia com versos explosivos, relâmpagos, metafóricos e conclusivos. Versos que adornaram o Palácio do Comércio, embelezando segundos e centímetros da festa, ecoando no ouvido de uma platéia, religiosamente atenta: Virgílio Trindade, Evaristo de Souza, Jaime Wanderley, Francisco Menezes de Melo, Silvino Bezerra Neto, João Figueiredo de Souza, Enélio Lima Petrovich, Revoredo Netto, Mariano Coelho, Carlos Homem Siqueira, Bernardino Vasconcelos, João Guimarães, Antídio de Azevedo e outros.

Certamente algumas trovas que brilharam no palácio do Comércio estão imprensas no livro antólogico da ATRN, o nosso troféu SINFONIA DE TROVAS, como estas:

de Antídio Azevedo
Se a areia que pisas tanto,
adivinhasse quem és,
vibrava toda, garanto,
beijando, louca, teus pés.

de Jaime Wanderley
Poesia! Suave perfume,
que obra milagre profundo,
pois multiplica e resume,
toda beleza do mundo!

de João Carlos de Vasconcelos:
Natal é cidade amada,
do Potengi a consorte.
- É bela jóia engastada
No Rio Grande do Norte.

de João Guimarães:
Se tudo em mim se renova
quando te vejo, querida,
é porque tu és trova,
que eu canto na minha vida.

de Mariano Coelho
Mesmo que a noite ostentasse
multidões de sete-estrelas,
não creio que superasse
a noite dos teus cabelos.

E tudo Transcorreu, na noite da fundação, sob a aura intelectual do papa da cultura potiguar, o maestro das letras LUIS DA CÂMARA CASCUDO; fato que demostra que a trova sempre foi cantada por grandes literatos como o mais perfeito manifesto poético, tanto pela grandiosidade da síntese, como pela beleza da rima e da métrica. Por isso todo trovador é imortal sente-se impelido a fazer estas reflexões:

Maior prêmio cultural
nas artes, prosa ou poesia,
merece aquele imortal
Que ama a própria Academia.

Todo imortal deveria,
enquanto vida tivesse,
pedir pela Academia,
a Deus, em forma de prece.

*Presidente da ATRN

A Arte Fácil

Padre José Zilmar de Andrade*

Sempre temos escutado que rezar é falar com Deus.

Mas é difícil falar com Deus? Quando a gente pergunta a uma criança: "Você reza? "Ela diz: "rezo à noite".

O dicionário não faz distinção entre "orar" e "rezar", ambos significam o ato de dirigir preces a Deus.

A qualquer hora, ou momento a gente pode sintonizar a estação de Deus.

É mais fácil a gente falar com Deus que falar com o irmão, o pai ou a mãe.

"Meu Deus, obrigado". "Senhor, perdoai-me". "O Senhor te abençoe". São orações. Essas e outras expressões usamos constantemente, no dia a dia.

Em resumo é mais fácil falar com Deus, que com qualquer pessoa deste mundo. Falar com o Político é fácil na Campanha política. Mas depois de eleito, é tão difícil.

Quantas pessoas desligam seu telefone para não terem comunicação com ninguém. Em nenhum momento Deus se esconde.

Podemos a qualquer momento falar com Ele. Mas surge a pergunta: "Ele nos responde"?

Se há uma resposta, concluímos que a oração não é fruto de um monólogo (um só falando), mas de um diálogo.

Se rezar e orar são sinônimos, são diferentes rezar e meditar.

Muita gente tem desistido da oração, achando-a um exercício frustrante, porque unilateral: "A gente fala Deus se cala". Mas Deus fala, se nos dispomos a ouvi-lo. Dizia com acerto St°. Ambrósio: "Quando lês a Bíblia Deus te fala; quando rezas, tu falas a Deus". Eis o diálogo.

Todo diálogo é enriquecedor. O cônjuge quer ouvir a resposta do outro. Se um fala e o outro não reage, a vida a dois começa a ser infernal.

Jesus nos ensinou a ser íntimos d'Ele. João Batista viu Jesus passar e indicou-O aos seus discípulos dizendo: "Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Então dois deles, André e João foram seguindo Jesus, sem terem coragem de O abordar. O próprio Jesus tomou a iniciativa e disse-lhe: "Que estais procurando?" Encabulados, só souberam fazer esta pergunta: "Mestre, onde moras?" Então saiu a resposta generosa e tão decisiva para a vida deles: "Vinde e Vêde!" Foram com Ele e ficaram com Ele naquela tarde inesquecível. Ficaram cativados para sempre e começaram logo a chamar outros para o seguimento de Jesus (Jo. 1,35-42).

O convívio com Jesus era agradabilíssimo! Jesus pede a todos que chamou "que fiquem com Ele", que estabeleçam laços íntimos com Ele, com o Pai e o Espírito Santo. Como buscarmos essa intimidade com Deus, mesmo depois de Jesus ter deixado a terra?

A oração é a chave da intimidade com Deus. Ela o foi com Jesus na terra e o será com Jesus no céu. "Tudo que pedirdes ao Pai, em meu nome, Ele vo-lo dará" (Jo. 15.16). S. Paulo nos lembra que somos filhos de Deus: "Não recebestes o espírito

de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos, Aba! Pai!" (Rom. 8, 15-17).

O acesso à intimidade com Deus pela oração não é privilégio dos vocacionados para os claustros contemplativos. Quem quer ser apóstolo de Jesus (isto é: todo discípulo, todo cristão que se engaja, é apóstolo, é agente de pastoral), e entra na dinâmica de Cristo lembrada por Marcos: "Chamou os que Ele quis... para que ficassem com Ele os enviaria a pregar" (Mc. 3,13-14).

Ficar com Jesus, tentar cada vez mais entrar na intimidade pessoal d'Ele, eis um lado da medalha.

O outro lado, que também não pode ser esquecido do Cristão é: ser enviado para a missão, para a evangelização. A vida do cristão está num contínuo vaivém. Jesus chama: é o vinde. "Vinde à parte para algum lugar deserto e descansará um pouco". (Mc. 6,30-31).

Dom Jaime Rocha - bispo de Caicó dando o exemplo de oração.

Lucas confirma: "Ele costumava retirar-se a lugares solitários para orar (Lc,16).

Se Jesus convida para perto de si com o "vinde", Ele também envia: "Ide as encruzilhadas e convidai"... (Mt. 22,9). "Vinde após Mim; eu vos farei pescadores de homens" (envia) "Como o Pai me enviou, eu também vos envio" é o célebre texto de Jo. 20,21 proferido por Jesus ressuscitado.

São muitos os textos que comprovam o "vinde" e o "ide" de todo cristão. O engano de muitos cristãos é ficar com um polo só. Os que se entregam ao "ativismo", pura ação, desanimam, porque lhes falta a energia, que só Deus pode fornecer pela oração.

O esvaziamento (a pessoa sem Deus) leva ao desânimo. A ação exagerada não leva a nada. Correr a todo instante, sem ter tempo para Deus, é o início do fracasso.

Não pode haver ação sem animação. Mesmo com o método ver-julgar e agir, tão eficiente, surge o desânimo na ação. Porquê? Chegamos nas reuniões a elaborar bonitos planos de ação, mas ficam só no papel. Não se chega à ação, porque não bastam planos; precisamos de coragem, de ânimo, de uma mística, que nos impulsione à ação.

Há eficiência na ação, quando o planejamento se soma à animação. Se a oração traz as energias de Deus, como faze-la? É difícil o método? É simples. É só reservar alguns minutos diários para Deus. Não é verdade que temos tempo para tudo, no dia a dia e, não temos coragem de deixar algo para Deus?

São Bento, um dos grandes mestres da

oração, nos apresenta três passos: LEITURA-MEDITAÇÃO-ORAÇÃO.

O nosso livro de leitura é naturalmente a Bíblia. "A Palavra de Deus é viva e eficaz" (Heb. 4,12). A Bíblia não é apenas luz para iluminar, em nossas reuniões, a reflexão sobre a realidade (para o julgar), mas toda ela é também fonte inesgotável para nossa meditação pessoal, para nosso diálogo com Deus.

A partida é feita com um pequeno trecho da Bíblia. Repete-se a leitura às vezes que achar necessárias para a compreensão do texto. Uma palavra ou frase geralmente nos chama à atenção. Ai se começa a meditação. A palavra é um alimento como o pão. "Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus"(Mt. 4,4). É preciso, pois "mastigar" a palavra como se faz com o pão: revolvendo-o na boca da mente. Para torná-la mais compreensível, nós associamos o texto (ou frase) a outros textos. O texto bíblico se liga ao contexto, à realidade vivida, ontem e hoje por cada um de nós que medita. Assim mergulhamos a Palavra na vida da gente, i.é. iluminamos a vida concreta com a Palavra. Esta inter-relação entre a Palavra e a vida é muito importante. É a re-leitura da Bíblia, na qual a Palavra de Deus se torna atual e eficiente para o contexto de minha vida. Jesus a pôs em prática: "Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura". Jesus ligou o passado ao presente, ligou a Palavra à realidade atual que Ele vivia. Em qualquer texto, podemos também ouvir a voz do Pai que hoje se dirige a nós, enviando-nos o seu Espírito para uma missão especial. Isso é meditação. É "ruminar" mentalmente o texto bíblico, relacionando-o com outros textos, com a própria vida da gente e, perceber através deste texto que Deus nos fala hoje. Desta reflexão engajada, desta meditação surge o calor, o fogo, a animação, o entusiasmo para a ação.

Depois da leitura e meditação, vem o terceiro passo: a oração. Para a reflexão e começa a oração. É o coração que se abre para uma conversa simples e íntima com o Pai ou o Senhor Jesus. Repetimos lentamente certas palavras, como: "Jesus, eu é que tenho sêde; sêde de ti; dá-me de beber".

Não precisamos fazer longo e rebuscado discurso. Foi Jesus quem no-lo advertiu: "Quando rezardes, não multipliqueis as palavras como fazem os pagãos" (Mt. 6,7). Na oração que remata a meditação é que se anima ou reanima nosso coração, como lembrava o Salmista:" Na minha meditação se acendeu um fogo" (Sl. 38,4).

A essa altura vem uma pergunta: "Que fazer com as distrações?" S. Bento deu uma boa regra: "A oração seja breve e pura" (i.é. sem distrações). Vindo de novo a distração, a gente retoma os três passos. Voltamos à leitura do texto escolhido. Pode ser que outra frase ou palavra chame nossa atenção e, prosseguimos em nossa caminhada.

Praticando esse tipo de oração, fruto da meditação, cada dia, por uns dez ou quinze minutos, teremos a possibilidade de nos tornar "mestres da oração".

Há uma farta literatura sobre esse assunto. Sugerimos p.ex. o livro de Carmita Ovebeck, intitulado: Rezar com Simplicidade, das Edições Paulinas e o de Luis Kirchner: Rezar faz bem, da Editora Santuário (SP), além de D. Valfredo Tepe: "Nós somos um", da Editora Vozes.

Com essas pinceladas sobre oração, já começamos a nos animar com esse exercício que nos fará felizes, realizados. Em nenhuma atividade, intelectual, artística ou esportiva, alguém se torna "mestre", sem contínuo e disciplinado treino. Reservemos uns minutos para Deus, cada dia e, contaremos com a presença repousante e vivificadora d'Ele em nós. Então descobrimos que orar não é só pedir, mas contemplar a beleza de Deus em Si e na natureza. Mãos à obra! Iniciemo-nos nessa arte fácil que é orar. Como aconteceu com Jesus "enquanto orava, transformava-se seu rosto" (Lc. 9,20), tal acontecerá conosco

---

***Pároco de Cidade Satélite.**

Pesquisa

O sagüi é nosso vizinho e animal de laboratório

Alexandre Menezes*

O nosso popular sagüi é foco de atenção por parte da ciência. Pela sua utilidade como animal de laboratório para pesquisas biométicas e comportamentais, é criado em várias colônias ao redor do mundo e uma delas se acha aqui no RN.

A UFRN mantém no campus central o Núcleo de Primatologia, onde são criados cerca de 150 animais que atendem às pesquisas desenvolvidas por professores e alunos do Setor de Psicobiologia do Centro de Biociências.

Animal nativo do nordeste brasileiro, o sagüi (ou soim, que é como muita gente o conhece) é um primata que faz parte da família dos calitriquídeos, a mesma que inclue o mico leão.

Os animais dessa família, diferentemente do resto dos macacos, apresentam garras em vez de unhas e geralmente dão cria a gêmeos. Apesar de algumas vezes em colônias de criação ocorrer nascimentos de trigêmeos e mesmo de quadrigêmeos, apenas dois dentre eles podem se criar, pois a fêmea só dispõe de duas tetas e não consegue alimentar a todos igualmente. É a lei do mais forte determinando a sobrevivência.

Algumas características encontradas nesses animais chamam a atenção pela semelhança com os humanos. O ciclo ovariano das fêmeas é de 28 dias, embora não existia menstruação, e os grupos são formados principalmente por indivíduos de uma mesma família, filhos do casal reprodutor.

No cativeiro, eles são monogâmicos, embora essa regra não possa ser aplicada indiscriminadamente em relação aos sagüis de vida selvagem.

Outro aspecto curioso é que as fêmeas não apresentam cio e são sexualmente receptivas ao parceiro durante todo o tempo, mesmo na gravidez que dura cinco meses.

Também chama a atenção, o fato de que o cuidado com os filhotes recém-nascidos é partilhado pelo pai e pelos irmãos mais velhos, a exemplo do que se observa na sociedade humana.

Da mesma forma que o homem levanta cercas e muros para delimitar suas propriedades, o sagüi também marca o seu território. Nos animais, esse limites são geralmente estabelecidos através de marcas de cheiro. Isto explica o costume que os sagüis apresentam de esfregar a região genital ou de urinar nos objetos.

Diferente do que muita gente pensa, nem todo macaco gosta de banana. Dotado de um paladar desenvolvido, alguns sagüis

não gostam de banana, preferindo outras frutas como manga, goiaba, caju, melão, abacaxi. E não é só de fruta que ele vive. Ele também come insetos, pequenos largatos, ovos e um tipo de resina produzida por árvores como o cajueiro. Esse item da dieta é importante para manter os animais vivos durante os períodos de seca, quando a comida escasseia.

O conjunto de características acima dá uma idéia da riqueza de aspectos que podem despertar a atenção de um pesquisador.

O grupo de pesquisa da UFRN vem estudando aspectos ligados ao desenvolvimento do comportamento social, o comportamento reprodutivo, a ecologia e os ritmos biológicos dos sagüis em cativeiro.

Além disso, na Estação Florestal e de Experimentação do Ibama, em Nísia Floresta, estudos comparativos podem ser realizados com os animais em vida selvagem.

A proximidade de uma colônia de criação com uma área de estudos no campo, constitui-se numa oportunidade rara, o que tem despertado o interesse de cientistas de outras universidades para realização de projetos conjuntos.

Os convênios com instituições como a Universidade de Reading, na Inglaterra, a Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, e a Universidade de São Paulo, permitem manter o intercâmbio de professores e estudantes interessados no estudo do sagüi.

O Núcleo de Primatologia da UFRN dispõe de 130 gaiolas de criação, onde os animais vivem em condições tão próximas das naturais, quanto possível.

Isso é possível com o que se chama de enriquecimento ambiental, ou seja, a colocação de caixas de dormir, poleiros feitos com galhos de árvores e muito verde, principalmente em volta dos prédios onde estão os viveiros. Eles são alimentados duas vezes por dia, uma com frutas da época e outra com uma papa à base de leite, mel, pão, acrescida de vitaminas.

A manutenção dessa estrutura é feita com a participação de uma equipe formada por veterinário, tratadores, encarregados de limpeza e secretaria, sob a direção de um docente.

No entanto, manter tudo isso sai caro. Sendo assim, além dos recursos oriundos da própria universidade, verbas obtidas junto a órgãos como Capes, CNPq e Finep completam o orçamento necessário. Mas o retorno é muito grande.

O conhecimento adquirido e divulgado através de revistas científicas nacionais e estrangeiras, acaba revertendo para um melhor conhecimento do ser humano.

Além disso, esses animais contribuem para a formação dos alunos do mestrado em Psicobiologia da UFRN, ao servir de alvo das dissertações, e de estudantes de biologia além de outros cursos de graduação que tem a oportunidade de participar desse projeto de pesquisa.

Se os sagüis chamam a atenção de cientistas, não é de estranhar que o mesmo aconteça com as outras pessoas. É comum encontrar pessoas que criam ou vendem esses bichos. Mas é importante um alerta: criar sagüis sem autorização do Ibama, como qualquer outro animal silvestre, é proibido. Além do mais, como pouco se conhece sobre as doenças que eles podem transmitir ao homem, é melhor deixá-los viver soltos na mata.

***Biólogo, professor da UFRN**

Rivalidade

Governo de Mário Câmara

Adauto Guerra*

O assalto à casa do Cel. Joel Damasceno na noite do sábado, 22.12.1934, não foi um caso isolado na história do coronelismo do Seridó e, por que não dizer, na história do coronelismo do Nordeste. Já no dia 11.09.1922, Zé Mutuca, Zé Dias, Chico Dias e um campineiro armaram uma cilada e assassinaram o Cel. João Pereira na sua venda, em Nazarezinho (PB). Vale salientar que o plano dos assassinos incluía apenas o homicídio. No dia 27.01.1927, às 11 horas da noite, quatro bandidos assaltaram a casa do Cel. Joaquim Paulino de Medeiros, conhecido por Quincó da Ramada, na serra da Rajada, município de Acari. Um deles, depois, foi visto vendendo jóias em Parelhas. O chefe do bando, Antônio Jerônimo, mais tarde foi preso e recambiado para a cadeia pública de Acari, onde ficou detido sob a custódia do Ten. José Gomes da Silva e, posteriormente, do Cap. Inácio Vale. A casa do Coronel voltou a ser assaltada no dia 06.10.1942. Um dos invasores deu uma pancada no supercílio direito de Dona Maria Florentina de Medeiros, conhecida por Dona Maricota, viúva desde o dia 03.11.1932. Essa pancada provocou um ferimento que se transformou numa doença incurável, levando-a à morte no dia 28.07.1956. Muito conhecido também entre os historiadores foi o assalto à casa do Cel. Felinto Elysio, na Fazenda Sombrio, em Jardim do Seridó (16.01.1935). A morte do Cel. Francisco Pinto, em Apodi, é igualmente lembrada.

A invasão à do Cel. Joel Damasceno teve um caráter político. O Estado vivia momentos de intensa agitação. Duas facções políticas pegavam fogo: Perrepistas e Liberais. A Força Pública dos Liberais, partido situacionista, andava de cidade em cidade, de fazenda em fazenda, efetuando massacres, prisões e até mortes, como foi o caso de Dr. Octávio Lamartine, filho do ex-Governador Juvenal Lamartine, no dia 13.02.1935, na Fazenda Ingá, em Acari. Os soldados obrigavam os perrepistas a se ajoelharem e a beijarem seus fuzis, não importando o local em que se encontrassem.

Por volta das 11:00h da noite, chegavam o Ten. Rangel, o Sargento Milton Campos, o Cabo Manoel Feitosa e 09 (nove) soldados, apanhando as pessoas de surpresa. O Coronel tinha ido passar o Natal com sua segunda esposa, Dona Maria de Carvalho, no município de Martins, na casa de uma cunhada. Alguns emprega-

dos tinham chegado de uma malograda rifa no Saco do Miguel, fazenda de propriedade do Sr. Luís Francisco de Araújo, que distava 06km da Fazenda Laginhas, onde se deu o incidente. Um sanfoneiro começou a tocar e, quando os visitantes pegavam seus pares - Antônio Eloy, com sua namorada e futura esposa Alita, e Ozias, neto do Coronel, com Adi, irmã de Alita, o dono da casa, João Chiquinho, morador de Luís Francisco de Araújo - interrompeu, pedindo que ninguém dançasse, pois não tinha pedido permissão ao seu patrão para fazer baile na fazenda. Aborrecido, Antônio Eloy convocou seus companheiros a retornarem a Laginhas:

- Quem for meu amigo, vamos embora!

Lá se encontravam Severino Quincó, os irmãos João e José Faustino, Ozias Abdias, neto do Coronel, na época com 15 anos de idade, as duas moças já citadas e Jessé. Exceto Jessé e as duas irmãs, todos os demais ficaram.

Perto da meia-noite, Sr. Antônio Eloy de Araújo, vaqueiro da fazenda, braço direito do Coronel, dormia no alpendre da casa, quando foi acordado com a presença da tropa, perguntando:

- Onde está o Coronel?

- Foi passar o natal em Martins com sua esposa, na casa de uma cunhada.

- Então nós vamos entrar.

E começaram a exigir que ele abrisse a porta. Sem esperar respostas, iam dando coices com os fuzis, Antônio Eloy dizia:

- Esperem! Não façam isso! Eu vou acordar as moças e elas abrem a porta.

A casa estava cercada. De tanto darem pancadas, tentando abrir a porta do muro, empenaram o ferrolho. Então, Seu Antônio se ofereceu para ajudá-los. Um deles pegou no seu pé, ajudando-o a pular o muro. Em seguida, Antônio Eloy saiu abrindo portas e janelas. A tropa invadiu a casa e, de posse de um farol, rumou em direção ao quarto dos empregados. O primeiro a ser acordado foi Etelvino. O soldado, depois de puxar no punho da rede, perguntou:

- Onde estão as armas?

- Não sei. Não tem.

- Aqui, hoje aparece arma nem que seja debaixo de pau.

Depois se dirigiu a Salvino, irmão de Etelvino, garoto de 15 ou 16 anos, dizendo:

- Acorde, negro, para andar mais nós.

Em seguida, com a ponta de um punhal, abriram uma mala e recolheram algumas armas. Depois perguntou um deles a Seu Antônio:

- Qual é o mais velho desses?

- É esse aqui apontando para Chico Dega.

Começou, então, o quebra-quebra. Passaram a espalhar objetos e a virar caixões de batatas. Antônio Eloy pedia calma, mas nada adiantava. Davam pancadas nos quartos das empregadas, exigindo que elas abrissem a porta. De dentro respondiam:

- Só abro, se Seu Antônio estiver aí.

Eles diziam:

- Ele está aqui.

Nem sempre, porém, falavam a verdade. Começaram, então, a exigir que lhes dessem a chave do quarto do casal que era guardada em cima de um grande relógio. Como lhes fosse negada, eles quebrariam a porta. De início, um soldado deu uma pancada com a coronha do fuzil. Sargento Mílton falou:

- Não é assim!

E passou a dar pancada com a boca do fuzil, até quebrar a porta. A qualquer tentativa de reação por parte de Seu Antônio, eles mostravam a boca do fuzil e até chegavam a cobrir seu ombro com os fuzis. Houve ocasiões, conforme ele conta, em que seus ombros ficaram cobertos com 05

ou 06 fuzis. Ele apenas se limitava a pedir que afastassem aquelas armas. Também queriam obrigá-lo a desarrumar o paiol de arroz. Conseguiram encontrar a chave de um grande baú e passaram a recolher as armas guardadas no quarto do Coronel, inclusive objetos menores como facas, navalhas, suvela, etc.

Quando um soldado apanhou um caixãozinho de dinheiro, Ernestina, uma auxiliar da casa, falou:

- Esse vocês só levam se me matarem. Aí o soldado atirou o caixãozinho no chão e disse:

- Nós não precisamos de dinheiro.

Quando as coisas ficaram ruças. Josefa Cajá, outra auxiliar da casa, que há muito chorava dentro de uma rede, desmaiou. Os empregados, aproveitando um momento de distração da tropa, fugiram. Etelvino, Salvino, João Mulato e Chico Dega foram esconder-se por trás da parede do açude, num partido de bananeiras. Na fuga, Chico Dega, rápido, pula um tanque d'água que servia para aguar as plantas. Um soldado, quando percebeu, na tentativa de pegá-lo, foi fazer a mesma coisa. Por falta de habilidade, ele não conseguiu repetir a proeza de Chico e caiu dentro do tanque, molhando-se todo. João preferiu pular três currais e acocorar-se atrás da cerca de um deles. Este adotara o pseudônimo de Eloy, para melhor fugir de um crime que cometera. Comprometido com a justiça, pedira proteção ao Coronel, até que chegasse o dia do julgamento. Mal informado do objetivo do assalto, conforme conta um sobrevivente, julgou que a polícia andava em seu encalço e tal era seu pavor que chegou a **sujar** a roupa.

Era noite de lua. E como os soldados andavam em volta da casa , um deles avistou João e falou:

- Ei, rapaz, pra onde vai?

-Vou a uma viagem.

- Não, você vai andar mais nós. Cadê o revólver do Coronel?

- Está na casa de Manoel Abdias.

Ora, eles já haviam interrogado os de casa a respeito do paradeiro do revólver, e todos responderam que não sabiam. Foi mais um pretexto para levarem o negro preso. Antônio Eloy conta que vinha se aproximando do local, quando viu o soldado agredindo João para ele dizer onde estava o tal revólver.

No final, quase nada ficou nos seus lugares. Até um oratório eles abriram. Porém respeitaram os santos. Satisfeitos, partiram para outros assaltos, levando ao todo vinte e nove objetos: três rifles, sendo dois papos-amarelos e um cruzeta, cano de mamão, os quais pertenceram aos cangaceiros de Antônio Silvino, que os deixaram de presente para o Coronel, quando voltaram do fogo da Pedreira, em 190; uma espingarda de soca, pertencente a Antônio Eloy; todas as facas-peixeiras, facões e serras de cortar capim, navalhas, uma suvela e uns martelos. Antônio Eloy dizia:

- Não levem esses objetos. Não são armas para fazer mal a ninguém. São objetos de uso da fazenda.

Sargento Mílton respondia:

- Não confio em perrepistas.

Seu Antônio perguntava:

- Para que vocês querem esses martelos?

- Para usar no quartel que está sendo construído em Caicó. (Hoje é o hotel Vila do Príncipe).

Mais tarde, voltavam os empregados sujos de lama. Salvino, no desespero da fuga, topou com um mandacaru, ficando com o corpo cravado de espinhos. Conforme narra Antônio Eloy, tirou espinhos até da cabeça dele. Em casa, sob a luz de um farol, os empregados comentavam o fato,

enquanto Ernestina fazia café. Antônia Dega, mãe de Chico, estava grávida e para ela foi feito um chá de folhas de laranjeiras o qual, na sabedoria sertaneja, é um bom calmante. O relógio marcava aproximadamente duas horas da madrugada, quando o bando deixou a casa da fazenda.

O Cel. Joel Damasceno sabia que as coisas andavam pretas para o lado dos perrepistas. Por isso, como um homem prevenido, sempre que se ausentava da fazenda, escondia objetos que ele julgava importantes. Costumava viajar a negócios a uma fazenda chamada Saco do Martins. Certa ocasião, chamou um dos empregados, de nome Rafael, e depois de acondicionar o algodão em sacos de estopa, mandou que ele fosse escondê-lo debaixo de um juazeiro, numa localidade da fazenda chamada "O Pelado". O Coronel temia que, numa invasão, eles incendiassem a casa, tocando fogo no algodão. Mandou também esconder debaixo dessa frondosa árvore algumas máquinas e móveis da fazenda. De outra feita, ao fazer essa costumeira viagem ao Saco do Martins, chamou Rafael e disse:

- Se a Força Pública chegar aqui, diga que eu viajei para a Paraíba.

- Então vá embora e só volte aqui quanto a revolução terminar.

De outra feita, chega seu filho Manoel Abdias com um comboio de algodão, trazido no lombo de jumentos, dando esta notícia:

- A Força já está em Caicó e breve estará aqui.

Estas cargas foram apenas despejadas no alpendre, nem chegando a ir para o armazém. Momentos depois, Antônio Eloy as encaminhava para o Pelado.

Mas o Coronel foi infeliz quanto aos rifles, pois, ao mandar Chico Dega escondê-los, se esqueceu de esconder também os sacos de balas. Estes estavam em cima de uma meia parede no armazém, bem alto do chão. Um soldado, levantando a cabeça, avistou os dois sacos e, daí por diante, os empregados não puderam mais negar a existência dos rifles. Então forçaram Antônio Eloy e Chico Dega a irem até o vapor onde os rifles estavam escondidos por trás de uns caixões. Antes de viajar, o Coronel, prevendo qualquer acontecimento, havia dito a Chico Dega:

- Vá enterrar esses rifles, que daqui a dois dias eu volto.

A desinformação do preto João, com referência ao revólver do Coronel, gerou um novo assalto. Desta vez, foi a casa do filho do Coronel, o Sr. Manoel Abdias. Os assaltantes levaram preso, além do negro, Antônio Eloy. Entre a casa do Coronel e a casa do seu filho, que distava 400m, morava Joaquim Quincó. Antônio Eloy ia na boleia do caminhão para indicar onde morava o Sr. Manoel Abdias. Eles queriam parar na casa de Joaquim Quincó para procurar armas e só não o fizeram, graças à intercessão de Antônio Eloy em favor da esposa do dono da casa que estava de resguardo. Foi uma história criada por ele para salvar a família.

Ao chegarem à casa do Sr. Manoel Abdias, colocaram a viatura com as luzes acesas em frente ao alpendre e acordaram o neto, que dormia neste local, com sopapos na rede, dizendo-lhe que não era hora de dormir. Este, que há pouco chegara da rifa, avistara as luzes acesas na casa do avô e só não foi lá com seu colega Severino Quincó, porque julgou que fosse Antônio Eloy cortando batatas. Ao se levantar, o soldado lhe deu uma pancada com o fuzil, quebrando-lhe a clavícula. Depois passaram a perguntar pelo rifle do pai.

- Ele vendeu ao cigano Augusto.

- E o revólver?

- Não sei, não tem.

- Ele tem, pois ele comprou uma caixa de balas aos Eufrásios, em Jucurutu.

Em seguida, Sargento Mílton mandou o rapaz acordar seu pai. Ozias entra em casa e diz:

- Papai, a polícia está aí.

- Saia da porta que daqui pode sair bala.

Então eles invadiram a casa, querendo armas a todo custo. Sua esposa, Dona Leonísia, tomou a frente de Manoel Abdias e disse à tropa:

- Vocês batem em mim, mas nele, não.

Manoel Abdias explicava que tinha vendido sue rifle ao cigano.

- E o revólver?

- Eu tenho uma "mausa", mas está emprestada a Lino Alves, proprietário do Riacho de Santana.

Cabo Manoel Feitosa disse:

- Essa eu já recolhi.

Sargento Mílton estava interessado no revólver do Coronel e, por isso, dizia:

- Meu velho, entregue este revólver para não ser "desfeitado"[1]

Ozias então falou:

- Papai entregue este revólver, que isto não é a vida de ninguém.

Então, Manoel Abdias chamou sua esposa e mandou que ela fosse buscar o revólver. Este já estava metido num pote d'água. Sem enxugar, o revólver foi entregue ao Sargento, pingando água. Depois, Sargento Mílton perguntou:

- Tem mais alguma coisa?

Manoel Abdias respondeu:

- Tem uma faca.

E, em seguida, foi buscá-la.

Sargento Mílton passou a olhá-la.

- Oh! Faca bonita! Nós já andemo na casa do seu pai.

- O que levaram?

- Carreguemo tudo. Daqui vamos para a casa do Major Stoessel de Brito.

Os soldados então liberaram Eloy e o preto João e partiram para o Baixio, onde pretendiam assaltar a casa do Sr. José Bezerra, sogro do Major Stoessel de Brito. De lá, eles levaram, além de uma espingarda de cartucho, outros objetos, inclusive uns fações.

O Coronel, ao voltar, comprou outra espingarda para Antônio Eloy. Este foi chamar o carpinteiro Manoel Cunegundes Damasceno, conhecido por Manoel Faustino, pai de Adi e Alita, também morador da fazenda. O carpinteiro consertou a porta, porém recebeu ordem do Coronel para não pintar a parte quebrada, pois desejava, um dia, encontrar-se com o Sargento Mílton, quando o obrigaria a pintá-la. Na porta, sua esposa, Dona Maria de Carvalho Damasceno, escreveu com um giz: Quebrada pela polícia bandida do interventor Mário Câmara, no dia 22 de dezembro de 1934.

Apesar de ter sido o Ten. Oscar Mateus Rangel comandante da tropa, o Cel. Joel Damasceno abriu processo contra o Ten. Pedro Silva, então delegado de Caicó, pois foi ele quem induziu a tropa de Mário Câmara a assaltar sua casa. Dr. Agostinho Santiago de Medeiros Brito não recusou uma boa proposta para defender Pedro Silva. Este foi absolvido e o advogado recebeu de presente um terreno em Natal, local em que funcionou durante muito tempo o SCBEU.[2]

***Prof. jornalista, pesquisador.**

[1]Desfeitado: desmoralizado, desfeitado.

[2] SCBEU: Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos, extinta escola de inglês.

Memória

Seridó e sua Gente

Pery Lamartine

O poeta popular de Currais Novos, Celestino Alves, escreveu esta frase: "O Seridó é uma pequena região do Rio Grande do Norte, uma micro-região do Brasil, assim podemos dizer, um pedacinho de tabuleiro, jogado no infinito do mundo em que vivemos." Com sua verve, ele localizou bem a região que tem características próprias. Mas, para se entender melhor o Seridó e sua gente, tem que conhecer o início de tudo: no princípio eram léguas e mais léguas de tabuleiro ondulado e piçarrento, cortado por córregos, riachos e alguns rios temporários, alimentados por um regime de chuvas escassas, caídas, em geral, no primeiro semestre de cada ano. Eram comuns secas prolongadas, acompanhadas de um sol abrasador, castigando todo aquele sertão e os seres vivos que ali habitavam. A bem da verdade, não se pode dizer que existia floresta, só umas poucas matas acompanhando os caminhos d'água. Na chã dos altos a vegetação era mais aberta: só crescia jurema preta, faveleira, capim panasco, algumas ervas rasteiras e os espinhos, ou seja, o cardeiro, o xique-xique e a coroa de frade. Nas terras mais férteis das várzeas a mata era bem fechada: crescia o mofumbo, o pereiro, o angico, o cumaru, a aroeira, o juazeiro e outras essências florestais, assim como, a acolhedora oiticica.

Os animais habitantes daquelas ribeiras eram onças, gatos do mato, raposas, tatus. maritacacas, macacos, tejuaçus e outros animais menores. Aves, predominavam as pombas (rolinha, asa branca, juriti e arribaçã); acauãs, seriemas, gaviões, carcarás, urubus e até as emas habitavam também aquelas ribeiras, além de um grande número de pássaros menores, de cantos maviosos, tais como o canário da terra, o galo de campina, a graúna, e o gracioso cancão. Nas aguadas não faltava o tetéu, o furabarreira, o flexa-peixe, o mergulhão, as garças, a marreca e uma infinidade de outras aves aquáticas. Aquele sertão sempre foi riquíssimo em aves. O bicho mais perigoso que se tem notícia eram as cobras; a cascavel com seu veneno mortal, a jararaca cuja picada não havia cura e cobras que não ofereciam perigo.

Nesse ambiente da caatinga ressequida e vales verdejantes, dominava o bugre, índios da tribo Tarairiú, mas conhecidos por Janduís, caçadores por excelência, senhores daquelas ribeiras, até as nascentes. Tanto os índio, como os animais e os vegetais dessa região, viviam inteiramente adaptados àquele ambiente hostil. A chegada do homem branco, com o Descobrimento, trouxe para o Seridó um certo desequilíbrio ecológico cujas conseqüências ainda hoje permanecem.

O tempo avançava e num dia de março de 1535, assumia em Pernambuco, o titular daquela Capitania, Sr. Duarte Coelho Pereira. Aquele cidadão português trazia na

sua esteira além dos familiares, "Gente nobre e luzida" que pertenciam à classe dominante de Portugal. Essa informação contradiz com àquela que se ensina nas nossas escolas de que para o Brasil só vinham degredados, criminosos e prostitutas. Os colonos instalaram-se com engenhos de açúcar e o que ocorreu na Capitania, num período relativamente curto, foi uma verdadeira explosão de desenvolvimento rural e super produção na indústria açucareira, abarrotando de açúcar a metrópole e toda Europa, criando uma imensa crise com a Holanda, tradicional fornecedora do produto. Há quem afirme que a invasão holandesa no Nordeste foi uma retaliação a este estado de coisas.

A cana-de-açúcar, embora fosse vitoriosa na zona da mata de Pernambuco e no vale do Paraíba, cuja atividade muito dependia da criação de bovinos para atender aos engenhos, como animais de tração ou fornecer couro para os manufaturados, leite e carne para a população. No início, a baixa densidade demográfica da região, permitia amplos espaços vazios entre as propriedades. Na medida em que esses espaços foram sendo ocupados e a cerca de arame farpado ainda não estava em uso, o gado invadia as áreas agrícolas, criando atritos entre os vizinhos. Esses atritos iniciais foram se transformando em conflitos tão freqüentes e as queixas eram tantas que o Governo Real decidiu intervir disciplinando o assunto. Segundo uma publicação do Ministério da Educação e Cultura de 1959 com o título "O PASTOREIO NA FORMAÇÃO DO NORDESTE" da autoria do Sr. Costa Porto, vem fornecer valiosas informações que ajudam a compreender o que houve naquela fase da vida nordestina. O autor informa que uma certa Carta Régia determinou" ...que não se pudesse criar gados senão a dez léguas além dos limites da área da cana-de-açúcar...". Com essa medida, a pecuária foi deslocada para o sertão. O avanço para o interior foi lento e constante, pois dependia de fatores adversos tais como, os longos períodos de sêca e a pacificação dos índios, que estava em curso, especificamente aqueles do Rio Grande do Norte que mantinham uma guerra de extermínio com os brancos. A penetração subiu a Serra da Borborema, onde surgiram cidades como Campina Grande, Picuí, Esperança, Soledade e seguiu rumo oeste, deixando os marcos pelo caminho: Santa Luzia, Patos e Pombal (ex-Arraial do Bom Sucesso de Piancó).

Sobre Pombal há uma estória de tradição oral que carece de confirmação; conta-se que o Chefe da "Entrada" encontrando um local favorável à margem do rio Piancó, decidiu instalar ali uma Base de apoio, batizada com o nome de Arraial do Bom Sucesso do Piancó. Esse pioneiro cujo nome não identifiquei, tinha problemas com a justiça em Portugal, daí porque estava vivendo deste lado do oceano. Algum tempo depois do arraial instalado, chegou pelo correio uma boa nova; a anistia do pioneiro, assinada em Portugal pelo Marquês de Pombal, em retribuição aos bons serviços prestados à Coroa, pelo pioneirismo, aqui nas terras brasileiras. Houve comemorações em regozijo ao fato e o pioneiro mandou trocar o nome do arraial que passou a ser chamado Marquês de Pombal, permanecendo até hoje, caindo o Marquês por falta de uso. O pioneiro em questão poderá ter sido um dos irmãos Oliveira Ledo, grandes caçadores de índios e que deixaram muitas fazendas por todo aquele sertão, tendo sido eles os requerentes da Sesmaria da ribeira das Espinharas onde, posteriormente, foi implantada a fazenda Serra Negra, hoje sede do município e o berço das famílias Faria e Mariz.

No avanço para o sertão, no rumo do oeste, os vaqueiros foram encontrando as nascentes dos rios que correm para dentro do Seridó e desceram neles, ocupando as terras férteis dos seus vales. A penetração empurrava o vaqueiro cada vem mais para o interior, à procura de novos campos de pastagem. A história do Nordeste está cheia desses casos, desde a conquista da região sanfranciscana até o sul do Piauí, onde alguns dos antigos seridoenses costumavam se abastecer de gado, para refazer o rebanho de engorda. Os rastros dos pioneiros poderão ser seguidos através das antigas fazendas ainda hoje preservadas às margens dos rios seridoenses, onde são encontrados aquelas casas senhoriais de duas águas, cumeeira alta e longos "telhados de arrasto", testemunhas da época do desbravamento da região.

Pode-se dizer que a ocupação do Seridó, foi uma decorrência dos conflitos ocorridos na zona dos engenhos de Pernambuco ou Paraíba, já no século XVII, envolvendo os poderosos Senhores de Engenho e os Criadores de Gado. Por ironia, em alguns casos, aqueles Senhores e os Criadores eram as mesmas pessoas.

E que homens eram aqueles, promotores dessa penetração incontida para o interior do sertão nordestino? Eles representavam as primeiras gerações de brasileiros, descendentes diretos daquelas famílias chegadas, "gente nobre e luzida", trazidas para Pernambuco por Duarte Coelho. Foram eles os que entraram sertão a dentro com suas famílias, seus rebanhos e implantaram as fazendas de criar e o estilo de vida que conhecemos até hoje no Seridó. As famílias pioneiras que participaram da ocupação dessa região, durante o Século XVIII, são conhecidas e ainda hoje estão lá os seus descendentes. A escravidão negra pouco participou da formação do Seridó, pois a atividade econômica praticada exigia reduzida mão de obra. Os casamentos inter-familiares havidos, tornou o homem seridoense um personagem com tipo físico definido e linguajar próprio (Câmara Cascudo, no passado, já havia registrado o linguajar sertanejo que, segundo ele, usa expressões arcaicas, ou seja, o português no Século XVIII. Exp.: "pro mode", entonce", adispois". Em portugal, ainda hoje se fala: "vou sair mais fulano" igual como fala o seridoense do povo). A descendência lusa e o isolamento apurou mais ainda geneticamente, gerando um homem alto, feições afiladas, cabelos castanhos claros e em alguns casos loiros, olhos com tendência a azul (marca do sangue Celta vindo do Norte de Portugal), dono de um comportamento reservado e grande empreendedor. Para melhor compreensão vai aqui uma informação a respeito dos Celtas. Esse povo, indo-germânico, no seu apogeu dominou o norte da península Ibérica, deixou suas marcas na região do Minho em Portugal e na vizinha Galícia na Espanha. Do Minho veio a maioria dos imigrantes portugueses para o Nordeste do Brasil ao tempo de Duarte Coelho em Pernambuco. Daí se explicar os tipos que nós chamamos galegos", muito comuns no Seridó, especificamente no município de Carnaúba dos Dantas:

"Meninas de iris turqueza,
Cabelos algodoais".

Como disse o poeta modernista natalense Paulo Jorge Dumaresq, depois de visitar a região.

Juvenal Lamartine de Faria, meu avô, um ilustre filho da terra, um dia escreveu esta frase que acho própria para este momento. "... as asperezas do clima e as incertezas do inverno na zona sertaneja do Estado, determinaram a formação de um povo sóbrio, resistente e tenaz...". Ele esqueceu apenas a força genética que o seridoense herdou, vindo do além mar.

Carcinicultura

Cultivo do Camarão

Genésio Lopes S. Neto*

Apesar de quase século XXI, o termo "cultivo", referente a organismo, para muitos, ainda se restringe a cultivo da terra para produção de alimentos vegetais. Atente-se para as várias definições dos decorrentes da palavra no Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa **Folha/Aurélio: Cultivador.**

S.m.1. Aquele que cultiva; cultor. 2. Agricultor, lavrador. CULTIVAR. V.t.d.1. fertilizar (a terra) pelo trabalho; amanhar. 2. Dar condições para o nascimento e desenvolvimento (planta)... 6. Exercer agricultura - CULTIVO. S.m.1. Ato ou efeito de cultivar. 2. Modo de cultivar (6); cultura. No entanto, o mesmo dicionário mostra: CARCINICULTURA. S.f. Cultura dos crustáceos, sendo este último termo analisado, mais técnico, o que suscita a procura por aqueles ligados ao meio cientifico. Apesar de o termo agricultura referir-se ao cultivo da terra, (mesma fonte citando) AGRICULTURA.S.f.1. Arte de cultivar os campos; cultivo da terra; lavoura; cultura.2. conjunto e operações que transformam o solo natural para a produção de vegetais úteis ao homem, no cultivo de crustáceos a nível de viveiros, há preparação da terra ou num sentido mais abrangente o uso da terra.

No caso especifico do camarão marinho além da terra fornecer alimento pelo uso da água e fertilizantes, oferece abrigo no período diurno, pois estes animais em condições normais em cativeiro ou na natureza enterram-se no fundo de viveiros, estuário e mares durante quase todo seu ciclo vital. Assim, o termo agricultura pode ser aplicado para o cultivo de animais aquáticos também.

O cultivo de animais aquáticos vem sendo relatado desde tempos remotos, havendo evidências e registros de antes de Cristo. Só nos últimos séculos e principalmente no atual, é que o cultivo de animais aquáticos se desenvolveu com incrível rapidez. No Brasil, no entanto, somente a partir da década de 70 é que o chamado "cultivo de camarão em cativeiro" tomou realmente impulso.

Com a criação do projeto camarão, em 1973, pelo então governador Cortêz Pereira, foi dado o passo primeiro nesta atividade no Brasil.

Com o apoio de órgãos governamentais como universidades e bancos, o chamado eldorado, citado por muitos como o possível solucionador dos problemas sociais categoria chamada de pequenos salineiros, passou por fases de euforia, elogios, críticas e descrédito, quando foi visitado amiúde por leigos, professores, estudiosos de vários países ministros e por um vice-presidente.

O descredito se deveu ao fato da aplicabilidade da atividade não se ter dirigido principalmente para os pequenos produtores, fato por demais noticiado e debatido, devido ao envolvimento político tomado rumo contrário.

Não somos aqui contra os grandes fa-

zendeiros que nas últimas duas décadas em número embora pequeno, valendo isto para alguns poucos abnegados e quase teimosos, não "fecharam" suas fazendas e depois de suportar várias crises induziram pequenos proprietários a entrar no ramo do cultivo de camarões.

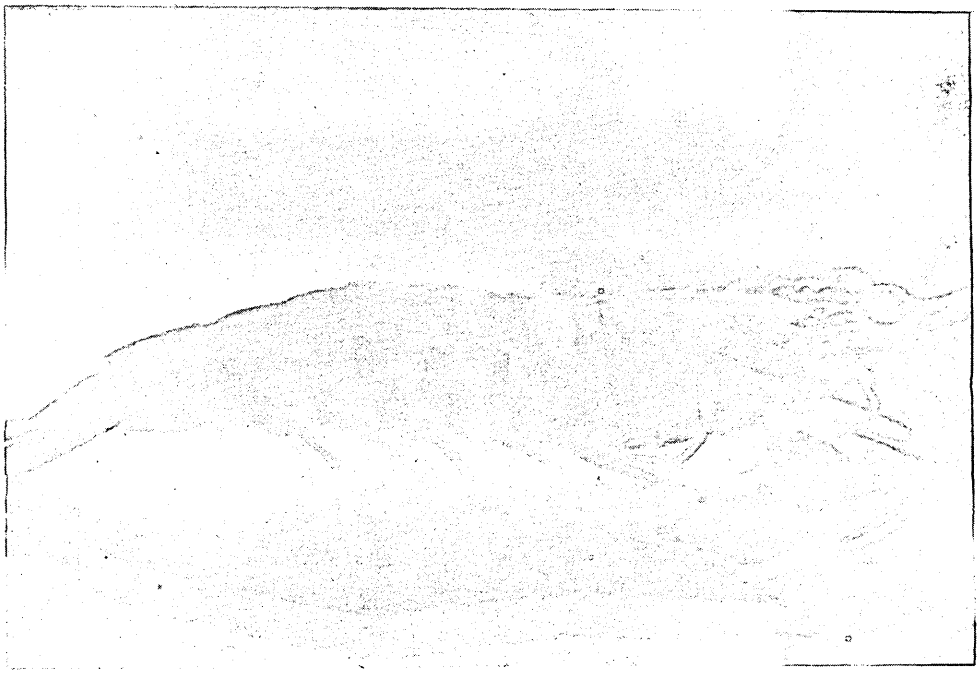
Hoje, a situação no estado do RN é diferente, com as pequenas fazendas suplantando em números as grandes.

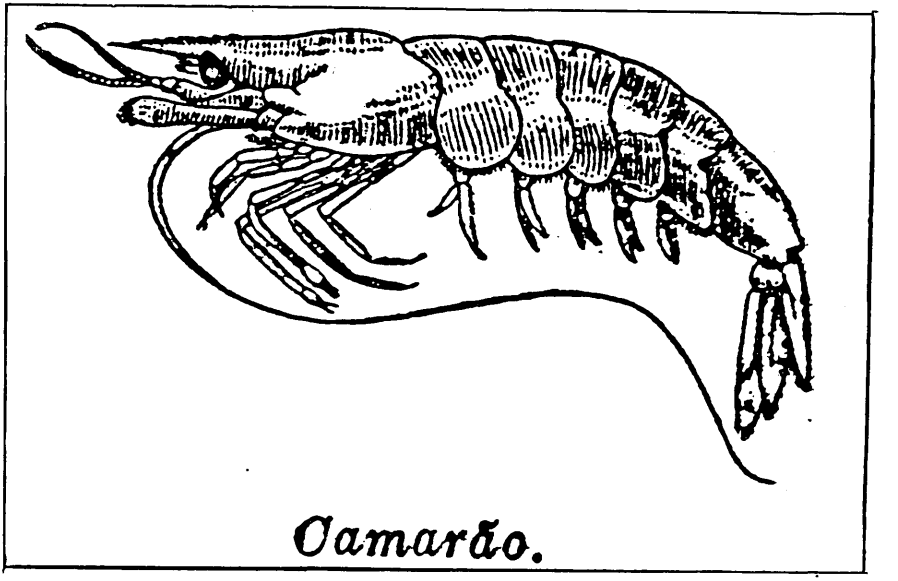
No Brasil, a carcinocultura tomou vulto no contexto nacional da mídia, haja vista a tendência de mudanças de programas matinais de fim de semana nas principais redes de televisão, onde é mais ou menos normal se ver reportagens destacando trabalhos de aquicultura com destaque para camarão marinho e dulcícola.

Segundo a ABCC Associação Brasileira de Criadores de Camarão 15 estados brasileiros possuem fazendas de larvicultura ou de engorda, totalizando 58 empresas, onde a tabela anexa demonstra a situação em parte delas. A título de curiosidade, apenas no município de Tibau do Sul existem mais de 40 pequenas empresas em atividade.

O futuro da agricultura em termos mundiais evidencia-se cada vez mais assegurado devido ao absurdo crescimento da população do globo e a quase chegada do limite máximo sustentável de captura de pescado. Segundo a FAO em 1992, dos 65 milhões de toneladas de alimentos aquáticos consumidos, 16milhões (25%) vieram da aquicultura.

Com o crescimento dos números e pela tendência acima citada, haveria por assim dizer um "descanso" do potencial pesqueiro no mundo, com possibilidade de correr recuperação de estoques. Com o passar das décadas o termo aquicultura será entendido mais generalizado por todos esses aspectos, ou quem sabe, haverá a "transformação do





binômio agro-pecuário para o trimômio agro-aquipecuário" (Luis Vinatea. UFSC. Prof.dep.aquicultura) citação no Panorama da Aquicultura JUL - AGO 1995.

Quanto ao aspecto social, é fato comprovado o uso do homem do campo que tem se adaptado aos trabalhos de laboratório ou viveiros de engorda. "A proporção indústria canavieira/camaroneira homem/ha é de 1 para seis ha e 1 para cada 3 ha. Considerando-se a receita líquida de uma usina de álcool verifica-se que a relação para a obtenção do mesmo resultado em fazenda de camarão é de 16:1 ou seja, 16.000 ha de cana = 1.000 ha de camarão" - (Jornal da ABCC nº 2. jan.1997).

Quanto ao estado do Rio Grande do Norte, em termos de áreas propícias ao cultivo de animais aquáticos, há estimativa de 111.830 ha. de terras estuarinas e de manguesais alagáveis pelas *marés**. Os tipos de solo dessas áreas adequam-se à aquicultura por possuírem alto índice de impermeabilidade que contribuiu na construção de taludes quando o próprio solo é utilizado, mantendo o nível da água nos viveiros.

Com o surgimento de novas tecnologias, com consequente aumento de produtividade de 150 Kg/ha/ciclo para aproximadamente 600Kg/ha/ciclo, cada vez mais áreas menores são utilizadas proporcionalmente às necessidades de produção. Isto, de um modo ou de outro, tende a preservar áreas que seriam pleiteadas por empresas para instalação de fazendas.

Enfim, há agora uma nova visão acompanhada com mais discernimento com vistas ao melhor aproveitamento das potencialidades em todo Brasil, e todos esperamos assistir em poucas décadas a redenção deste espetacular e promissor campo da aquicultura.

* *JACOMINE, Paulo Klinger Tito - Levantamento Exploratório, Reconhecimento de Solos do Estado do R. N. Recife. DNPEA/SUDENE -1971.*

***Biólogo da EMPARN.**
Telefone do autor - (084) 221-0460

Aviação

O Primeiro Avião em Natal

Fernando Hippólyto da Costa*

A primeira aeronave que pousou em Natal foi um hidroavião, batizado como "Sampaio Correia II", e esse memorável evento ocorreu em 21 de dezembro de 1922.

Pela importância histórica que encerra, o fato merece ser recontado.

Euclides Pinto Martins, nascido no Ceará, viveu nos Estados Unidos onde estudou engenharia e aprendeu a pilotar aviões.

Em 1922, por ocasião do 1° Centenário da Independência do Brasil, Pinto Martins teve a idéia de realizar um reide aéreo entre as cidade de New York e Rio de Janeiro. Seria, portanto, a primeira ligação aérea entre as duas mencionadas cidades e a participação efetiva nos festejos da data magna do Brasil.

Além disso, havia um outro grande interesse, o de explorar a rota para um futuro estabelecimento de linha aérea regular. Isso realmente ocorreu a partir de 1928, com a NYRBA (New York-Rio-Buenos Aires), antecedendo a outra conhecida empresa, Pan American, na ligação comercial entre os Estados Unidos e o Brasil.

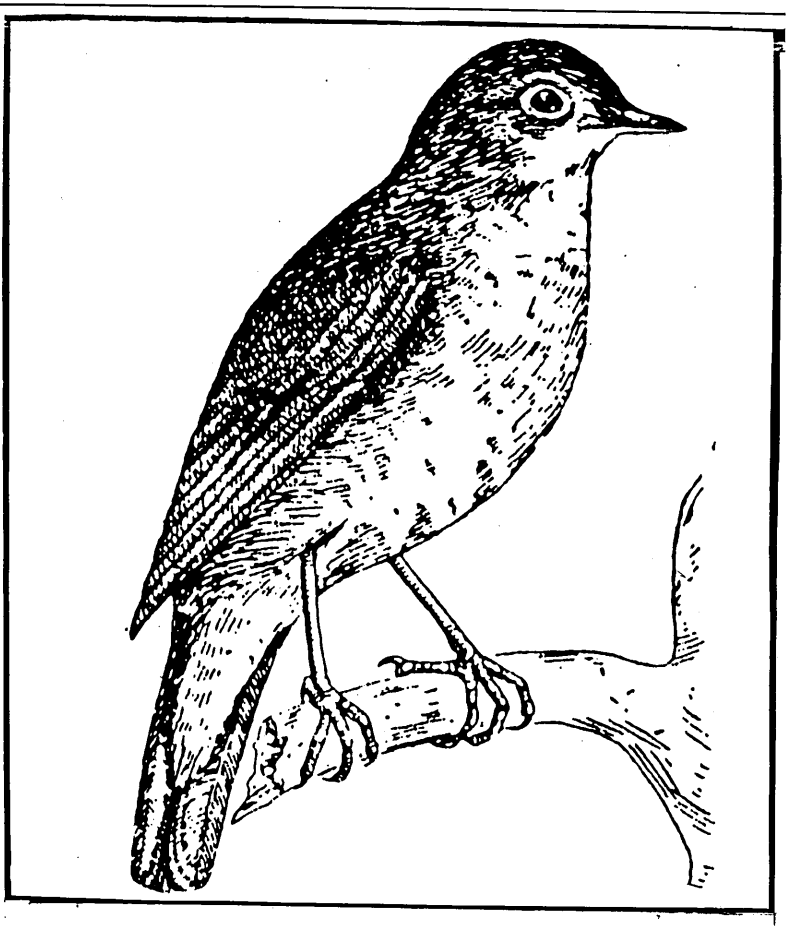
Com a ajuda de Walter Hilton, Major da Aviação do Exército dos Estados Unidos, os dois aviadores conseguiram o patrocínio do jornal "New York World", sendo selecionados dois funcionários desse famoso periódico para documentarem todo o reide: o jornalista George Bye e o cinegrafista John Wishusen. Integrando a tripulação foi escolhido o mecânico Thomas Barisell.

O avião recebeu o nome de "Sampaio Correia", em homenagem ao Presidente do Aeroclube Brasileiro, o engenheiro José Matoso Sampaio Correia. Aliás, a estação ferroviária, no bairro da Ribeira, também ostenta o nome do ilustre Sampaio Correia.

A decolagem de New York foi em 17 de agosto de 1922 mas, num pouso na América Central, o avião sofreu sérias avarias, impossibilitando o prosseguimento do reide.

Foi, então, providenciada uma outra aeronave, "Sampaio Correia II", que era um hidroavião "Curtiss" F-5L, biplano, bimotor, equipado com dois motores "Liberty", de 400 HP, cada. Podia transportar até 10 pessoas e sua capacidade de carga, incluindo o combustível, era de 8.000 kg.

Nova partida de New York deu-se a 1° de setembro de 1922. Transitando pela América Central, Guiana Francesa, Belém,



O Rouxinol que os meninos do sertão procuram no telhado da casa.

Queen - A Rainha das Fadas - e também **Shepheards Calendar** - Calendário dos Pastores (1570) acreditado, no seu tempo, como "principe dos poetas", não exagerou em afirmar que "o rouxinol é o soberano do canto". Mais tarde, o naturalista galês Thomas Pennant, na parte ornintológica incluída em sua **British Zoology** (1766), numa observação de muito mau gosto, afirmou que "o rouxinol estilizou o seu canto nas regiões pantanosas inspirado no coaxar dos sapos". Ainda bem que Mr. Pennant não era poeta e todo o seu mérito repousa na **Synopsis of Quadrupes** onde ele fica muito bem de quatro pés.

Shakespeare, no V Ato de O M

dor de Veneza foi mais gentil quando disse que "se o rouxinol cantasse durante o dia, quando os gansos grasnam, sua música seria inferior à da cariça". John Fryer, que andou escrevendo sobre a Índia e sobre a Pérsia, acreditava que o "rouxinol é o doce arauto de luz". Desse modo, equiparou-o aos pirilampos, embora esses coleópteros sejam os minúsculos faroleiros das noites sem lume.

Uma das páginas mais belas relacionadas com essa ave encontra-se em Keats: **Ode ao Rouxinol**, na qual o poeta lhe dá "doces nomes em versos pensativos". Chama-o de "pássaro imortal" e conclui o

Aviação

O Primeiro Avião em Natal

Fernando Hippólyto da Costa*

A primeira aeronave que pousou em Natal foi um hidroavião, batizado como "Sampaio Correia II", e esse memorável evento ocorreu em 21 de dezembro de 1922.

Pela importância histórica que encerra, o fato merece ser recontado.

Euclides Pinto Martins, nascido no Ceará, viveu nos Estados Unidos onde estudou engenharia e aprendeu a pilotar aviões.

Em 1922, por ocasião do 1° Centenário da Independência do Brasil, Pinto Martins teve a idéia de realizar um reide aéreo entre as cidade de New York e Rio de Janeiro. Seria, portanto, a primeira ligação aérea entre as duas mencionadas cidades e a participação efetiva nos festejos da data magna do Brasil.

Além disso, havia um outro grande interesse, o de explorar a rota para um futuro estabelecimento de linha aérea regular. Isso realmente ocorreu a partir de 1928, com a NYRBA (New York-Rio-Buenos Aires), antecedendo a outra conhecida empresa, Pan American, na ligação comercial entre os Estados Unidos e o Brasil.

Com a ajuda de Walter Hilton, Major da Aviação do Exército dos Estados Unidos, os dois aviadores conseguiram o patrocínio do jornal "New York World", sendo selecionados dois funcionários desse famoso periódico para documentarem todo o reide: o jornalista George Bye e o cinegrafista John Wishusen. Integrando a tripulação foi escolhido o mecânico Thomas Barisell.

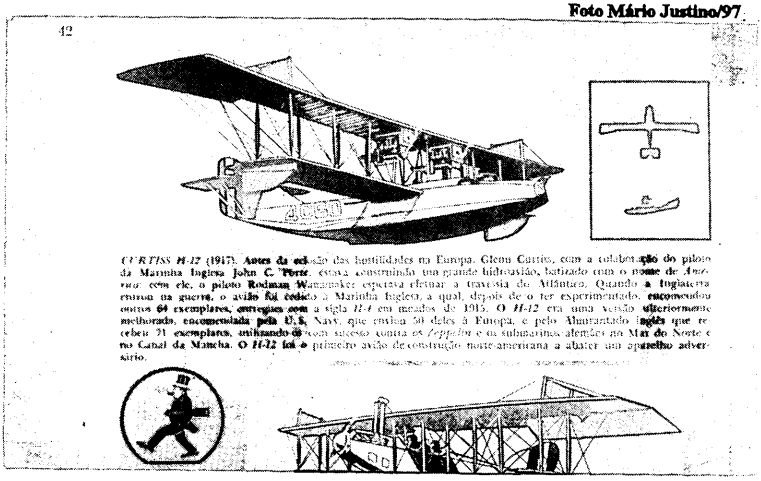
O avião recebeu o nome de "Sampaio Correia", em homenagem ao Presidente do Aeroclube Brasileiro, o engenheiro José Matoso Sampaio Correia. Aliás, a estação ferroviária, no bairro da Ribeira, também ostenta o nome do ilustre Sampaio Correia.

A decolagem de New York foi em 17 de agosto de 1922 mas, num pouso na América Central, o avião sofreu sérias avarias, impossibilitando o prosseguimento do reide.

Foi, então, providenciada uma outra aeronave, "Sampaio Correia II", que era um hidroavião "Curtiss" F-5L, biplano, bimotor, equipado com dois motores "Liberty", de 400 HP, cada. Podia transportar até 10 pessoas e sua capacidade de carga, incluindo o combustível, era de 8.000 kg.

Nova partida de New York deu-se a 1° de setembro de 1922. Transitando pela América Central, Guiana Francesa, Belém,

Foto Mário Justino/97



Após 323 anos de sua fundação - Natal recebeu o primeiro avião em 1922, construído pelos norte-americanos.

São Luiz do Maranhão e Aracati, finalmente o avião pousou nas águas tranqüilas do Rio Potengi exatamente às 12 horas e 50 minutos de 21 de dezembro de 1922.

Uma grande massa popular ocupou a margem direita do rio e proximidades do cais da Avenida Tavares de Lyra. O comércio chegou a fechar as portas para que todos assistissem ao inusitado acontecimento. As ruas principais foram enfeitadas e a vibração do povo era evidente.

Os tripulantes, após o desembarque, foram saudados com música, aclamações e, como não podia faltar, os intermináveis discursos. Em companhia da Comissão organizadora dos festejos, os pilotos fizeram uma visita de cortesia ao governador do Estado, Dr. Antônio José de Melo e Souza.

Em seguida, um passeio pela cidade, em meio às manifestações populares. Porém, no dia imediato, 22 de dezembro, o avião decolou do Potengi ainda bem cedo, para prosseguimento do reide, com destino ao Rio de Janeiro, onde pousou a 8 de fevereiro de 1923.

O reide completou-se com 100 horas e 30 minutos de vôo, através de 9.100 quilômetros voados em 17 etapas.

O prêmio de 100 contos de réis, concedido aos aviadores Pinto Martins e Walter Hinton, foi em decorrência do decreto nº 4.823, de 26 de janeiro de 1924. Como não foi aberto, à época, o crédito correspondente, um novo decreto, o de nº 5.372-A, de 10 de dezembro de 1927, revigorou a concessão anterior.

Entretanto, quando isso aconteceu, Pinto Martins já não era mais vivo; em fins de 1924, por motivos desconhecidos, ele praticou o suicídio. Em homenagem ao aviador brasileiro, o Aeroporto de Fortaleza ostenta o seu nome.

Em 1981, Walter Hinton foi condecorado pelo governo brasileiro com a medalha "Mérito Santos-Dumont", do Ministério da Aeronáutica.

A "decana" das aviadoras mundiais, a paulista Anésia Pinheiro Machado foi quem entregou a citada comenda, atendendo ao convite do então Ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Matos.

*** Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do R.G. do Norte, pesquisador de assuntos aeronáuticos.**

Literatura

Em defesa do Rouxinol

José Melquíades

Nenhum encanto ornintológico já penetrou tanto nas literaturas do que o canto do rouxinol. Jamais um pássaro gozou de tanta fama desde á pedra polida. O gavião era uma das aves consagradas a Apolo e o cisne de Leda não passou de uma das metamorfoses de Júpiter por vingança de Vênus contra Tíndaro, marido de Leda. Mas isso são histórias sem fundamentos.

Já os antigos egípcios adoravam o pelicano como símbolo do Espírito Santo, mas os cristãos o substituíram pela pomba, isso porque São Mateus nos garante que essa ave desceu do céu na hora do batismo de Jesus.

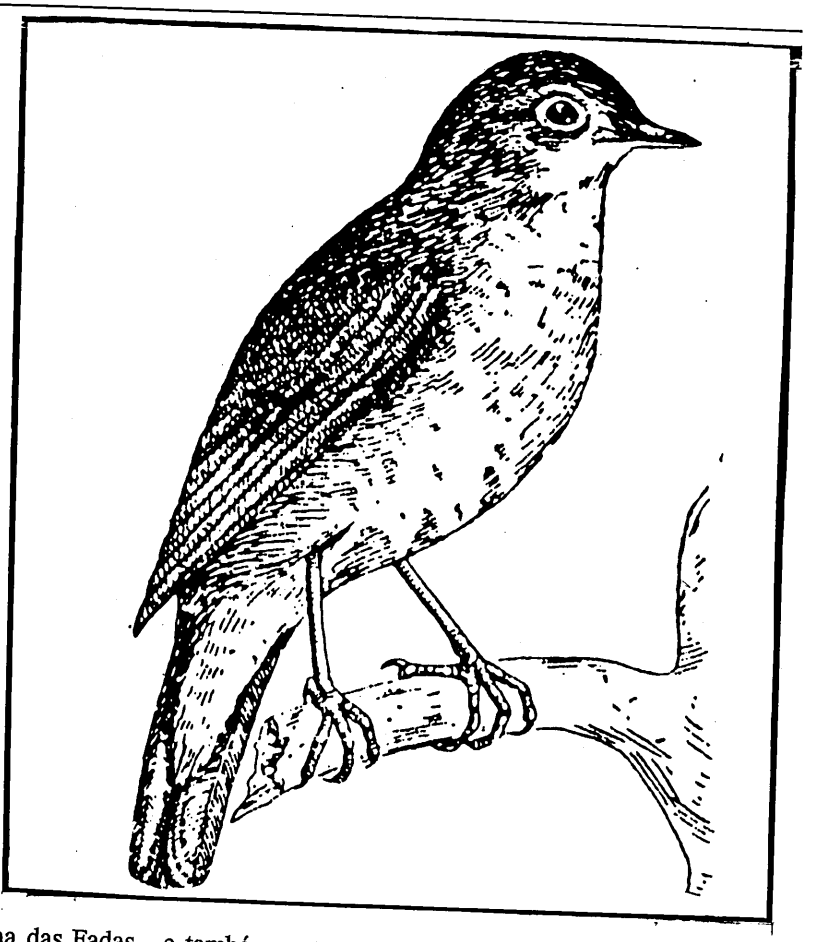
No Gêneses, a pomba já deixara fama como gajeiro de Noé. A coruja de Minerva só trouxe azar ao magistério. O corvo de Allan Poe esvaziou-se na rouquidão do "nunca mais" O urubu de Augusto dos Anjos só contribuiu para lhe estragar a sorte. No esoterismo, o pelicano sobrevive com símbolo de amor maternal, mas o esoterismo é uma ciência hermética associada às fantasias das adivinhações.

Aqui no Brasil selvático, lá nas sombras da floresta amazônica, esconde-se o uirapuru e, com exceção de Gastão Cruls que, ao escutá-lo pela primeira vez, confessa ter ouvido "trinos, gorjeios e regojeios em floreados incríveis", não conheço nenhum poeta amazonense que o tenha divinizado. Humberto de Campos, que lhe corrompeu a grafia, no soneto, **Irapuru,** descreve-o por ouvir dizer: "Dizem que o Irapuru quando desatar voz"... E que ao ouvi-lo "canoro sabiá susta a sonata, o sutil canário cessa o pipilo". No último terceto, ironicamente, concluiu: "O que mais no fenômeno me espanta/ É ainda existir pássaro no mundo/Que se fique a escutar quando outro canta".

Acontece que Humberto de Campos era maranhense e ouvir falar desse trinado, lá no Rio de Janeiro. Lá no Maranhão. **Os Marimbondos** de Sarney, em poesia, ferem ouvidos com encontros de ferroadas. E todo o mavioso trinado amazonense me parece tão lendário quanto a lira de Orfeu. Mas o rouxinol imortalizou-se na literatura ocidental. Seu chilreado harmonioso vem do mundo antigo e atinge o moderno: traz o feitiço cadenciado das flautas tocadas pelas aulétrides. Nos galhos frondosos dos olivais da Jônia, já ele inspirava a poetisa Safo. Sófocles o chama "de mensageiro de Zeus, prenúncio da primavera", como se ele fosse o anjo da guarda do Olimpo, o anunciador das flores, dos vergéis habitados pelas Ninfas, rivalizando com o galo que ganhou fama como o despertador das auroras. Desde então dezenas de bons poetas o têm carregado na gaiola de sua imaginação, no idílio dos gorjeios.

Plauto, na **Bacchides,** confessa "temer uma canção onde falte um rouxinol".

Inspirado em Plauto, o inglês Edmund Spencer, aquele que escreveu **The Faerie**



O Rouxinol que os meninos do sertão procuram no telhado da casa.

Queen - A Rainha das Fadas - e também **Shepheards Calendar** - Calendário dos Pastores (1570) acreditado, no seu tempo, como "principe dos poetas", não exagerou em afirmar que "o rouxinol é o soberano do canto". Mais tarde, o naturalista galês Thomas Pennant, na parte ornintológica incluída em sua **British Zoology** (1766), numa observação de muito mau gosto, afirmou que "o rouxinol estilizou o seu canto nas regiões pantanosas inspirado no coaxar dos sapos". Ainda bem que Mr. Pennant não era poeta e todo o seu mérito repousa na **Synopsis of Quadrupes** onde ele fica muito bem de quatro pés.

Shakespeare, no V Ato de **O Mercador de Veneza** foi mais gentil quando disse que "se o rouxinol cantasse durante o dia, quando os gansos grasnam, sua música seria inferior à da cariça". John Fryer, que andou escrevendo sobre a Índia e sobre a Pérsia, acreditava que o "rouxinol é o doce arauto de luz". Desse modo, equiparou-o aos pirilampos, embora esses coleópteros sejam os minúsculos faroleiros das noites sem lume.

Uma das páginas mais belas relacionadas com essa ave encontra-se em Keats: **Ode ao Rouxinol**, na qual o poeta lhe dá "doces nomes em versos pensativos". Chama-o de "pássaro imortal" e conclui o canto com estas palavras: "Talvez fosses

tu mesmo o encanto das janelas mágicas que se abrem sobre a espuma dos mares perigosos, em países fantásticos e perdidos". As Odes desse poeta cristalino, poeta vivido no **Período Romântico** dos seus contemporâneos Shelley e Byron, são verdadeiros mananciais de meditações líricas.

Em Portugal, o maldoso Guerra Junqueiro, esse mesmo que idealizou um abrigo de velhos para Padre Eterno, tingiu de negro a batina do papa e sensurou Jesus por andar "na má companhia dos jesuítas"... nas blasfêmias levantadas contra o Padre João engaiolou os rouxinóis "nas prisões escuras de Loiola" onde eles perdem a alegria e deixam de cantar. Se divinizou o melro dos arvoredos com suas "verdadeiras risadas de cristal", foi apenas para enegrecer a imagem do "velho abade, do padre confessor, o padre-cura". Arrastou-o de maldade em maldade até o desespero irremediável, até a apostasia da fé. Os rouxinóis de Junqueiro perdem todo o encanto poético. Aliás, deixaram de cantar 12° verso de seu poema **Caridade e Justiça**. Enquanto isso, seu patrício João de Deus, na **Cartilha Maternal**, leva o menino Jesus a "um silvado" para ver e salvar um rouxinol atraído por uma serpente. Jesus afasta o indioso réptil e de repente, o pobrezinho, o passarinho, salvo e contente rompe num canto" para agradecer o Salvador. Aqui entre nós outros, o mineiro Aphonso de Guimarães, diz Agrippino Grieco. Ouviu rouxinóis dentro de si mesmo e creio que foi o último; Olavo Bilac ouviu estrela, mas o mesmo Grieco nos avisa que isso é um plágio surrupiado de Arsêne Houssye que as ouviu antes dele. Existe uma lenda em que um frade, com a mesma unção do Salmo 90, no qual se diz que **mil anos diante do Senhor são como o dia de ontem que passou**, também esse frade ouviu um rouxinol que cantava há trezentos anos e era como "se decorressem cinco minutos". Parecia ouvir uma sonata de Mozart. Alencar, que tanto enriqueceu as selvas do Ceará com o encanto de seu indianismo, faz-nos crer que nesse silvado só havia graúnas.

Já o nicaraguense Rubén Dario, em vez de rouxinol, preferiu as **palomas**, o arrulhar das pombas, "**palomas de los bosques sonoros**". Outro poeta muito afeiçoado às pombas foi o nosso romântico Raimundo Correia; acabou soltando todas elas do seu pombal. É o precursor do IBAMA Casimiro de Abreu, nas langorosas declamações dos seus Oito Anos, "correndo pelas campinas, à rodadas cachoeiras", não viu um pássaro. Contetou-se com "as borboletas de asas azuis", e levou o resto de tempo a "colher pitangas". Machado de Assis encantou-se com a **Mosca Azul**, um datonismo poético de pouca originalidade. Alberto de Oliveira deixou no anonimato "o alegre passarinho com destro bico a arquitetar um ninho". No entanto, achou que a **Cigarra** de sua **Chácara** era mais patriótica do que o cavalo de Caxias: entoava hino alto e canoro, o que faz inveja a La Fontaine. Numa vingança de formigueiro, Olegário Mariano fez **O Enterro das Cigarras**. Júlio Salusse, ao se banhar "num lago azul" confundiu-se com um "cisne de alvejantes plumas". Talvez tivesse em mente o cisne de Leda.

Por último, lembrarei o fluminense Cerqueira que escreveu O Rouxinol Mineiro; e Rouxinol era o pseudônimo do romancista paulista Heitor Cunha. Aqui na terrinha de Poti, o trovador Josué Tabira da Silva fez umas, poesias intituladas **Rouxinoleios**: e é tudo o que sei sobre o rouxinol. Como dizia Frei Leão de Santo Thomás, na sua **Beneditina Lusitana** de 1644, quem achar outras várias mais certas, emende estas.

Homenagem

Abecedado a Veríssimo de Melo

Paulo Nunes Batista*

A
Amoroso defensor
do Brasil verde amarelo;
batalhador incansável
do verdadeiro e do Belo;
culto, corajoso e forte -
no Rio Grande do Norte
tem Veríssimo de Melo.

B
Bravo amigo e guardador
da cultura popular;
cuidador dessas Raízes
que fazem o Brasil cantar:
de Cascudo fidelíssimo
discípulo - Mestre Veríssimo
faz agente abecear...

C
Cultor das Artes do Povo -
do Povo historiador;
amantes das tradições
do Brasil de toda cor;
sempre ao que é nosso fiel:
de Cantoria e Cordel -
Pesquisador - Professor!

D
De Natal - para o Brasil,
do Brasil - para Natal -
vai Veríssimo de Melo -
fidedigno, leal -
mostrando o como e o por quê
do cordel... fonte-ABC:
flor e fruto nacional...

Veríssimo de Melo

E
Entregue a vera pesquisa -
cabeça fria, sem febre -
se preciso - indo ao palácio,
ao Fórum, à Praça, ao casebre -
aonde houver necessidade -
traz, Veríssimo, a verdade:
não vende gato por lebre.

F
Folha volante, folheto,
folhetista, folheteiro,
mote, glosa, glosador,
côco, conquista, coqueiro,
cantoria de viola -
Veríssimo, nessa escola,
é professor verdadeiro.

G
Glosador como Agostinho
Nunes da Costa, e Nicandro;
os poetas populares -
Chagas Baptista, Leandro;
Improviso, Desafio -
Veríssimo, desse Rio
conhece cada meandro...

H
Histórias que o Povo canta,
estórias que o Bardo diz -
João de Calais, Carlos Magno
ou Porcina, a Imperatriz,
Padre Cícero, Silvino...
Lampeão - vida... e destino
do Nordestino País!...

I
Improvisos imortais
dos mestres da Cantoria:
Duda, Pinto do Monteiro -
por esse mar de poesia,
águas de Antônio Marinho,
Aderaldo, Canhotinho -
ele veleja... e nos guia...

J
Jograis, rapsodos, bardos,
vates, aedos, segréis,
os contadores de estórias,
cantadores, menestréis -
todo esse Canto ambulante
que voa no Verso avoante
ou se prende nos cordéis...

L
Luís (da) Câmara Cascudo
tem o Discípulo amado
em Veríssimo de Melo,
na mesma escola formado,
que de muito amor colore
os campos do Folclore
de onde bons frutos tem dado...

M
Mestre Veríssimo sabe
no improviso quem é quem,
no Cordel quem vale 10,
quem merece nota 100
(nesse mar mergulha fundo!)
pois... conhece todo mundo -
Quem tem valor... que não tem...

N
Nada de endeusar ninguém
nem distribuir coroa
entre "príncipes" e "reis"...
pois - tem muita gente boa
do Cordel (terra sem dono...)
que nunca foi para o "trono"...
Podre... furada canoa!

O
Orígenes Lessa pode
dar, com justiça o valor
de um poeta cordelista,
um conquista, um cantador...
(Quem quer tratar deste assunto
sem dar trabalho ao bestunto -
esse, é mau pesquisador...).

P
Poetas... existem muitos...
mas... poesia de verdade
tem de ter inspiração -
luz-mensagem-qualidade...
"poesia" - quando é menor,
jamais se torna maior
por causa da quantidade...

Q
Quer Veríssimo de Melo
cite um folheto ou um repente -
ele sabe do que fala,
não faz onda, simplesmente...
Por isso, o que ele publica
forma, informa, arma, edifica
esse universo da gente!...

R
Repentista... a gente encontra
a dar com a mão e com o pé...
mas... repentista que o Verso
voa... mas fica... é que é,
mesmo, com fé, Repentista:
como foi Dimas Batista
e é um "Louro" de São José...

S
Se solta "repente" até
sem ter pé nem ter cabeça...
Mas - poeta... alcança a Estrela...
ou dEUs exige que desça
a alma das coisas, ao fundo
da Essência do próprio Mundo -
pra que a Poesia mereça...

T
Tem Veríssimo de Melo
feito um trabalho de truz:
não quer fazer sensação,
mas - procura fazer luz:
expõe, explica, esclarece -
só fala do que conhece,
tem verdade o que produz!

U
Ugolino do Teixeira,
Romano, Inácio, Azulão,
Manoel Galdino Bandeira -
ases da Improvisação -
no Veríssimo escritor
tem seu vero defensor,
protetor e guardião!...

V
Veríssimo - no Museu
Câmara Cascudo faz
a defesa, no presente,
do que ficou pra trás.
Sabe: Povo sem histórias
viva Povo sem memória:
de vencer não é capaz...

X
Xô! Xô! Pavão! Sai de cima
do cordelesco telhado...
Folclore é coisa séria -
não deve ser deturpado...
O pesquisador de fato
não vai atrás de boato -
nem faz nada improvisado.

Z
Zé Limeira, Zé Pretinho
e os Zés que já estão lá -
com João Martins de Ataíde
e Silvino Pirauá -
mandam - das Feiras do Espaço -
de poesia o vero abraço
ao Veríssimo... de Cá!...

***Advogado, poeta e cordelista.**

Remo Potiguar - um Esporte Centenário

Procópio Neto

Fatos Marcantes de uma História Secular

A preferência dos jovens brasileiros pela prática do remo e natação desde as últimas décadas do século XIX, é plenamente justificada se levarmos em conta um país com extenso e belo litoral banhando as principais capitais e cidades, muitas localizadas às margens de rios e lagoas, cenários ideais para desenvolvimento daqueles esportes.

As primeiras notícias publicadas na imprensa carioca datam de 1874, vinte anos antes da introdução do futebol no Brasil.

Naquele ano surgiram os primeiros grupos das modalidades tão em voga na Europa, promovendo as primeiras competições, destacando-se dentre eles o Grupo de Regatas Guanabara, que em 1° de julho de 1894 se transformaria no clube de Regatas Botafogo, adotando as normas exigidas para as associações desportivas.

O exemplo foi seguido por outros grupos, como o do Flamengo que deu origem em 1895 no Clube de Regatas Flamengo, bem como os grupos São Cristovão e Vasco da Gama.

COINCIDÊNCIA

As organizações de clube náuticos virou mania no sul do pais, logo espalhando-se pelas demais capitais, inclusive do norte e nordeste, em Belém, Aracajú, Salvador e Recife, chegando a Natal nos idos de 1896, coincidentemente o ano da abertura em Atenas dos I jogos Olímpicos da era Moderna, pelo barão Pierre de Coubertin.

Em nossa capital, contando como incentivo dos militares da Marinha que serviam na Escola de Aprendizes Marinheiros e Capitania dos portos, aliado aos jovens potiguares conhecedores de suas praticas, que estudando em Recife e Salvador, tomaram contato antecipado com o remo e natação, fazendo surgir no Potengi as primeiras competições. Porém, a inexistência de embarcações próprias, fizeram seus adeptos utilizarem pesados barcos como baleeiras, bateiras, ou mesmo escaleres da Escola de Aprendizes Marinheiros, sendo patroadas por calejados homens do mar.

COMEMORAÇÃO

Certos do sucesso de uma competição de remo no Potengi, o dr. Segundo Wanderley juntamente com o tenente João Santos, idealizaram uma regata. Foram as redações dos jornais pedindo o apoio com a divulgação do evento que teria lugar no dia 13 de maio de 1897 - data comemorativa da Abolição da Escravatura. A receptividade foi boa, tendo A República numa das suas edições e em 1ª. página, anunciando o acontecimento na coluna "Diversão Popular" dessa forma :

"No dia 13 do corrente terá lugar uma importante regata na vasta enseada do Potengi, promovida pelos nossos amigos dr. Segundo Wanderley e tenente João Santos, na qual tomarão parte diversos amadores. Oportunamente publicaremos o programa ."

ADIAMENTO

Um forte aguaceiro caiu em Natal na data prevista, inundando a cidade e especialmente a Ribeira, sendo a regata adiada para a tarde de domingo dia 16 de maio.

Como prometera, a Republica divulgara no dia anterior todo o programa, relacionando os páreos, os barcos e seus remadores, as autoridades, os locais de partida, chegada e solenidades. A regata teria 5 páreos, dois deles envolvendo escaleres de seis remos - "Deodoro da Fonseca" e "Floriano Peixoto", e três páreos com escaleres de 4 remos "Igualdade", "Liberdade" e "Fraternidade", denominados assim em homenagem a França tendo ainda os escaleres "Benjamim Constant", "Silva Jardim" e "José Bonifácio", com 5 remos cada.

Da regata também participariam duas baiteiras, com três remos, patroadas por Luiz Cortez e pelo remador Alfredo Correia e 2 baleeiras com 6 remos, a "Dantas" e a "Rio Branco", tripuladas por alunos da Escola de Aprendizes, tendo como patrões João Santos e José de Barros.

Para identificação dos juizes as embarcações usariam bandeiras de cores diferentes.

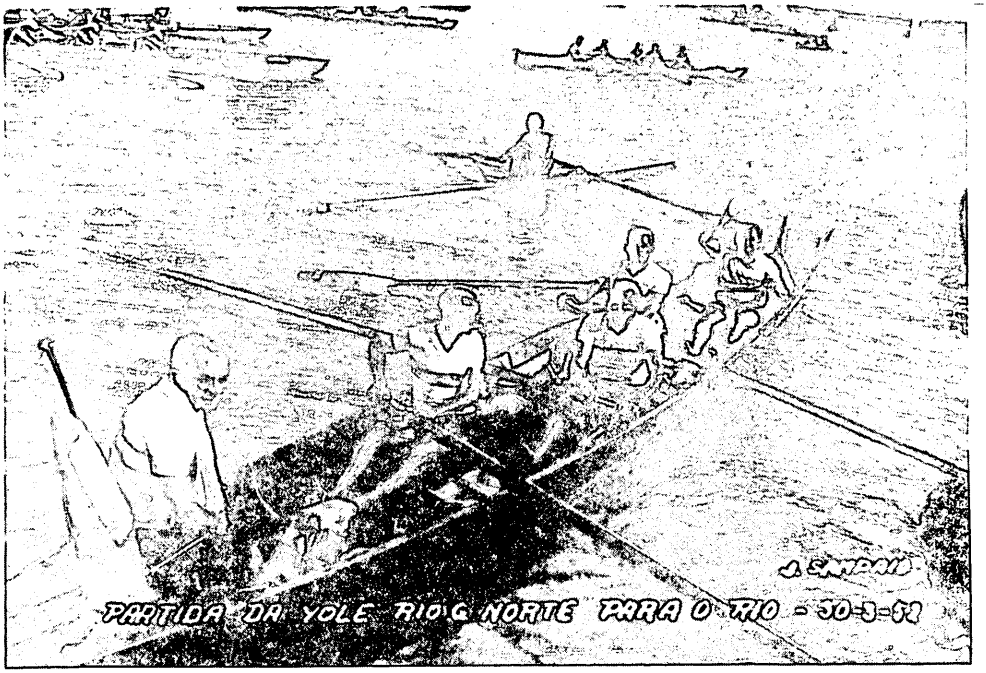
As autoridades foram assim distribuídas: Juizes de chegada - governador Ferreira Chaves, desembargadores Vicente de Lemos, Vieira de Melo, dr. Antônio de Souza, coronéis Juvino Barreto e Romualdo Galvão, doutores Horácio Barreto e Thomaz Gomes. Juizes de partida - Drs. Eutíquio Autran, Genésio de Brito, Alípio Barros, João Nepomuceno, coronéis Gaspar Monteiro e Manoel Filgueira de Araújo. Juizes de arquibancadas: drs. Fábio Rino, coronéis Olímpio Tavares, Rodrigues Viana, José de Viveiros e Joaquim Peregrino.

Juizes de rais: Drs. Alberto Maranhão, Segundo Wanderley, coronéis Caldas Sobrinho, Odilon Garcia, Pedro Avelino e Pedro Soares de Araújo.

A direção geral de regata, a cargo do Capitão Tenente Lobato de Castro, auxiliado por Samuel Agnew e Gaspar Nunes Ribeiro. Não foi esquecida a Comissão de Entrega de Prêmios aos vencedores, constituída por Dalila e Sophia Maranhão, Júlia Morin, Maria José da Mota Bitencort e Maria Carlota de Lemos. As esposas dos juizes da prova constituíam o grupo de Juízas Protetoras, controlando suas ações contra possíveis investidas de outros tipos de "protetores".

PARTICIPAÇÃO

Para que os assistentes pudessem participar da regata, fazendo suas apostas nos diferentes páreos, a comissão organizadora instalou no trapiche do Caes da Alfandega (hoje Capitania dos Portos) e local das chegadas, uma barraca para a venda de poules e prêmios em dinheiro.



A regata constitui-se num sucesso, com a cidade vivendo um clima festivo. O público ocupava os espaços à margem do Potengi, desde o Paço da Pátria - local da partida - até o palácio do Governo na rua do Comércio (hoje Rua Chile). No meio do rio, uma jangada com bandeira vermelha, dividia as raias da competição. Os foguetões anunciavam as partidas dos barcos, enquanto a banda de música de uma fábrica de tecidos executava dobrados nas chegadas.

No Palácio, o governador Ferreira Chaves, ao lado da esposa e dos integrantes das comissões, homenageava os vencedores da regata. O 1° páreo vencido pelo barco "Dantas" com o patrão José de Barros. O 2° páreo foi anulado por não ter a baiteira "Silva Jardim" cumprido integralmente o percurso.

O barco "Liberdade" venceu o 3° páreo, tendo como patrão João Santos, enquanto João de Barros, como patrão do barco "Deodoro" vencia o 4° páreo. Por desistência dos participantes, foi cancelado o 5° e último páreo.

VENCEDORES

O movimento de apostas chegou aos 60$000 (sessenta mil reis) e além das suas cotas, os vencedores ainda fizeram jús a donativos oferecidos pelos casais Alberto Maranhão, Gaspar Monteiro e senhoras que não quiseram ser identificadas. Dentre os prêmios, um alfinete de gravata, de ouro e ônix ao remador José de Barros, oferecido pelo dr. Pedro Soares de Araújo, um porta-relógio de cristal, em forma de leque, destinado ao patrão do barco "República", oferta de d. Maria Wanderley de Farias Caldas, esposa do Tenente Coronel Caldas Sobrinho. Os integrantes das guarnições vencedoras receberam medalhas de ouro,

cunhadas especialmente para aquela regata.

Desde então as regatas passaram a ser a atração maior da pequena cidade de Natal, ávida por diversões.

No alvorecer do século XX, as regatas faziam parte de nosso cotidiano, então reforçadas com as presenças dinâmicas de outros militares da marinha, que estendiam seus conhecimentos do remo a outras cidades.

Em Macau surgiu um grupo de remo, transformado depois no Macau S.C. que participou, com êxito, em várias regatas no Potengi, a exemplo do Clube de Regatas Judiaí, de Macaíba. O remo potiguar muito deve aos saudosos militares como Antônio Afonso Moreira Chaves, Aníbal Leite Ribeiro, Emmanuel Murtinho Braga, Edvaldo Possolo, Raul Elísio Daltro, José Gondim e outros, que dispondo de material humano de excelente qualidade entre os alunos da Escola de Aprendizes Marinheiros, estimularam enormemente a prática não somente do remo, como da natação, principalmente depois da chegada da primeira bola de futebol (1903) exibida como atração na Praça da Matriz.

RESULTADOS

Nem mesmo a fundação do Esporte Clube Natalanese em 1904 ameaçou a liderança do remo, cada vez mais ativo e organizado. No dia 25 de junho de 1906, Moreira Franco fundava o Clube Regatas Natal, com o apoio do Conselho de Sports do Remo, já filiado a Federação Brasileira das Sociedades de Remo que organizava as competições de âmbito nacional.

Aquela agremiação chegou a reunir 250 sócios, mas a falta de concorrentes resultou anos depois na sua extinção.

Seus sócios, que continuavam em atividades, decidiram fundar em 28 de agosto de 1910 o Clube Sport Náutico Potengi, cujo presidente Antônio Odilon de Amorim Garcia conseguiu reacender o entusiasmo dos remadores convidando as famílias residentes na Ribeira, e particularmente as alunas da Escola Doméstica, a prestigiarem as regatas.

Nos últimos meses de 1914 o entusiasmo pelo remo era total, com número incontável de praticantes, ensejando que, no ano seguinte, surgissem o Centro Náutico Potengi, em 3 de outubro e o Sport Club de Natal, em 25 de novembro, graças aos esforços de Aníbal Leite Ribeiro e do engenheiro Frederick Ernst Holder, respectivamente, clubes que desafiaram o tempo, e até hoje em atividade, aguardam a passagem para o próximo milênio.

DEMARCAÇÃO

Com as participações de novas agremiações, o Conselho de Remo estabeleceu normas para as competições, definindo os locais de partida e chegada, as distâncias dos diversos páreos e escolhendo um quadro efetivo de autoridades que controlariam as regatas. Decidiu ainda que as provas na distância de 1.200 metros teriam como ponto de referência nas largadas, a residência do dr. Décio Fonseca, onde hoje está localizado o Clube da Rampa, enquanto as provas na distância de 2.000 metros largariam da ponta do Morro da Limpa, hoje correspondente ao local onde estão as garagens de barcos do Iate Clube.

As chegadas seriam todas no Caes da Alfândega, hoje a Capitania dos Portos, na rua Chile, ex-Commercio. Essas normas foram ignoradas por remadores avulsos, que "inventaram" as mais curiosas disputas no rio, tão de agrado dos assistentes pelo inusitado. Uma delas foi a competição em grandes tinas, idealizadas pelo remador do Sport Clube de Natal, Florêncio Da-

masceno com a participação de vários remadores.

Dada a dificuldade em conduzir tinas à força de remo, ajustaram que as disputas teriam apenas 50 metros, assim mesmo uma trabalheira para chegar ao ponto final. Tudo revestia-se em animadas disputas, daí a aprovação do Conselho a essas iniciativas.

Foi essa comissão que organizou o primeiro jogo de polo aquático, chamado na imprensa de "water-polo", reunindo duas equipes. Por falta de piscinas em Natal, a Comissão delimitou uma área, por meio de boias e aproveitou a maré cheia para evitar que a forte correnteza no rio atrapalhasse a disputa. No time A os jogadores Alemão, Deão, Biú, Santos, Marcial e Avelino. Time B - Rosa de Ouro, Pinheiro, Pernambuco, Barreto, Rocha e José. Dirigiu o jogo o ten. Aníbal Leite Ribeiro.

INCENTIVOS

Coube a Monteiro Chaves a fundação do Clube de Remo Natal, chegando a reunir na assembléia de fundação quase uma centena de desportistas. Esse clube também serviu para incentivar a prática do remo entre mulheres, tendo aquele militar entregue à sua esposa a direção do departamento, que ao lado das filhas Dagmar e Ivanoska juntamente com outras colegas formaram as primeiras guarnições para treinos.

Na regata do dia 12 de maio de 1918, o Conselho decidiu incluir entre páreos masculinos, também guarnições femininas. Foram utilizadas baleeiras de cinco e seis remos para as mulheres, sendo os barcos patroados por homens. A guarnição de cinco remos era formada por Dagmar Chaves, Eunice Marinho, Maria e Inez Aranha, - tendo como patrão Cícero Aranha. O páreo com barco de 6 remos era formado por Suzane Loison, uma professora suíça que residia em Natal, bem como Rosinha Fernandes, Nair, Francisquinha, Odete e Neusa Seabra, tendo como patrão Luiz Potiguar Pinheiro.

Para estimular mais ainda o interesse pelo remo, Monteiro Chaves chegou a lançar um jornal mensal "O Remo", com farto material, notícias, entrevistas, disputado, ávidamente, pelos adeptos daquela modalidade.

BRILHANTISMO

Um fato histórico para o remo potiguar aconteceu em 1920 quando foi recebido um honroso convite da Federação Brasileira das Sociedade de Remo para participar no Rio de Janeiro, pela primeira vez, de um campeonato brasileiro de remo ao lado dos paulistas, cariocas, gaúchos e baianos na enseada de Botafogo.

A Comissão Natalense de Remo, levando em conta as melhores condições técnicas do Centro Náutico, credenciou o alvinegro a organizar e treinar as equipes nos barcos de sua flotinha, onde se destacava a iole "Netuno", construída nos estaleiros de Max Plunk, do Rio, detentora de inúmeras vitórias no Potengi.

Para chefiar a delegação foi convidado o nadador e remador Moisés Soares, um dos fundadores e presidente do América, ficando a parte técnica da delegação com Enéas Reis, presidente do ABC, muito identificado nos meios náuticos.

Os potiguares participariam das provas com ioles de 2 e 4 remos, a primeira integrada por Avelino Freire, fundador do ABC, Arthur Veiga e o timoneiro Ivo Filho no barco "Dr. Frontim", enquanto a de 4 com patrão teria José Paes: Barreto (voga), Raimundo Pereira de Araújo (sota voga), João Elpídio dos Santos (sota proa),

Pedro Ferreira da Silva (proa) e Aníbal Leite Ribeiro (patrão).

No Caes do Porto as festas no embarque e a viagem a bordo do vapor "Acre" do Loite Brasileiro. No Rio as recepções dos potiguares residentes na capital da República, no Select Hotel da praia do Flamengo.

Naquele campeonato o remo potiguar brilhou conseguindo um honroso 3° lugar por contagem de pontos, sendo a façanha registrada nos jornais, cujos velhos exemplares em poder de familiares daqueles participantes, dão conta da importância daquele feito.

INDEPENDÊNCIA

Em suas permanências no Rio, os norteriograndenses conheceram detalhes da festiva programação a ser executada dentro das comemorações do 1° Centenário da Independência, e as recomendações da Comissão Organizadora feitas às sociedades esportivas do país, no sentido de prestigiarem o acontecimento promovendo competições de vulto em terra e no mar, ressaltando o valor e a coragem dos brasileiros.

Os jornais anunciavam inclusive um raide de remo entre Rio e Santos - 206 milhas - por remadores cariocas. Como não podia deixar de ser, aquele anúncio assanhou os potiguares que idealizaram também um raide Natal-Recife. Enquanto isso, dispostos a superar as façanhas, 12 pescadores bolaram uma aventura náutica, não menos temerária, de levar ao Rio três frágeis barcos pesqueiros a vela, sem qualquer auxílio de instrumento de navegação, tendo no farnel apenas carne seca, rapadura e farinha.

Conseguiram, por empréstimo, os barcos "República", "Pinta" e "Iris" aos seus proprietários dr. Luiz Lucarino, José Afonso Tinoco e Francisco Batista Filadelpho, respectivamente. Cada barco levava quatro integrantes.

Participaram dessa jornada, largando da praia da Limpa no dia 22 de maio de 1922 - Ano do Centenário, os seguintes pescadores: João Miguel Félix (Piaba), Sebastião Paulino da Silva, Aparício Paulino, Francisco Cândido de Oliveira (Chico Carnaúba), Benjamim Alves Mendonça, Miguel Duarte, João Soares do Nascimento (Joca), Manuel Cazuza, Manuel Claudino da Silva (Manoel Ivo), Manuel Reynaldo, Manoel Olímpio e Thomaz Marinho (Mestre Filó).

VITORIOSOS

No dia 18 de setembro daquele ano, dois dos três barcos chegaram ao destino, enquanto o barco "Iris", sob o comando do Mestre Manuel Claudino somente dois dias depois, após ter-se desgarrado nos baixios de São Tomé, e ficado a deriva até ser encontrado por um destróier da Marinha, que teve recusada a oferta de reboca-lo. E sozinho, o "Iris" entrava na baia de Guanabara 105 dias depois de sua largada.

Reunidos, os 12 heróis desfilaram pela av. Rio Branco recebendo a ovação dos cariocas, sendo saudados por Epitácio Pessoa, Catulo da Paixão Cearense, Senador Antônio Azevedo, tendo discursado Rui Barbosa, presidente da Comissão Organizadora dos festejos do 1° Centenário da Independência, que encerrou seu discurso, com esta frase: - "Potiguares, sois o símbolo vivo da vitória, coroada por suas próprias mãos". Indispensável dizer o que foi a recepção desses bravos, saudados no Natal Clube por Luiz da Câmara Cascudo, à época diretor do Sport Clube de Natal, e fazendo entrega das medalhas de ouro oferecidas pelo governo.

PROJEÇÕES

As façanhas dos potiguares no campeonato brasileiro de remo renderam frutos. Não faltaram convites dos estados vizinhos para competições náuticas, dentre eles a participação efetiva no Torneio Pernambuco-R.G.Norte, com regatas simultâneas em Recife e Natal durante anos. Os dois principais clubes - Sport e Centro Náutico - enquanto isso, disputavam acirrados embates no Potengi, até com muitas brigas na disputa pela hegemonia do remo.

Este era o clima no ano de 1929, quando os clubes promoveram regatas comemorativas dos seus 14° aniversários. Enquanto o Sport trazia o Capibaribe para participar da regata comemorativa, o Náutico trazia uma guarnição do Sport Recife.

Naquele ano em suas regatas os clubes atuavam com excelentes remadores. O Centro Náutico contava com Arlindo Aurélio, Edgar Siqueira, Antônio de Souza, Alfredo Ferreira, Jeremias Pinheiro, Aldo Dantas, José Rebouças Lima, Luiz Trindade, Ovídio Cabral, Reinaldo Mendes Barbosa, Rodoval Cabral, Luiz Siqueira, Nilton Fagundes, Luiz Trindade, Lucylo Leite, Nazareno Itajubá, Manuel Kiplanada, Alfredo Galdino, Pedro Ferreira, José Alves, João Ricardo, Solon Aranha, Humberto Nési, João da Costa Machado, Raimundo Luz e José Antônio.

O Sport, por sua vez, tinha no elenco remadores como Reinaldo Praça, Assis Mansur, Jobel Tinoco, Jairo Tinoco, José Melo, José David, Manuel Canuto, Eurico Borges, Helmuth Ernst, João Alfredo, José e Ricardo da Cruz, Francisco Melo, Clodoaldo Bakker, Walfredo Coelho, Francisco Figueiredo, Gileno Silva, Evilásio Lima, Francisco Costa, Alarísio Moura, Manoel Severino, Sylas Câmara, Raimundo Mesquita, Lourival Rodrigues, Rodolpho Pereira, Lupércio Calixto, Antônio Bento, Antônio Leite, Alberto Mansur além de outros.

Enquanto isso a idéia de um grande raide tomava corpo. Uma difícil prova que merecia apurado trabalho de preparação, e, principalmente, a escolha de uma guarnição forte, capaz de enfrentar a fúria do mar num frágil barco destinado às águas mansas do Potengi.

Para o primeiro teste de resistência foi escolhida a iole "Satélite", construída em 1919, e integrante da flotinha do Centro Náutico Potengi. Os serviços de melhoria e adaptação do barco às condições de navegação no mar, foram feitos rapidamente sob a orientação de Ricardo da Cruz, idealizador do raide.

Pronta e reforçada a iole, os seus integrantes iniciaram treinos levando-a além da embocadura do rio, e aventurando-se às jornadas preliminares até Pirangi. A iole resistiu satisfatoriamente, e foi marcada a partida para o dia 28 de maio de 1932, quando a iole batizada como "Rio Grande do Norte" deixava a cidade rumo ao Recife, levando, além de Ricardo da Cruz como patrão, os remadores Antônio de Souza Duarte, Aldo da Costa Dantas e Jeremias Pinheiro Filho

No dia 30 de maio, depois de percorrerem 150 milhas em 19 horas e 10 minutos os potiguares alcançaram a capital pernambucana lépidos e fagueiros.

FRUSTRAÇÃO

Transposto esse obstáculo, tal era a disposição dos seus integrantes que tiveram a certeza da viabilidade do que a princípio parecia um sonho, o raide até o Rio de Janeiro, mesmo sabedores de que teriam de percorrer as 1.703 milhas que separam os portos das duas cidades.

Passaram então a manter contatos com autoridades navais, distribuíndo planos e rota a ser cumprida. Não levaram em consideração os difíceis caminhos burocráticos, que o pedido de autorização teria de percorrer, sofrendo idas e vindas, indagações, recebendo alguns pareceres favoráveis e outros contrários, o que atrasou por anos a realização do raide, até que afinal chegara a informação de que o Almirante Aristides Guilhen, Ministro da Marinha do Governo Vargas, vetara sua realização no ano de 1937.

O principal argumento para a recusa foi a idade dos integrantes da guarnição, considerada por demais avançada para tão grande jornada. Ricardo da Cruz tinha então 47 anos, Clodoaldo Bakker 44, Luiz Enéas e Antônio Souza Duarte, ambos com 36. Tudo levava a crer que a decisão ministerial sepultaria as esperanças dos bravos potiguares.

PERSISTÊNCIA

O tempo passava inexorável e quinze anos depois do indeferimento, assumia a presidência da República o norte riograndense Café Filho, no lugar de Vargas. Nascido a criado nas Rocas, conhecendo os integrantes da guarnição, Café recebeu novo pedido de autorização para realização do raide, encaminhado-o ao Almirante Renato Guilhobel, seu Ministro da Marinha, para ver as possibilidades, mesmo reconhecendo que talvez a idade os fizesse desistir da aventura.

Não havendo qualquer sinal de desistência do raide por parte de Ricardo da Cruz e seus comandados, foi deferida a permissão solicitada ao Ministério da Marinha.

A largada aconteceu na manhã de 30 de março de 1952, levando a Rio Grande do Norte uma tripulação onde o caçula Oscar Simões, tinha 35 anos, enquanto os demais, de avançada idade para tanto arrojo, acenavam para os potiguares que lotavam as margens do Potengi. O Patrão era Ricardo da Cruz, com seus 62, ao lado de Clodoaldo Bakker com 59 anos, Luiz Enéas com 51, Antônio de Souza Duarte 51 e Francisco de Paula Madureira, com 44 anos.

Durante sessenta e dois dias, a frágil embarcação enfrentou os constantes obstáculos, contra as fortes ondas de um período chuvoso e frio. A iole perdeu a luta no embate com o mar revolto do litoral sergipano, sendo inteiramente destruída ao entardecer de 2 de junho, nas proximidades da localidade Mangue Seco.

Foram os remadores salvos milagrosamente, alguns porém com sérios cortes e machucaduras em todo corpo. Lamentaram a perda, principalmente da imagem da Santa Padroeira de Natal que ia no compartimento da proa. Mergulharam várias vezes tentando localizar a imagem, não conseguindo.

O sonho do raide Natal/Rio parecia ter chegado ao fim.

Puro engano.

REALIZAÇÃO

Após retornarem a Natal trataram da construção de nova iole, mais sólida, capaz de suportar o desafio e concluir a jornada a partir do local do acidente. Instalaram todo o material doado pelo Ministro da Marinha nas oficinas do 5° Distrito de Portos, Rios e Canais, sob a orientação do mestre carpinteiro Luiz Enéas, convidado para ocupar o lugar de Clodoaldo Bakker, que bastante enfermo não poderia continuar. Os trabalhos iniciados em 21 de outubro, foram concluídos em 18 de dezembro de 1952, sendo batizada com o nome de Rio

Grande do Norte II pela "madrinha" D. Jandira Café, primeira dama da nação.

O transporte da iole e sua tripulação foi feita no caça minas "Piranhas", sob o comando do 1º Tenente José Maury de Aguiar Coelho até Aracajú. Da capital sergipana foram de transporte especial até o local do desastre. A partida sofrera várias interrupções, tal o estado violento do mar, e ainda pela enfermidade de que foi acometido o patrão Ricardo da Cruz, que durante dias esteve hospitalizado no hospital da capital sergipana, vitimado por violenta intoxicação.

Finalmente, na manhã de 5 de fevereiro de 1953, partiu a iole ao Rio de Janeiro onde chegou a 21 de maio, sob escolta de número incontável de embarcações. Na guarnição, Walter Fernandes substituíra Francisco de Paula Madureira, que doente, deixou a função de sota-prôa. A concretização do raide, mereceu citação inclusive da estatal radiofônica britânica - BBC, que registrou o feito como um dos mais audazes feitos do remo.

INJUSTIÇADOS

Muitas promessas até hoje não cumpridas, foram feitas aos tripulantes da iole, entre elas a da construção de um mausoléo pela Prefeitura para descanso eterno dos heróis.

O projeto de lei nesse sentido, de autoria de Gilberto Rodrigues, foi esquecido.

O único sobrevivente - Oscar Simões - hoje residente em Santos, chegou a gravar um depoimento dramático para o Museu do Esporte, pedindo apoio dos governantes.

Até o Museu não saiu do papel.

Apesar das inúmeras dificuldades, muitos problemas, repetidas crises e até interrupções de calendários, os clubes de remo decidiram tomar seus próprios rumos após noventa anos de submissão as entidades ecléticas. Primeiramente, pediram desligamento da Federação Aquática, que desde sua fundação em 24 de agosto de 1977, dirigia o remo juntamente com a natação, saltos ornamentais polo aquático e o nado sincronizado.

O remo foi dirigido, inicialmente, por um Conselho de Sports em 1897, substituído pela Associação de Clubes Náuticos em 1909, depois Associação Norteiograndense de Atletismo (1928), Federação Norteiograndense de Desportos (1941), Federação Aquática (1977), até que em 1988 os clubes náuticos, ao lado de ABC e América, decidiram fundar a Federação Norteiograndense de Remo, escolhendo Geraldo Belo Moreno para dirigir e organizar a nova entidade e promovendo as primeiras competições, entregando-a devidamente organizada ao sucessor Fernando José de Resende Nési.

Agora, como prêmio ao pioneirismo do remo entre as demais modalidades esportivas, foi este esporte indicado para integrar a comissão que dirigirá os festejos comemorativos dos 400 anos da cidade do Natal, em 1999, quando a Prefeitura tentará fechar com chave de ouro as comemorações, promovendo uma regata incluindo um páreo entre guarnições das famosas universidades de Oxford e Cambridge no Potengi. O sinal verde para os entendimentos preliminares já foi dado e tudo leva a crer que este será mais um sonho concretizado pelo remo.

Escola Doméstica de Natal

Av. Hermes da Fonseca, 789
Tirol - Natal,RN

Uma casa de Educação de meninas e jovens; dentro dos padrões atuais para o desempenho consciente da mulher cidadã.

2º Grau Profissionalizante na formação da Técnica em economia doméstica.

#Aulas Práticas

- Cozinha Prática
- Cozinha Artística
- Vestuário
- Trabalhos Manuais

Aulas teóricas

- Enfermagem e Puericultura
- Nutrição
- Etiqueta Social
- Arte e Habitação

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

- Puericultura
- Dona de Casa

FORMANDO A MULHER
EDUCANDO A FAMÍLIA
SERVINDO AO BRASIL

http://www.digi.com.br/clients/ed/index.htm
e-mail: ed.natal@.digi.com.br
(084) 222.0964